

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
CAMPUS SUDESTE – MORRINHOS

DEVOÇÃO E FÉ NAS FOLIAS EM MORRINHOS/GO: RESISTÊNCIA NA  
TRADIÇÃO DO CATOLICISMO POPULAR.

JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MACHADO

MORRINHOS

2020

JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MACHADO

**DEVOÇÃO E FÉ NAS FOLIAS EM MORRINHOS/GO: RESISTÊNCIA NA  
TRADIÇÃO DO CATOLICISMO POPULAR.**

Trabalho apresentado à banca final como parte do requisito para o título de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudeste, na cidade de Morrinhos.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Caes

Co-Orientador: Prof. Dr. Robson Rodrigues Gomes Filho

Morrinhos

2020

RD498 d

Machado, José Henrique Rodrigues. DEVOÇÃO E FÉ NAS FOLIAS EM MORRINHOS/GO: RESISTÊNCIA NA TRADIÇÃO DO CATOLICISMO POPULAR. / José Henrique Rodrigues Machado; orientador André Luiz Caes; co-orientador Robson Rodrigues Gomes Filho. -- Morrinhos, 2020. 203 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em História) -- Câmpus Sudeste - Sede: Morrinhos, Universidade Estadual de Goiás, 2020. 1. Folias. 2. Catolicismo Popular. 3. Resistência. 4. Devoção. 5. Fé Popular. I. Luiz Caes, André , orient. II. Rodrigues Gomes Filho, Robson , co-orient. III. Título.

**JOSÉ HENRIQUE RODRIGUES MACHADO**

**DEVOÇÃO E FÉ NAS FOLIAS EM MORRINHOS/GO: RESISTÊNCIA NA  
TRADIÇÃO DO CATOLICISMO POPULAR.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudeste, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Defendida em 08, \_\_\_\_\_ dezembro \_\_\_\_\_, 2020 \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

\_\_\_\_\_ (Assinatura)

Prof. Dr. André Luiz Caes

Presidente da Banca – Orientador

UEG/PPGHIS - PPGAS

\_\_\_\_\_ (Assinatura)

Profa. Dr. Júlio Cesar Meira

Membro da Banca

UEG/PPGHIS - PPGAS

\_\_\_\_\_ (Assinatura)

Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia

Membro da Banca

UEG/TECCER

Resolvem: Aprovar ( x )    Reprovar (   )

Com o conceito: \_\_\_\_\_A\_\_\_\_\_

Observação:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Por ser de entendimento de todos os membros da banca, ratifique-se o resultado.

Dedico esta pesquisa a todos que, de uma forma ou de outra, fizeram-se ser ouvidos em seus credos e ritos: pela voz oportunizada neste texto, que fala do que é popular, do que é simples e original. Sim! A originalidade consiste justamente em se ter algo muito ingênuo e até despretenso. Os foliões que emprestaram suas vozes, sua fé, principalmente nas figuras de Zé Paula e Zé Marinho, da folia da Marcelânia, e Senhor Nenzinho, da Folia do Bom Jardim das Flores, que partiram sem ver este texto concluído.

Relembro a tantos foliões de minha infância, nas roças, na cidade! Dedico ao meu povo da roça, este texto, que me foi prazeroso verificar, pelas lides da ciência.

Às mulheres, razão inicial dessa tradição na região de Morrinhos, e ao vasto e importante núcleo de pessoas que se dedicam às cozinhas das folias. Cozinheiros e Cozinheiras que tratam a arte culinária com tanto esmero e apressado. Sou testemunha ocular de que o segredo da festa está na energia do alimento servido.

Dedico, pois, ao homem do campo e às suas mãos calejadas, que se fizeram hábeis ao tocar a viola, o violão, a caixa ou o pandeiro, para tentar ficar mais perto de Deus, através das Folias! Aos dedos que dedilharam as contas do rosário, meus respeitos. Aos alferes guardiões da bandeira, igualmente! Aos guias que ao lamuriar a toada, cantaram para rezar duas vezes.

A vocês. Para vocês. Por vocês!

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de dizer, com poucas palavras, o que meu coração teria a eternidade para expressar. Foram tantas as lutas... foram tantos os momentos! E agora, com este passo, só consigo olhar para trás e agradecer. A gratidão se aproxima muito do desejo de meu coração, aqui nestas frases.

Agradeço por primeiro, e não por ordem de importância, ao Programa de Pós-Graduação em História na pessoa de seu coordenador, professor Júlio César Meira, pela dedicação e respeito para conosco, e em igual forma a Universidade Estadual de Goiás, que me oportunizou estar neste momento acadêmico, inclusive como seu Bolsista de Desenvolvimento Institucional. Bem como ao eficiente, humano e distinto secretário do mestrado, Thiago Faleiro, muito obrigado!

Não poderia deixar de agradecer aos amigos de turma, os pioneiros: Kymberly, Natasha, Camila, Iago, Wander, Marcos Manoel, Maxmiliano e Vinícius, companheiros de aulas e de viagens em eventos. A quem, em muitos momentos, se fizeram anjos para velar por mim, nos dias de desespero e tribulações. Em vocês tenho a confiança de reconhecê-los como irmãos. Tenham em mim o mesmo! Lhes quero agradecer aqui.

Aos não menos importantes professores em nossa trajetória no programa, meus respeitos, de maneira especial aos queridos Prof. Dr. Rodrigo Jurucê, Prof. Dr. Léo Carrer e Prof. Dr. Robson Rodrigues Gomes Filho, este último, de forma mais afetiva, por ter tido tanto zelo comigo quanto a minhas fontes e documentos, como co-orientador e crítico. Com sua forma afável de colocar teorias de forma contundente me fizeram mais admirador ainda, de uma figura responsiva e muito leal.

Gratidão aos membros de minha banca Prof. Dr. Julierme Morais, na qualificação, por sua forma eficiente de engendrar o pensamento teórico e à Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia que de tamanha sensibilidade com a temática, transborda, e colaborou muito, desde os passos primeiros desta pesquisa, quando dos encontros em eventos, e, mais fortemente na qualificação. E, reiterado agradecimento, ao prof. Dr. Júlio Cesar Meira, a quem nutro uma grande admiração.

Ao meu orientador Prof. Dr. André Luiz Caes, que por tamanho desprendimento começou comigo a história deste projeto há 8 anos. Do destino, aliás, do nosso destino, não houve como fugir. Demorou muito. Ou melhor, não. Chegou em tempo! Obrigado por isto e por

tudo, André. Agradecimento à Beth, luz nos caminhos tortuosos, que me fez entender meu valor e descobrir algo que eu nem sabia que existia em mim.

De forma mais amorosa e muito especial dedico este momento aos meus amigos e incentivadores, gente de alma boa! Prof. Dr. Thyago Madeira França, Prof. Ma. Paula Chagas e Profa. Ma. Wânia Vieira, que sempre torceram por mim e me ofereceram direcionamentos nos perturbados caminhos da vida.

Aos amigos-irmãos de luta e vida Marcelo, Lêda, Renato e Mariana, donos de meus sorrisos mais sinceros.

Agradecimentos especiais à minha querida amiga Aparecida do “Maro”, que muito me ajuda na busca de materiais. Em igual forma Antônio José, Biela e Fátima.

Para os meus amigos Cairo, Belzinha, Florence, Gláucia, Gean e Taíla meus sinceros agradecimentos por tanta parceria. Ah! Tem a Tia Rose, fiel parceira das visitas e entrevistas, a vocês, meu amor e minha gratidão.

Ao Túlio, Germana, Andréia, Ana Carolina e Tuane, meus sinceros amigos. Esta última “passarinho” e está com Deus. Mas teve tempo de ouvir muito sobre esta pesquisa e me disse: - Zé, ficou muito massa! A seu lado, no leito do hospital escrevi as partes finais desse texto. Quis o destino que você figurasse, não só neste momento, mas em todos de minha vida, desde que nos reconhecemos. Meus agradecimentos a vocês, amigos amados.

Aos professores de minha trajetória, de forma amorosa e especial à distinta professora Miriam, primeira de todas, e à professora Sandramar, que de professora tornou-se anjo, em nome delas, agradeço a todos e todas que passaram por minha jornada.

Aos meus familiares queridos, Neusa, Rogério, Bárbara e Rogers, meus agradecimentos e respeitos, sempre. Pela acolhida nos tempos difíceis.

Gratidão aos sempre presentes Lia de Amorim, Felismina de Amorim, Arthur Alberto e Marla Cecília, pessoas que dão orgulho de reconhecer como amigos, e, para além disso, são minha família.

A uma pessoa muito especial que me incentivou desde o começo desta jornada, e que mesmo não estando aqui, nesta vitória, carregará minha eterna gratidão por não me deixar desistir de mim mesmo. A você a energia desse momento. Foi com você que eu vi que os

traços da vida podem ser desenhados a quatro mãos. E, momentaneamente, você não está por perto. Mas não há distância para quem mora dentro do coração da gente!

Em igual forma agradeço a meus irmãos Agnaldo, a quem Deus aliviou deste sofrer-viver, Josilene e Michelle e meus sobrinhos Gustavo e Matheus pela compreensão nos muitos momentos de estudo, ausência e silêncio, durante este período.

Mas os maiores e melhores agradecimentos serão para meus pais, ao *Seu* José e à D. Olga. A eles todos os momentos de felicidade. Foi graças a eles, a seu suor, que nunca me faltou um lápis ou um caderno em um dia de aula. Duas horas eram tiradas da lida de mexer com fumo para meus estudos. Cada momento de vitória é para lhes lembrar que vocês não puderam pendurar nas vossas paredes diplomas com seus nomes, mas eu consegui, meus amados pais, e sei o quanto isto lhes significou. Meu pai hoje, presente em meu coração, vibra de alegria do outro lado, mesmo eu sabendo que seu entendimento de homem simples não alcançaria a explicação deste título. Mas se ele vivo fosse eu explicaria só assim: - Pai, seu filho venceu mais uma batalha para fazer o que o senhor sempre pediu: não desistir nunca, ser sério em tudo, estudar - porque o peso do lápis e menor que o da enxada e ser sempre melhor. Enfim, ele sabe o filho que teve. Obrigado Pai! Que vontade de o ter comigo aqui nesta conquista. Agradeço a minha mãe, uma guerreira, que incontáveis vezes passou fome para que comêssemos, e quando até nós não podíamos fazê-lo, estávamos juntos, ela minimizava a dor e falava: - Deus nos alimenta, meus filhos. Michelle e eu soubemos que por detrás da provação estava um ensinamento de Deus. E foi daí que aprendi a respeitar a fé. Me mantive de pé. E assim sempre estarei. Aos meus pais, minha lembrança sempre grata: o seu filho travesso colocou ciência, onde era só fé. Sua ideia de um Deus acessível, do povo, me fez entender que Ele é uma energia muito intensa. Hoje agradeço, pois, pude levar teoria, ao que em criança via, como seu fazer de devoção.

E assim estarei, grato a todos que passaram pelo meu caminho.

“Não há lugar para a sabedoria onde não há paciência.”  
[Santo Agostinho](#)

## RESUMO

Esta pesquisa traz para o centro do debate as informações circundantes da temática das folias, no município de Morrinhos/GO. Com densas informações que gravitam desde o estado da arte, concepções e mitos fundantes do surgimento ou muitas formas de surgimento das folias, perpassando pela formação de identidade de seus agentes e líderes, chegando às questões que envolvem a tradição, memória coletiva e manutenção dessa tradição. Trouxemos o máximo de riqueza de detalhes sobre os rituais dentro das folias, seus símbolos, fazeres e usos. Com o máximo de riqueza de detalhes que conseguimos explicitar. Há que se reparar que este trabalho consta da ideia de se iluminar as muitas variações das folias em um espaço territorial em que esta crença tem ganhado força a cada ano, mesmo diante das intempéries enfrentadas por estas formas de Catolicismo Popular. Apresentaremos aqui algumas reflexões sobre a resistência do povo frente a tentativa de institucionalização da crença, pelas vias do Catolicismo Institucional, chegando ao entendimento que para além de resistência, as folias caminham num processo de circularidade cultural, provocada pelo hibridismo e seus desdobramentos formadores dessa forma de cultura, que também nos dedicaremos a explicar.

Palavras-chave: Catolicismo Popular; Catolicismo Institucional; resistência; circularidade cultural.

## ABSTRACT

This research brings to the center of the debate the information surrounding the theme of leaves, in the city of Morrinhos / GO. With dense information that gravitate from the state of the art, fundamental concepts and myths of the emergence or many forms of the emergence of folias, going through the formation of the identity of its agents and leaders, reaching the issues that involve tradition, collective memory and maintenance of that tradition . It should be noted that this work consists of the idea of illuminating as many variations of the folios in a territorial space in which this origin has been gaining strength each year, even in the face of the bad weather faced by these forms of Popular Catholicism. Here we present some reflections on the resistance of the people to the attempt to institutionalize the origin, by means of Institutional Catholicism, reaching the understanding that in addition to resistance, the leaves walk in a process of cultural circularity, provoked by hybridity and its unfolding formation in this way of culture, which we will also dedicate to explain.

Keywords: Popular Catholicism; Institutional Catholicism; resistance; cultural circularity.

## CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO DAS FALAS

*Sic. (Erat scriptum)* = assim como estava escrito

---

Grafemas em *itálico* = Texto cantado e ou fala dos informantes

---

Inf.1 até Inf.28 – Informantes da Pesquisa (Guias e Capitães de Folia)

## REFERÊNCIA/FONTE CONTIDA NO MATERIAL COLETADO

MACHADO, 2020. – José Henrique Rodrigues Machado

## CATÁLOGO DOS VERSOS – CANTOS DAS FOLIAS

<b>Verso</b>	<b>Guia</b>	<b>Motivação</b>
01	Jerônimo do “Zeferino”	Cantoria para alguém enlutado
02	Antônio Leite	Oferecimento e Agradecimento da mesa de alimentação.
03	Nicanor Machado “ <i>Canorim</i> ”	Chegada na Residência (Folia de Santos Reis)
04	Nicanor Machado “ <i>Canorim</i> ”	Apresentação de Santos Reis aos moradores da casa visitada (Folia de Santos Reis)
05	Nicanor Machado “ <i>Canorim</i> ”	Pedido de esmola/oferta (Folia de Santos Reis)
06	Nicanor Machado “ <i>Canorim</i> ”	Agradecimento da esmola/oferta (Folia de Santos Reis)
06.1	Nicanor Machado “ <i>Canorim</i> ”	Respostas em Agradecimento a esmola/oferta recebida (Folia de Santos Reis)
07	Júnior	Chegada na Residência (Folia de Nossa Senhora da Abadia)
08	Júnior	Continuação na chegada na Residência (Folia de Nossa Senhora da Abadia)
09	Júnior	Aconselhamento (Folia de Nossa Senhora da Abadia)
10	Birá “Barba”	Chegada na Residência (Folia de São Sebastião)
10.1	<i>Birá “Barba”</i>	Continuação na chegada na Residência (Folia de São Sebastião)
11	<i>Birá “Barba”</i>	Bênção aos moradores, animais e moradia (Folia de São Sebastião)
12	Júnior	Chegada na Residência (Folia de Santa Luzia)
12.1	Júnior	Continuação da saudação na chegada na Residência (Folia de Santa Luzia)
13	Júnior	Aconselhamento (Folia de Santa Luzia)
14	Márcio	Chegada à residência (Folia de Nossa Senhora do Carmo)

15	Márcio	Abençoando um devoto (Folia de Nossa Senhora do Carmo)
16	Márcio	Continuação, abençoando um devoto (Folia de Nossa Senhora do Carmo)
17	Sebastião Alexandre	Chegada na residência (Folia de São João Batista)
18	Sebastião Alexandre	Pedido para a reza do terço e coroação dos novos festeiros (Folia de São João Batista)
19	Sebastião Alexandre	Cantoria contando a vida do santo (São João Batista)
20	<i>Zé Luziano</i>	Chegada na residência (Folia de Nossa Senhora da Guia)
21	<i>Zé Luziano</i>	Abençoando o terreiro (Folia de Nossa Senhora da Guia)
22	Divino	Chegada na residência (Folia do Divino Pai Eterno)
23	Divino	Abençoando o devoto (Folia do Divino Pai Eterno)
24	Divino	Chegada na residência (Folia do Divino Espírito Santo)
25	<i>Birá “Barba”</i>	Chegada na residência (Folia de Santos Esposos)
26	Lázaro	Chegada na residência (Folia de Nossa Senhora Aparecida)
27	<i>Jerônimo “Zeferino”</i>	Pedido de Pouso para os foliões (Folia de Santos Reis)
28	<i>Jerônimo “Zeferino”</i>	Pedido de refeição. (Folia de Santos Reis)
29	<i>Oswaldo “Pedro Siduca”</i>	Cumprimentos aos festeiros
30	<i>Oswaldo “Pedro Siduca”</i>	Desamarrar a fita do arco.

## SÚMARE DE IMAGENS

IMAGEM	DESCRIÇÃO
01	Folia de Santos Reis, Comunidade Mimoso, Zona Rural.
02	Fotografia do altar, com destaque para as notas de R\$ 10,00 e R\$ 20,00, Bandeira de São Sebastião.
03	Fotografia do altar, com destaque para as notas de R\$ 20,00 e R\$ 50,00, Bandeira de Santos Reis.
04	Fotografia do devoto ajoelhado na Bandeira de Santos Reis, destaque para as fotografias afixadas na bandeira.
05	Bandeira da Folia de Nossa Senhora da Guia, Zona Urbana
06	Bandeira Nossa Senhora Aparecida
07	Bandeira de Santos Reis
08	Dispositivo de posições dos foliões para a cantoria
09	Os palhaços à frente da companhia
10	<i>Amarrio</i> com flores na porteira
11	Organização dos foliões frente a mesa de refeições
12	Cravos ou Divisas
13	Foliões Divisados
14	Foliões Patrões e Festeiros se cumprimentando
15	Festeiros com o Encontro
16	Folia Sazonal do Divino Pai Terno
17	Folia de Nossa Senhora da Abadia
18	Devoto ‘Filho de Santos Reis’, em frente a bandeira, sem camisa
19	Devoto pagando promessa, sem camisa
20	Cartucho de doces – matula
21	Missa de envio da Folia Institucional, Bandeira de São Sebastião, Zona Urbana
22	Arco da chegada da folia de Nossa Senhora do Carmo
23	Duas bandeiras no altar, da Missa Solene celebrada pelo Bispo, após a entrega da folia
24	Bandeira da Folia de Santos Esposos, Zona Urbana

<b>25</b>	Mutirão de almôndegas. Festa de Santos Reis, Comunidade Marcelânia, Zona Rural.
<b>26</b>	Folia de Santos Reis da Família “Barba” agradecendo o jantar
<b>27</b>	Mesa servida para os convidados da folia
<b>28</b>	Mesa servida aos foliões
<b>29</b>	Mesa de doces
<b>30</b>	Pagadora de promessa, carregando a bandeiras, descalça.
<b>31</b>	Pagador de promessa, sem camisa durante o giro da folia
<b>32</b>	Pagador de Promessas
<b>33</b>	Pagador de Promessas
<b>34</b>	“Queima”, Embate entre o festeiro e folião

**SÚMARE DE DISPOSITIVOS UTILIZADOS**

<b>Dispositivo 01</b>	Dispositivo das posições das personagens durante a cantoria da folia
<b>Dispositivo 02</b>	Dispositivo das posições de cada membro da companhia de folia na mesa de refeições

**MAPAS**

<b>Mapa 01</b>	Mapa das Folias no município de Morrinhos, Zona Rural
<b>Mapa 02</b>	Mapa das Folias no município de Morrinhos, Zona Urbana

**TABELAS UTILIZADAS**

<i>Tabela</i>	<i>Descrição</i>
01	Dados Bibliométricos
02	Funções na Folia/Quantidade de membros
03	Fala dos Informantes: Quais as dificuldades que são encontradas para a manutenção das folias?
04	Fala dos Informantes: O que você/senhor considera mais importante nas folias?
05	Tabela de população religiosa, IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## GRÁFICOS

<i>Gráfico</i>	<i>Descrição</i>
01	Variação santorial de folias, zona rural
02	Variação santorial de folias, zona urbana
03	Folias institucionalizadas pela Igreja
04	Macrorregiões de Folias em Morrinhos
05	Quantidade de participantes das folias de zona rural
06	Folias da zona urbana: Sazonais, populares e institucionais
07	Escolarização dos Guias de Folia
08	Idade dos Foliões
09	Faixa de idade dos Guias de Folia
10	Quais ritos da Igreja você/senhor participa? Confessa? Comunga?
11	Há quantos anos você/senhor é guia de folia?
12	Quantitativo de anos de participação em folias.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	22
CAPÍTULO 1 – AS FOLIAS NOS ESTUDOS ACADÊMICOS: O ESTADO DA ARTE DAS REFLEXÕES. ....	25
1.1. Folias: tradição e identidade do povo .....	26
1.1.2. As descrições e reflexões sobre as folias em geral. ....	31
1.1.3. As Folias em Goiás e em Morrinhos .....	40
1.2. As Folias, os foliões, a estrutura simbólica e os ícones de uma tradição .....	44
1.2.1. Tipologia das Folias.....	63
1.3 Considerações finais ao capítulo.....	75
CAPÍTULO 2 - GUIAS DE FOLIA E SUA FORMAÇÃO DENTRO DO CATOLICISMO POPULAR. RITOS DA VISITA DA BANDEIRA: UM RETRATO DA TRADIÇÃO POPULAR EM MORRINHOS/GO – A NOÇÃO DE RESISTÊNCIA DA IGREJA EM RELAÇÃO ÀS FOLIAS. ....	76
2.1. Os Guias de Folia: agentes da continuidade da tradição.....	77
2.1.2. As devoções .....	93
2.2. A visita da Bandeira no Giro, o canto e seus significados.....	101
2.3. Símbolos e rituais: as Folias em seu fazer .....	108
2.4. A festa, a gastronomia e os costumes: o popular se mistura com o religioso, e o institucional se levanta ante a tradição. ....	113
2.5. Considerações finais ao capítulo.....	122
CAPÍTULO 3 – CULTURA POPULAR, CATOLICISMO POPULAR <i>VERSUS</i> CATOLICISMO INSTITUCIONAL, RESISTÊNCIA E CIRCULARIDADE CULTURAL: ASPECTOS PECULIARES, ESTÉTICOS E FENÔMENOS EXISTENTES NAS FOLIAS.....	123
3.1. Reflexões sobre a cultura popular: aspectos que fundamentam nosso estudo... ..	124
3.2. O Catolicismo Popular .....	128
3.3. Catolicismo Institucional .....	133
3.4. Resistência do Catolicismo frente à modernidade: o Catolicismo institucional e o Catolicismo popular.....	135
3.6. Circularidade cultural e as Folias.....	138
3.7. Aspectos peculiares, estéticos e fenômenos existentes nas Folias.....	140
CONCLUSÃO .....	144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	146
ANEXOS .....	155

## INTRODUÇÃO

Trazer a descrição e a reflexão sobre a diversidade de uma cultura de fé e devoção, como a das Folias, torna-se algo muito delicado. Trata-se de falar sobre pessoas que dedicam parte significativa de suas vidas a uma tradição cultural e religiosa popular, que envolve um grande número de atividades colaborativas, realizadas pela fé nos santos e pela possibilidade de reunir familiares, amigos, conhecidos e outros tantos devotos e participantes num ritual que ainda simboliza a vida simples do interior e a devoção pura às bênçãos divinas.

Com essa compreensão, iremos fixar esta pesquisa sob a perspectiva das reflexões teóricas da História que possibilitam pensar sobre a tradição, a cultura, o popular, com enfoque particular nos estudos das religiões e religiosidades, procurando integrar os trabalhos sobre as Folias dentro de uma perspectiva de reflexão histórica, com a intenção de mostrar a riqueza deste ritual que resiste – mas também assimila – às transformações da sociedade modernizada, mantendo vivas as devoções e a fé das populações das cidades e do campo.

Procuraremos entender as relações existentes entre o Catolicismo Popular e o Catolicismo Institucional, e como se dão os reflexos desta convivência em termos das reflexões teóricas sobre a cultura popular e seu significado. Procuraremos focar as Folias a partir das noções trabalhadas por alguns autores, cujas contribuições nos permitem analisar nosso tema, entre estes, Bakhtin (2008), Brandão (1977 e outros), Burke (2005 e outros), Canclini (1983, 1989), Chartier (1995), Halbwachs (2013), Hobsbawm e Ranger (1984), Nora (1981), Pollack (1992), todos esses acrescidos por outros entendimentos necessários para compreender como se darão as afinidades, ou não, trazidas nesta pesquisa.

No primeiro capítulo serão abordados os estudos que possibilitam compor um quadro sobre o estado da arte das pesquisas sobre as Folias. Aspectos circundantes da tradição, cultura e identidade do povo, comporão parte importante de reflexões sobre o fazer do cotidiano desta devoção e, ao mesmo tempo, representação. Serão feitas descrições sobre funções gerais das folias. Emergirão deste recorte, as folias no mundo, no Brasil, em Goiás e em Morrinhos, nesta última, residindo o *corpus* da pesquisa. Trataremos de detalhar as folias, os foliões e a estrutura simbólica, e os ícones desta tradição, como forma importante de compreender a grandiosidade desta crença, seu

dispositivo e função. Serão levantadas, o que chamamos, de tipologia das folias, para melhor elucubrar apontamentos sobre o tema. E é neste capítulo que nos proporemos a mostrar um mapeamento das folias em Morrinhos (GO), de zona urbana e rural, em suas funções relevantes quanto ao número de participantes, regiões e números que servirão de pano de fundo para refletir sobre a hipótese desta pesquisa, que pensa as Folias como uma manifestação popular do catolicismo que resiste à institucionalização de seus rituais, de sua fé e devoção, mantendo a autonomia e muitas das características essenciais de seu passado.

No segundo capítulo trataremos alguns aspectos práticos das Folias, elementos que compõem sua realização no cotidiano das comunidades rurais ou urbanas. Também abordaremos aspectos que se referem à linguagem popular e sua representação na manutenção das tradições, os participantes como artífices do processo de continuidade das folias, o impacto nas comunidades, e a autenticidade da crença de cantos em lamúrias como forma de evangelização. Trataremos a tabulação dos dados coletados com 28 guias de folias e um rezador de terço e capitão, que darão, por certo, indícios comprovadores da organização e continuidade das folias. Iremos mostrar, pela fala dos agentes das folias, discursos que indicam suas concepções sobre as folias e também o que é “não-dito”, mas que traz à luz a experiência da resistência em relação à modernização e também à intervenção do catolicismo institucional. Esses discursos nos permitem trabalhar a ideia circularidade cultural, que é fundamental para muitos estudos sobre a cultura. Estes serão balizadores muito importantes no que almejamos com a reflexão sobre uma de nossas hipóteses: a resistência das folias se dá pela própria articulação de seus artífices.

Com abrangência em pesquisas diversas, o último capítulo dará conta de refletir sobre as folias como um patrimônio da cultura imaterial, trazendo informações e reflexões referentes a cultura popular, tradições, simbologias populares, catolicismo devocional santorial/santoral, igreja institucional e igreja popular, todos em consonância com o que se pretende nesta pesquisa: procurar mostrar as folias não apenas como um aspecto de resistência frente à tentativa de institucionalização por parte da Igreja institucional, mas também como uma expressão autêntica da religiosidade do povo, autônoma e criativa, tradicional e, ao mesmo tempo, reinventada cotidianamente.

Iremos apresentar entendimento sobre como a modernidade e os aspectos circulares da cultura das folias, com toda sua riqueza estética, simbólica e fenomenológica, trazem uma consonância de informes e ressoa, de forma efetiva, na

indagação geradora: porquê se mantém tão fortes as folias, no município de Morrinhos/GO?

## **CAPÍTULO 1 – AS FOLIAS NOS ESTUDOS ACADÊMICOS: O ESTADO DA ARTE DAS REFLEXÕES.**

[...] a cultura popular não é algo em si, uma matéria palpável ou um conteúdo que se aprende e se ensina. É a produção da sobrevivência e sempre conflituosa, crivada de interesses divergentes [...].  
(PESSOA, 2007)

Neste capítulo abordaremos as características, as variantes, o posicionamento geográfico e social, e as fundamentações e rituais importantes que incidem sobre a manifestação cultural e religiosa popular das Folias, com particular atenção para as Folias em Morrinhos (GO). Essa abordagem, relativa à compreensão do estado da arte das pesquisas e reflexões sobre esse tema, é nossa proposta para tentar aproximar leitor e pesquisa.

Para esse objetivo, procuraremos trabalhar a compreensão de alguns conceitos que são fundamentais para o entendimento da dinâmica e importância das folias em seus contextos locais. Nesse objetivo, considerações sobre territorialidade<sup>1</sup> (no nosso estudo, uma diferenciação entre o rural e o urbano nas folias), identidade, patrimônio imaterial, cultura popular e tradição, são fundamentais para que se esclareça devidamente as características e relevância das folias, para seus adeptos e para a sociedade.

Procuraremos também abordar as formas como as folias manifestam-se, a partir das análises de alguns autores que pesquisaram sobre essa tradição, assim como pelas observações coletadas no nosso próprio trabalho de campo, observando, participando, interagindo com as folias, com o intuito de não apenas compreender racionalmente seu significado para os participantes, mas também o sentido que essas manifestações religiosas assumem nas vidas dos devotos.

---

<sup>1</sup> O território é, antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem a sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural. Nestas condições, compreende-se de que maneira o significado político do território traduz um modo de recorte e de controle do espaço, garantindo sua especificidade, e serve como instrumento ou argumento para a permanência e a reprodução dos grupos humanos que o ocupam. Almeida, Maria Geralda de. Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo. Uma leitura etnogeográfica do Brasil sertanejo. Disponível em <http://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523211899-15.pdf>, acesso em 11 de setembro de 2020, às 15h10.

### 1.1. Folias: tradição e identidade do povo

Isto posto e figurando uma forma antiga de tradição<sup>2</sup>, bazofiam as Folias de Reis, memória muito simbólica no cenário cultural, e por que não dizer, religioso, do Brasil. Resignificadas em cada região, com dedicação a diversos santos e com aspectos de modernização muito peculiares. Nesse sentido, as folias constituem um elemento significativo da cultura popular brasileira, com séculos de manifestação.

Esta movimentação que aqui iremos trazer, perpassa pelo caminho tateado por Hobsbawm e Ranger (1984, p.122), que em “A Invenção das Tradições” propuseram um diálogo muito certo sobre o poder do povo sobre a popularização de atos e ritos:

“Tradição inventada” entende-se por um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. [...] Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea.

Para nosso *corpus* é importante destacar que as Folias podem ser abordadas como tradições inventadas, podendo ser, por indução, compreendidas – em suas manifestações atuais – como essa “tentativa” de manter “alguns aspectos da vida social” ligados ao passado, como propôs Hobsbawm. Por certo, tem seu berço saído da vontade do povo, ganhando espaço, rito, referência, devoção santorial ou santoral, proximamente ligada ao Catolicismo Institucional, mas independente em sua organização, e muito fortemente contrastando na vida social das comunidades, constituindo parte seu fazer histórico e por sobretudo fixando-se no imaginário coletivo do povo.

---

<sup>2</sup> Entende-se a tradição como um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma. LUVIZOTTO, CK. As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.140. Acesso em 18 de outubro de 2020, às 16h22.

Seu apelo, como uma tradição inventada, foi o fruto de uma construção popular, sem muitas regras, porém, isto não significa desordem ou bagunça, há na festividade e nos momentos religiosos, o que ousamos citar como, momento de reza e momento de festa, em uma gestão entre seus pares, com severas noções de obediência e respeito, deixamos claro. O que significa, em muitos momentos, liberdade de culto e participação. Com isto, a tradição das Folias foi se firmando como um eloquente jogo, no que chamamos acima de invenção. Congregando adeptos e ganhando força.

Assim, consideramos oportuna a proposição de Jörn Rüsen (2010, p. 10), que afirma: “a tradição pode ser entendida como presença pura e simples do passado no presente, sempre ‘viva’ como força influente das chances de vida previamente decididas e como apreensão significativa do processo temporal dos atos que fazem a vida humana”.

Nesse pensamento, o da vida humana, compreendemos que os humanos são seres de relação com o outro, com o meio, com a memória e com as coisas. Esta última relação se dá, muitas vezes, por objetos afetivos, quando materiais, e quando do fazer popular e do imaginário coletivo, imateriais. Nesse sentido, compartilhamos da ideia de cultura imaterial que é proposta por Pelegrini e Funari (2008, p. 2): “se diferem pelo o que é tangível e intangível. Por exemplo: as roupas do Jongo é patrimônio material, a dança de jongo é um patrimônio imaterial. A roupa é possível tocar, a dança é ensinada e identificada pelo reconhecimento corporal e oral”.

Ainda para Pelegrini e Funari (2008, p. 3) há o entendimento que:

Os bens culturais imateriais trazem traços de identidades enraizadas na cultura de um povo, os valores são passados entre as gerações. A maioria desses bens não tem registros literários e nem audiovisuais. Com a interferência da mundialização da cultura, esses patrimônios corriam os riscos do desaparecimento.

Como bem cultural imaterial, como vemos pela perspectiva desses autores, as folias também dizem muito sobre as identidades regionais, sobre os costumes, sobre a forma de pensar, sobre a forma de socializar. Sendo assim, esses rituais religiosos mostram também os traços das resistências às imposições culturais, das negativas de determinada população em substituir completamente o que é tradicional pelo que é moderno ou imposto.

Pensando sobre o vasto campo da identidade, e para este contexto frisamos que

É preciso, ao contrário postular que existe um espaço entre a norma vivida e o vivido entre a injunção e a prática, entre o sentido visado e o sentido produzido, um espaço onde podem ensinar – sem reformulações e deturpações. Nem a cultura de massa do nosso tempo, nem a cultura imposta pelos antigos poderes foram capazes de reduzir as identidades singulares ou práticas enraizadas que

lhes resistiam. O que mudou evidentemente foi a maneira pela qual essas identidades puderam se enunciar e se afirmar fazendo uso inclusive dos próprios meios destinados a aniquilá-los. Reconhecer esta mutação incontestável não significa romper as continuidades culturais que atravessam os três séculos da idade moderna, nem tampouco decidir que, após a corte do século XVII, não há mais lugar para gestos e pensamentos diferentes daqueles que os da igreja, os servidores do estado às elites letradas, pretendiam inculcar em todos. (CHARTIER, 1995, p.182).

Na perspectiva de Roger Chartier, apresentada acima, fica-nos cada vez mais elucidada a ideia de que as identidades constituem um processo infindo de possibilidades, sem que seja cerceado o direito libertário de adaptação e assimilação – ou ainda negação – de dados culturais novos ou impostos por instâncias superiores na hierarquia social (como o Estado e a Igreja institucional). Assim, as folias podem manter seus rituais tradicionais, utilizar os novos meios tecnológicos para se organizar, e manter os elementos que lhes são significativos (vestes, bandeiras, instrumentos, rezas, ritmos, organização), assimilando as necessidades atuais da comunidade.

Aqui entendemos que todos os fazeres sociais, ritos e feitos, promovem, num coletivo, uma formação. Essa formação constitui, no caso das folias, o conjunto total de atividades que lhes são características, que são conhecidas e realizadas ritualisticamente pelos participantes.

E, para complementar nesse pensamento, chamamos o saber de Pollack (1992, p. 200) que questionou e já trouxe algumas respostas sobre a identidade social:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorrem um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Logo, podemos afirmar que a identidade social, por mais que seja algo dentro de uma perspectiva de pertencimento individual, é formada pelos fatos, inclusive históricos, da vida em coletividade, cujos vultos passam a ser formadores daquele povo ou comunidade. O que afirmamos ser o vivenciado nesta pesquisa em relação aos participantes das folias (tanto os realizadores dos rituais quanto os participantes).

Caminhando ainda mais neste terreno, o da formação de uma tradição, trazemos o entendimento sobre memória, e para isto se faz necessário compreender que precisamos

separar os conceitos de memória e história. E explicamos. É comum no processo que envolve tradição dizer que uma movimentação se fez história, porém ao apurarmos os conceitos vemos que o que acontece de fato é que o conceito de consciência histórica é permeado por outras noções, pois dá aos sujeitos envolvidos uma noção de identidade, que fornece uma dimensão temporal, guiando ações, por meio da memória histórica. Esta última é constituída pela vivência pessoal ou coletiva de um grupo. Essa perspectiva, encontramos no pensamento de Pierre Nora, para o qual história e memória não são sinônimos. História é reconstrução e Memória é um processo vivido, em evolução constante. Consoante ao que diz Nora (1981, p.19):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido está em permanente evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconscientes de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manifestações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

A memória é um campo que não se ocupa em detalhes, se alimenta, inclusive de lembranças vagas, e emerge individualmente e em grupo, com natureza individualizada, mas também múltipla, coletiva, plural. Enquanto a história pertence a todos e a ninguém e se liga somente nas continuidades temporais, aos processos evolutivos e a relação entre tudo isto, construída pelos historiadores. Ousamos dizer que memória é o absoluto e história corresponde ao que é relativo. A memória, dita e a história, documenta, escreve.

Halbwachs (2013, p.13) diz que que a memória se ancora no “passado vivido”, e para ele a formação da memória vem das lembranças e reconstruções que aqui, para nosso recorte, o das folias, traremos o conceito de ressignificação. Mas assumiremos uma teoria ainda mais pontual, que nos fará mais sentido, pois ao falarmos na adaptação e tudo que advém dela, ou seja, que as folias passam, na verdade, por processos de ressignificação da tradição.

Temos, então, nessas diversas reflexões, alguns elementos que compõem as folias na atualidade: elas são invenções, no sentido de terem sido criadas e recriadas pelo povo que as vivencia; são tradições que mantêm vivas as particularidades da memória e da história dos participantes, significando um aspecto importante da identidade individual e coletiva dos grupos que as realizam; as folias, no caso de Morrinhos (mas também de outros locais que já foram estudados) constituem uma parte importante da cultura e da religiosidade popular que é parte fundante da cultura brasileira.

Com essa compreensão, seguimos ainda, no que diz respeito à tradição e à identidade própria das folias, que a memória e história desses festejos, iniciam-se propriamente, por empréstimo, de algo muito furtivo trazido pelos africanos, cuja

presença marcante na cultura colonial influenciou sobremaneira na formação da devoção popular:

Se múltiplas eram as etnias o que pertenciam aos grupos negros, introduzidos, no Brasil, diversas eram também as tradições religiosas e as vias de reinterpretação do cristianismo, a escravidão rompia as antigas estruturas sociais equiparando a mesma situação social, elementos pertencentes à nobreza africana e ao povo misturando os povos de origens vários e tradições culturais diferentes; as divindades e os ritos mudavam uma outra orientação, imprimia as representações coletivas tradicionais e a seus significados mais profundos. (COSTA, 1998, p. 283)

Por esse apontamento, podemos mensurar o que de fato impactou no credo popular, que se instalou no Brasil, que desde a colonização foi permeando espaços e fazendo com que surgisse algo novo em nossa formação cultural.

Empreender entendimento sobre este período histórico formador é trazer para a discussão Laura de Melo Souza (2009), que em sua obra “Deus e o Diabo na Terra de Santa Cruz”, na primeira parte, remonta justamente os séculos XVI, XVII, XVIII, períodos em que eram comuns as práticas de feitiçaria, práticas mágicas e, disto tudo foi se firmando a formação da religiosidade no Brasil, com toda uma diversidade, que juntava conceitos vindos dos portugueses, somados aos dos indígenas e também dos africanos.

São todas essas características da história do Brasil que fazem o sincretismo<sup>3</sup> constituir uma constante nas raízes de nossas tradições religiosas populares. E por tal sincretismo os festejos dos santos expressamente vistos em procissões, romarias, rituais e danças foi ganhando muito espaço no Brasil, como observa Azzi (1978, p. 66),

[...] os santos e anjos, tradicionalmente louros, foram aqui obrigados a imitar os homens - nem todos brancos, alguns pretos – muitos mulatos – tornando-se eles também, brancos, pretos, mulatos. Até nossa senhora amulou-se, engordou – criou peito de mãe nas mãos dos santeiros coloniais. E do próprio Cristo imagem que mais se popularizou no Brasil foi a do judeu bem moreno, o cabelo e barba pretos, ou então castanhos, e não do nosso senhor ruivo, que supões a ser histórico ou o ortodoxo.

Como procuraremos refletir mais à frente, a formação desta cultura do catolicismo popular brasileiro surgiu a muitas mãos, empréstimos e ritos. O que era oficial foi se diluindo nas mãos do povo, por necessidade de acesso e apego ao sagrado. As representações e informações ritualísticas contidas no que entendemos como diálogos

---

<sup>3</sup> Sincretismo é palavra considerada maldita que provoca mal-estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, com sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes ou imposição do Evolucionismo e do Colonialismo. [...]. É necessário esclarecer que, embora nem todos aceitem, todas as religiões são sincréticas, pois elas representam o resultado de grandes sínteses integrando elementos de várias procedências que formam um novo todo. Por isso alguns acham redundante falar em sincretismo religioso (FERRETTI, 2007, p. 7).

possíveis de uma representação, ou religiões híbridas como hoje afirmam alguns estudiosos. Nesse sentido, Burke (2003, p. 31) constata que “devemos ver as formas híbridas como os resultados de encontros múltiplos e não como o resultado de único encontro, quer encontros-sucessivos adicionem novos elementos à mistura, que reforcem os antigos elementos”.

Sobre isto, Burke (2003) não intenciona, ao que se apresenta, fechar o debate sobre o hibridismo cultural, mas promove com isso a importância de se acessibilizar todas as formas de manifestação existentes, pois caso isto não ocorra, a oralidade e as relações entre a cultura popular e a erudita ficariam sufocadas. Abdala (2002, p. 16-17) sustenta e corrobora ao dizer que

[...] há a diferença somente na veiculação dessas culturas, institucional e do povo, elas foram difundidas, sobretudo através do texto – textos impressos são compostos, na oralidade, por meio dos causos, contos de mitos, cantorias e lendas populares. Esses dois tipos de culturas podem coexistir lado a lado em um mesmo território.

Consoante a essas afirmativas, alcançamos, uma vez mais que o entendimento sobre a cultura e a manifestação tradicional das folias, hereditária, identitária e arraigada nas comunidades, por ter sua base advinda da cultura imaterial do povo, tem sua data de início com uma dificuldade muito grande de precisão.

Apontamos ainda que nas pesquisas em campo, ao falarmos com alguns foliões e muitos deles, no que tange à origem das folias, afirmam que ela veio com os ciganos asiáticos, tal razão reside no fato que advém da comparação entre a bandeira, também de uso dos antigos ciganos, as roupas ciganas além de seu nomadismo. Logo vê-se que não há uma precisão quanto ao início desta tradição popular.

### **1.1.2. As descrições e reflexões sobre as folias em geral.**

Ao pesquisar os arquivos públicos do Vaticano, em sua página [www.vatican.va](http://www.vatican.va), notamos que inexistem registros na Santa Sé, por certo a tratar-se de uma forma não oficial de Catolicismo. Fatídico é que tal prática inspira-se nas escrituras bíblicas do cristianismo, tendo seu teatro, rito, liturgia e práticas extraídas segundo o livro do evangelista Mateus, que no capítulo 2<sup>4</sup>, também podendo ser visto no evangelho segundo

---

<sup>4</sup> Depois que Jesus nasceu em Belém da Judéia, nos dias do rei Herodes, magos vindos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: "Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela

Lucas, narra a saga de Três Reis Magos, em visita ao Messias recém-nascido, em Belém. Frisamos a efígie bíblica<sup>5</sup> presente nas Folias, como inspiração de suas ações.

Na tradição oral, condicionado ao que ajuizou em seus estudos, Pessoa (2005) classifica os reis como magos astrônomos e astrólogos, exímios estudantes de corpos celestes, reconhecidos pelos nomes de Gaspar, Baltazar e Belchior (Melchior), inclusive replicados na “Bíblia de Jerusalém”, cópia considerada pelo catolicismo a mais fidedigna dos escritos originais. O primeiro, egresso da Ásia, teria partido para a peregrinação levando consigo incenso para proteger o Menino Deus de insetos, além de ser o incenso símbolo de fé e espiritualidade. Baltazar teria saído da África carregando o óleo da mirra (ou resina, de difícil precisão) extraída de uma planta de mesmo nome, perfumada, simbolizando imortalidade. E por último Belchior ou Melchior originário da Europa que teria levado ouro como presente, ilustrando a presença da riqueza e realeza do Menino Jesus.

Outra narrativa possível, para esses reis magos, é a de serem eles magos sacerdotes. Nessa perspectiva, Eliade (2010) nos faz olhar para o Oriente, para a Cítia, região dos antigos praticantes do zoroastrismo, os quais, muitas vezes, eram considerados como feiticeiros necromantes ou aborígenes. Estes são caracterizados magos pelo mundo ocidental, devido aos rituais. A presença e o contato com os hebreus estão expostos na tradição bíblica, no livro de Ezequiel, cap. 38, recebendo o nome hebraico de Mogogue (ELIADE, 2010).

---

no Oriente e viemos adorá-lo". Quando o rei Herodes ouviu isso, ficou perturbado, e com ele toda a Jerusalém. Tendo reunido todos os chefes dos sacerdotes do povo e os mestres da lei, perguntou-lhes onde deveria nascer o Cristo. E eles responderam: "Em Belém da Judéia; pois assim escreveu o profeta: 'Mas tu, Belém, da terra de Judá, de forma alguma és a menor entre as principais cidades de Judá; pois de ti virá o líder que, como pastor, conduzirá Israel, o meu povo' ". Então Herodes chamou os magos secretamente e informou-se com eles a respeito do tempo exato em que a estrela tinha aparecido. Enviou-os a Belém e disse: "Vão informar-se com exatidão sobre o menino. Logo que o encontrarem, avisem-me, para que eu também vá adorá-lo". Depois de ouvirem o rei, eles seguiram o seu caminho, e a estrela que tinham visto no Oriente foi adiante deles, até que finalmente parou sobre o lugar onde estava o menino. Quando tornaram a ver a estrela, encheram-se de júbilo. Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. Então abriram os seus tesouros e lhe deram presentes: ouro, incenso e mirra. Mateus 2:1-11 (BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. Evangelho segundo Mateus).

<sup>5</sup> No Brasil, a catequização promovida por Anchieta utilizava-se das artes, especialmente canto e dança, inserindo-os nas manifestações religiosas oficiais. No século XVI, as festas populares foram condenadas pelos Bispos e, somente depois do Concílio Vaticano II (momento de abertura da Igreja frente as demandas de um mundo assombrado pela globalização) a Igreja católica abriu-se para aceitar a força das manifestações populares. Antes da década de 60, com a não tolerância das manifestações populares, a Folia vai para ruas e zonas rurais periféricas. Desse modo, desenvolveram bastante seu caráter popular, entremeando elementos da vida no campo com acontecimentos bíblicos.

Independentemente das origens dos Reis Magos, essa crença foi transportada do Oriente para a Europa, onde pode ser encontrada uma festa lusitana antiga, com aspiração religiosa, e inspiração nos mesmos. A festa de São Baltazar, dia 06 de janeiro, que comemora a festividade do santo de origem da Frigia, Ásia, com o acréscimo das chamadas “reliquias sagradas”<sup>6</sup> (PESSOA, 2005). Ainda em Pessoa (2005, p. 65) podemos frisar dados interessantes das pesquisas sobre os Reis Magos,

[...] como a cruz, um pano do tipo balandrau, partes de relíquias católicas<sup>7</sup>, muito usuais no século XII, como forma, inclusive, da legitimação do catolicismo. Frederico Barbaroxa quando de sua invasão a Milão, em 1162, encontrou os restos mortais dos Reis Magos, as relíquias, e os únicos documentos que contavam suas histórias e datavam e tempo de vida dos magos: Melchior (Belchior) morreu com 116 anos, em 1 de janeiro. Gaspar, com 109 anos e Baltazar, com 112 anos, os dois últimos falecidos em 6 de janeiro. E, a partir desta data especula-se a tradição do dia à devoção aos santos devocionais do catolicismo.

A partir dessa narrativa, uma série de tradições miméticas, tais como “Janeiras, Companhia de Reis, Festejos de Santos Reis, Terno de Santos Reis, Folias de Reis, Reisadas/Reisados ou ainda Caravana de São Francisco de Assis” (PESSOA, 2005, p. 35) seguiram fortemente na Europa, conservada esta tradição até os dias atuais<sup>8</sup>.

Ao pesquisar o fato histórico do qual se envolve as festividades dos Reis Magos, vemos em Tremura (2009) que na França e em Portugal a tradição é muito semelhante, pois, há o culto ao menino Jesus, espelhado na visitação primeira, como numa peregrinação, com cânticos e procissões pelas ruas das cidades e lugarejos, recontando versos com o fato da visitação dos reis ao recém-nascido, podendo-se, inclusive, ousar dizer que há um processo de aglutinação da narrativa bíblica com o feito dos foliões e folias.

Como parte importante dos festejos é feito um bolo que traz uma fava seca dentro, e quem a encontra no *Galette des Rois*, no francês, Bolo dos Reis, em português,

---

<sup>6</sup> Conforme Cymbalista (2006, p.35): “As *reliquias sagradas*, restos físicos dos santos, principalmente seus ossos, mas também outros artefatos com os quais os santos tiveram contato. Os atributos simultâneos de sacralidade e mobilidade da maior parte das relíquias, sua condição de repositório portátil da história e da memória católicas, deram a esses artefatos uma posição altamente privilegiada como agentes da duplicação do território cristão na América. Mas as relíquias sagradas na época colonial informam ainda mais do que isso: evidenciam aspectos do conflito religioso entre católicos e protestantes, que também aconteceu na América, e, sobretudo, constituíram objetos em torno dos quais missionários e índios estabeleceram um campo de traduções e interlocuções, levando adiante, nas vertentes católica e ameríndia, o difícil trabalho de reconhecimento e apropriação do outro”.

<sup>8</sup> A peregrinação foi chamada em alguns lugares, principalmente na Itália, de Caravana de São Francisco de Assis em alusão ao criador do primeiro presépio montado, em argila, em 1223, para festejar a noite de Natal, não mais na Igreja, como de hábito, mas sim na floresta, desta feita na Floresta do Greccio. Francisco de Assis (1182 – 1226) foi o precursor da montagem do presépio.

será o responsável pela organização do rito festivo do próximo ano. Ficando responsável pelo ‘giro’<sup>9</sup>, ponto primordial da representação, que perfaz o trajeto, com o devido cuidado. No giro não se admite que se volte para trás, tampouco que se façam movimentações de cruzamentos dos lugares antes visitados. Este período na França e em todo o mundo católico é chamado de *Épiphanie*, traduzimos como Epifania do Senhor, data entre o Natal e dia 06 de janeiro, em que a Igreja comemora o dia de Santos Reis, conforme elucida Assouline (2020, p.02). Em igual prática a tradição desta movimentação que remontara a visitação ao Menino Deus, fez-se tradicional na França e em Portugal, com ações de peregrinação, que julgamos ser, semelhantes às folias.

Citamos ainda a referida tradição, com alterações, a Espanha, país cujo costume é de que,

[...] principalmente as crianças, escrevam cartas, coloquem cenouras e capim nos sapatos para alimentar os camelos dos Reis Magos. Nesta tradição é feita o *Roscón de Reis*, o Bolo de Reis, e sobre a quitanda é colocada uma coroa, repetindo a ideia da fava seca, e o contemplado é chamado de o Rei, leva a coroa, se torna o festeiro, e ficará responsável pelos festejos no ano seguinte.

Já na Itália a Festa Della Befana, assevera Assouline (2020, p. 17) que na primeira semana de janeiro utiliza-se música, doces e comidas para festejar o Menino Jesus. A Alemanha repete o mesmo hábito incrementando os cânticos, em ritmo de lamúria, com cinco vozes de cantos, com enlevo ao canto gregoriano, chamado por muitos, o Cântico dos Céus.

Para além da cantoria e da peregrinação, chamada de giro nas folias, que ora nos debruçaremos sobre este conceito, é outro ato que ganha a cena neste tipo de tradição. A gastronomia é um fator que congrega e merece destaque, dada a sua importância, inclusive no rito, com a comida benzida e oferecida, rezada, que iremos tratar posteriormente. E mesmo com o decorrer de tantos anos a prática dialoga entre estas tradições de folia. Não rara, tal prática é notada em quase todas as celebrações religiosas que se tem conhecimento, o que dialoga com a importância dessas realizações religiosas.

Pela história oral ou pela realização de entrevistas que produzem os relatos orais sobre as tradições, podemos recuperar o significado de cada uma dessas práticas dentro das folias, tendo o foco na perspectiva dos participantes, dos mais antigos aos mais jovens. Assim, como diz Thompson (1998) “ a história oral é uma história construída em torno das pessoas. Pois as experiências cotidianas que permitem que as pessoas contribuam para

---

<sup>9</sup> Giro é o nome que se dá ao trajeto, casa a casa, dos foliões e acompanhantes, desde a saída até a chegada. (LARAIA, 1986, p. 34)

o seu fazer-se”. Isto faz um acréscimo de seu campo de atuação. É através da história oral que se tem a tentativa de resgatar experiências pessoais e coletivas.

Ao olhar esta afirmativa vemos a importância da história oral para avaliarmos como foi a passagem das características das folias, cujos modelos vieram da Europa, para os rituais e festejos brasileiros, fato que é de suma importância para nossa compreensão no curso desta pesquisa sobre as Folias de Reis. Na Europa, essa metodologia foi debatida inclusive na Escola dos Annales<sup>10</sup>, com a preocupação justamente na instrumentalização dos recursos dos relatos ou fontes orais, carregados de conteúdo, tradição e experiência de seus informantes. Muitas são as formas de sua validação, usando as Ciências Sociais, por exemplo.

Logo, entendemos que Febvre (1989, p. 249 apud BURKE, 1997), incorpora a este mecanismo, o da história oral, como uma fonte de acesso e garante que

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Assim, procuraremos trabalhar com os relatos orais e com as pesquisas bibliográficas para estabelecer a melhor compreensão sobre a origem das folias e sua adaptação ao cenário religioso e cultural brasileiro, afirmando a importância dos registros históricos e, também, da interpretação ou conhecimento popular sobre o que é esse histórico, ou seja, as leituras que os participantes fazem da história das folias.

Essa análise da história está em foco na pesquisa de mestrado de Ana Paula Santos Horta (2011). Nesse trabalho, essa autora afirma que as folias se inserem no catolicismo não institucionalizado, no qual as formas de contato com o sagrado se dão através da presença materializada de divindades (santos), e, para a mesma, as práticas têm, em muitos casos, permanecido intactas, decorrentes inclusive do isolamento de regiões e distanciamento com o Catolicismo institucionalizado.

---

<sup>10</sup> O princípio da História como um sequencial recorte de fatos, em busca de uma veracidade abstrata, circunscrita ao trabalho exaustivo com fontes documentais escritas, se constituiu em um eixo fundamental das críticas de Marc Bloch, de Lucien Febvre e de uma geração de historiadores que traçaram um profícuo caminho para a construção de um novo paradigma a partir da historiografia francesa (Cf. BURKE, 2004 ).

Ainda na tratativa de reconstruir um possível início da tradição das Folias, buscando as vias da história, Diniz (1991) nos dá o entendimento de que D. João VI, em 1820, isolou o Sergipe da Bahia, dando ao estado independência, e foi neste cenário que surgiram no Brasil os Reisados, mesmo sabendo que os Jesuítas já haviam chegado com o Catolicismo institucional cerca de 320 anos antes. Buscando identidade religiosa e cultural, o brigadeiro Carlos César Burlamáqui, primeiro governador, estabeleceu os reisados<sup>11</sup> no Sergipe, e para este movimento do povo confiou muito apressado e cuidados. E assim foi se disseminando a tradição desta forma de catolicismo, periférico e extremamente particular. Consubstanciado na alegria, felicidade, e mescla entre o sagrado e o profano.

Trazendo àquele momento histórico, Brandão (1981, p.42) informa que surgiram os reisados em todos os estados do Nordeste, porém foi na Bahia que a manifestação tradicional ganhou as ruas. De uma forma mais institucionalizada na Igreja da Lapinha, que após a celebração de Santa Missa acontecia anualmente os Ternos de Reis, momento em que os devotos vestidos com roupas coloridas, tocavam canções e cantavam a temática da visitação dos Reis Magos ao Menino Jesus. Ritualística que acontece até os dias de hoje.

Sobre a região Norte, Suzel Ana Reily (2002) expressa, que dividindo espaço com o Círio de Nazaré, Boi Bumbá, Congadas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, heranças do catolicismo periférico de Portugal<sup>12</sup>, no estado do Pará, possivelmente e que figurou nesse mesmo conjunto, à Festa de Reis, cujo espaço importante no fazer coletivo ganhou expressão. O estado do Tocantins, até 1988 pertencente ao território de Goiás, levou para suas plagas o modelo de folias que são do mosaico devocional de Goiás.

Na região Sudeste as Folias de Reis têm o apelo devocional mais fortemente representado nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, sendo o último

---

<sup>11</sup> O Reisado chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, que ainda conservam a tradição em suas pequenas aldeias, celebrando o nascimento do Menino Jesus. Em Portugal é conhecido como *Reisada* ou *Reseiro*. No Brasil é uma espécie de revista popular, recheada de histórias folclóricas, mas sua essência continua a mesma, com uma mistura de temas sacros e profanos. O Reisado é formado por um grupo de músicos, cantores e dançarinos que percorrem as ruas das cidades e até propriedades rurais, de porta em porta, anunciando a chegada do Messias, pedindo prendas e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam. A denominação de Reisado persiste ainda em Alagoas, Sergipe e Bahia. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/reisado/>, acesso em 18/08/2020, às 14h20

<sup>12</sup> Pesquisadores como Carlos Rodrigues Brandão (1981), Suzel Ana Reily (2002) e Luís da Câmara Cascudo (1962) consideram que o ritual da Folia de Reis, originário da cultura europeia, chegou ao Brasil ainda no período colonial, e aqui iremos assumir esta perspectiva.

considerado o estado com o maior número de folias do país<sup>13</sup>. Cabe lembrar que o estado de São Paulo apresenta também quantitativo, que consideramos, razoável de folias, sem que possamos precisar número por termos encontrado dados na Secretaria de Cultura do Estado.

O Centro-Oeste exhibe a força desta tradição em território central do Brasil. Tendo representação em todos os estados desta região federativa com sua maior parte constituída de cultura e tradições tipicamente rurais, especificamente por sua tendência econômica galgada na agricultura e com hábitos campestres, ganhou importante força no centro-oeste brasileiro a tradição das Folias, cuja manifestação é evidente.

E aqui sugerimos que tal tradição passou a ser incorporada ao fazer coletivo das comunidades, propondo-lhes agenda anual, ganhando destaque como uma forma de catolicismo, que, inclusive, manteve-se forte também nos centros urbanos. E é no campo que a tradição das folias desenvolve ainda mais seu caráter popular, entremeando elementos da vida no campo com acontecimentos bíblicos.

O que conduzia a identidade da religião rústica dos moradores caipiras era a formação e a reprodução de uma ordem religiosa derivada, mas ativamente tornada própria e comunitária através da garantia de um distanciamento frente ao controle da Igreja Católica (BRANDÃO, 1985, p. 45).

Vemos, no que anteriormente citamos, a enorme força das práticas das Folias espalhadas pelo Brasil, ressignificadas, concordamos, com particularidades em cada região ou estado, carregando consigo enorme carga de sentido, representação e extrema simbologia do que até aqui nos propusemos a observar. Citar uma única forma de representação das Folias nos distanciaria sobremaneira de nosso efetivo pensamento.

Na tentativa de lançar um olhar amplo, trazendo para si o uso da ciência, buscamos compreender as folias através de uma pesquisa bibliométrica, cujo objetivo se deu por mostrar nos sítios de pesquisas acadêmicas, a representatividade e aparição do verbete de busca “Folia”, em suas mais diversas variações de nomenclatura, inclusive, mostrando a diversidade pelas regiões do país, como já elencamos anteriormente.

---

<sup>13</sup> Ao buscar documentos sobre possíveis Leis e registros, contactamos, via e-mail, a Secretaria de Estado da Cultura do Estado de Minas Gerais que nos forneceu a informação de que as Folias de Minas Gerais, no ano de 2017, receberam do Conselho Estadual do Patrimônio de Minas Gerais, via deliberação CONEP número 01/2017 cujo teor trata do registro das folias como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Minas Gerais, em publicação na edição do Diário Oficial do estado (DOEMG) Ano 125, número 20, página 65. Com efeito tal declaração de Patrimônio Imaterial do Estado, foi empunhada dada a tradição da força ali presente.

Nota-se pouco interesse, ou quase nenhum, pela tradição, em algumas regiões do país, pela pesquisa científica dessa tradição popular. Os festejos das folias são muito explorados, neste contexto, por sociólogos e cientistas da religião, que, em grande parte, querem permear o mundo destas tradições do catolicismo. O estudo bibliométrico abaixo coaduna com a ideia de que algumas regiões do país apresentam mais fortemente a tradição que outras.

Desse modo uma pesquisa assim, faz o levantamento de informações pelo verbete pesquisado, e tem por objetivo ilustrar, quantitativamente, o número de estudos e pesquisas científicas, em andamento e concluídas sobre o que se pesquisou. No caso em referência, foram pesquisados por região, verbete e variação do verbete, e a partir dos resultados, apresentaremos na forma de Tabela 01:

	<b>PESQUISA PELO NOME (verbeta): FOLIA</b>	<b>OUTRAS NOMENCLATURAS/verbetes (REISADOS E FOLIAS DE REIS, TERNO DE REIS, FOLIA DO DIVINO PAI ETERNO)</b>
<b>NORTE</b>	Scielo – Zero Google – 14	Scielo – Zero Google – 6 (4- REISADO E 2- FOLIA DO DIVINO)
<b>NORDESTE</b>	Scielo – Zero Google – 5	Scielo – Zero Google – 4 (Reisados e Terno de Reis)
<b>SUDESTE</b>	Scielo – 5 Google - 112	Scielo – Zero Google – 45 (maioria em Minas Gerais e Rio de Janeiro)
<b>CENTRO-OESTE</b>	Scielo – Zero Google – 186	Scielo – Zero Google – 200
<b>SUL</b>	Scielo – Zero Google – Zero	Scielo – 2 Google – Zero

Tabela 01 - Base de dados constam no *Web of Science (WoS)*, captados em 21 de janeiro de 2020, às 16h50. MACHADO, 2020. Fonte: Pesquisa de Campo, 2019-2020.

As informações contidas na Tabela 01 citada foi o fruto da metodologia de bibliometria, como dissemos, e que, conforme Nacke (1983, p. 54), é uma “análise estatística dos processos de comunicação escrita, tratamento quantitativo (matemático e estatístico) das propriedades e do comportamento da informação registrada via rede de internet”. Tal meio visou levantar, de forma digital a aparição de terminologias sobre folias.

Se observarmos os dados levantados na tabela, poderemos perceber que, nas regiões em que se iniciaram a colonização dos gentios no Brasil, esta tradição não tem muitas pesquisas de força, se comparados, por exemplo, ao Sudeste e Centro Oeste. Porém isto é somente uma constatação superficial que, entendemos, deve ser aqui citada. Não obstante citar que esta base de pesquisa não leva em conta, por exemplo, que os

maiores motivadores de produção científica do país concentram-se na região sul e sudeste, não nos cabendo assim, fazer um juízo por sobre o que chamamos de força da tradição das folias, aqui citado, nas buscas em sites científicos.

Pelos levantamentos nos sites de pesquisa científica, apresentaram-se números muito maiores que no Nordeste, estados com maior influência dos colonizadores e com maior tempo de colonização.

E ao nos depararmos com tamanha riqueza de pesquisa, mesmo em quantidades, que consideramos, pequena, dados aos mais de 200 mil verbetes de pesquisa disponíveis, ilustramos, por exemplo, pesquisa promovida por Christian Dennys Monteiro de Oliveira (2004), da Universidade Federal do Ceará, região Nordeste, na área do Turismo, explorando as folias em seu cerne de festas populares religiosas, contrastando com suas dinâmicas espaciais. Esta pesquisa verifica as movimentações e reflexos de tal festa no cotidiano turístico do estado. Seguindo o mesmo caminho metodológico nos deparamos com pesquisa publicada pela Revista Brasileira de História das Religiões, gerida pela ANPUH, que trouxe resultado de uma pesquisa desenvolvida por Mauro Passos (2008), que na área de Ciências da Religião, intitulou seu texto “Lá vem a Bandeira... os Reis e seus atores”, tratando diretamente a questões dos elementos místicos e do corpo sagrado que envolve as folias, com depoimentos de seus atores e agentes, no estado das Minas Gerais.

Por consecutivo, surgiu uma pesquisa feita na região Sudeste, pesquisada por Maria Célias da Silva Gonçalves (2009), ao departamento de Sociologia da UnB, Universidade de Brasília, por meio da qual trata as Folias de Reis, tradições, costumes e performances artísticas construindo a identidade do folião no estado do Rio de Janeiro, e que em cuja pesquisa há uma reflexão pontual sobre os agentes das folias, suas práticas e mecanismos sociais, sua renda e modo de vida.

Áreas diversas como Serviço Social e Filosofia, que trabalharam, por exemplo, Cláudio Eduardo Rodrigues (2009), da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha, com a proposta de se entender o sentido mítico das folias, numa região considerada a mais pobre do país. E com mais proximidade um projeto pesquisado pela professora Maria Idelma Vieira D`Abadia (2018), que juntamente com uma orientanda, trouxe um produto interessante sobre “As Folias de Reis e Festas de Padroeiros: Práticas Festivas e Devocionais no município de Anápolis-GO”, cuja finalidade foi levantar e mostrar a dinâmica das paisagens construídas nas manifestações culturais das religiosidades.

Por certo, ao se pesquisar e pinçar os grandes vetores de simbologias presentes nas folias, aproximamo-nos de um lugar comum: a fé, a religião do povo e a institucionalidade, ou não, do culto.

### **1.1.3. As Folias em Goiás e em Morrinhos**

Na região de Morrinhos, Goiás, as Folias têm uma força expressiva de aglutinação, que une pelo valor da religiosidade contida em todos os seus atos, no que tange a representações simbólicas e até mesmo na gastronomia. Esta última com muita intensidade, pois, como na maioria das festividades populares, o aspecto gastronômico é uma presença marcante. Variando, inclusive, nas folias de alguns santos. Com particularizações de cardápios e formas de representação. Vale ressaltar que há diferentes formatos de folias. Em alguns lugares conservado o nome de reisados, espalhados por todo o Brasil. Em pesquisas prévias, pudemos apurar a presença de folias/reisados em todas as regiões do país. A efeito, em Casa Grande e Senzala, Freyre (2001) apresenta a seguinte ilustração: “A religião tornou-se o ponto de encontro e de confraternização entre as duas culturas [...] o senhor e o escravo, o rico e o pobre, e nunca uma intransponível ou dura barreira”. (FREYRE, 2001, p. 410)

Nessa perspectiva, analisar as Folias de Reis e de outros santos, na região de Morrinhos, abordando seus diversos aspectos históricos e linguísticos (mas que são atravessados também por diversos outros saberes, como culturais, religiosos, políticos), de forma a compreender a força dessa tradição que, nesta região, pertence aos festejos rurais e urbanos, reforçando sua riqueza simbólica, ainda que no contexto de uma sociedade altamente urbanizada e midiática.

Importante que sejam clareadas, historicamente, as Folias de Reis, tinham um intuito, como tem até hoje, de reproduzir, por teatralidade, um aspecto religioso: a saga da visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. Com uma forma de lamúria ou cântico, que remonte tal feito. A visitação ao menino Deus foi adaptada e colocada como o aspecto simbólico e ampliada para diversos santos da fé católica.

As Folias têm sido passadas de geração a geração, notamos que, sem o devido cuidado de sistematizar suas práticas. Assim, entendemos ser de essencial relevância a

construção de um entendimento sobre as Folias, com olhar focal em sua linguagem, sua formação, dizeres, saberes populares e sua sustentação e resistência na sociedade.

Antes de nos aprofundarmos mais nas folias de Morrinhos, cabe destacar a presença dessa manifestação cultural popular no Estado de Goiás, e incidir foco para entender esta tradição. Goiás, estado tipicamente rural por sua formação econômica<sup>14</sup>, com cidades pequenas, é local importante das folias. Nas cidades há a extensão desta cultura tradicional do campo. Levantamos que, há a presença de folias em aproximadamente 120 municípios goianos, conforme dados informados pela Secretaria de Estado da Cultura do Estado de Goiás.

Pontuamos que nos dez maiores municípios apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) do censo 2010, está presente a tradição das folias, nos promovendo a reflexão de que mesmo com o processo de êxodo rural, as folias, tipicamente do campo, permeiam os grandes centros urbanos a exemplo, em Goiás, de Goiânia (capital), Aparecida de Goiânia, Anápolis, Rio Verde, Luziânia, Águas Lindas, Valparaíso, Trindade, Formosa, e Novo Gama. Porém em cidades como Itapuranga, Itapirapuã, Inhumas, Anicuns, Cidade de Goiás, Itaguari, Nova Veneza, Pirenópolis, Quirinópolis e Morrinhos é que figuram a lista de cidades com grande número de companhias de folias em todo o estado, conforme Anuário de Cultura de 2006, produzido pela AGEPEL, Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira.

Surge então, mediante ao exposto acima, uma ruralização, embasada na necessidade da sociedade de buscar outra forma de sobrevivência e sustentação. O estado passa a ter uma tendência voltada ao campo, com todas as implicações a ela condicionadas: falta de acesso, distanciamento das instituições, diga-se a Igreja, e outras formas de convivência social, provocando assim, a descoberta de outras formas de interação, seja na parte social, seja na parte devocional, de acesso ao Sagrado.

Para a presente pesquisa, de modo mais direto, abordaremos a cidade quase bicentenária de Morrinhos. Estabelecida no século XIX, Morrinhos tem sua história de fundação ligada às teias do catolicismo. Vindos de Patrocínio, estado de Minas Gerais, os

---

<sup>14</sup>A transição da sociedade mineradora à sociedade agropastoril aconteceu em Goiás em 1809, quando D. Francisco de Assis Mascarenhas vislumbrou outras possibilidades que não às de economia do ouro, que com sua decadência afetou a sociedade goiana, sobretudo na forma de ruralização e regressão a uma economia de subsistência. [...] com a decadência ou desaparecimento do ouro, o governo português precisava canalizar mão-de-obra, foi uma espécie de colapso de atividade econômica. PALACIN (1989, P.14)

irmãos Correia Bueno<sup>15</sup>, família que por ali chegou, firmaram-se diante de uma promessa oferecida a Nossa Senhora do Monte Carmelo, anos mais tarde popularizada pelo nome de Nossa Senhora do Carmo. Passamos aqui a saber que de acordo com Zilda Diniz Fontes (1986, p. 17), Antônio Correia Bueno tinha cometido um crime de assassinato na região de Patrocínio, e não tinha mais condições de lá permanecer. Diante disso saíram em busca de novo lugar para viverem, com uma promessa empenhada à Senhora do Carmo, de que, se encontrassem bonança e paz, firmariam morada e ergueriam uma capela com dedicação à Santa do Escapulário<sup>16</sup>. Anos mais tarde a capela foi construída e sua dedicação feita à Nossa Senhora do Monte Carmelo.

A fundação da cidade de Morrinhos é uma referência aos ideais santoriais da Igreja Católica Apostólica Romana, fator histórico que consegue explicar muitos eventos acontecidos, desde sua fundação, com apelo religioso católico. Conscienciados que, mesmo fugindo de delito cometido no estado das Minas Gerais, o apelo religioso de fundação da cidade interferiu fortemente na formação de seu povo, não se excetuando o culto aos preceitos do catolicismo. Não tardou para que Morrinhos também experimentasse os efeitos da urbanização, que marcou o Brasil no final do século XIX e início do XX. Aqui também se repete o drama das transformações que fizeram o rural interferir na organização do urbano e o urbano determinar as mudanças que afetaram o rural. O urbano como algo mais erudito e o rural com algo mais popularesco. O que pode ser definido como o moderno e o tradicional passam a estabelecer uma relação silenciosa de poder. O povo e as instituições, neste espaço temporal, conflitam em sua trajetória.

Cabe aqui lembrar, que em Morrinhos, que chegou a ser chamada de “Atenas de Goiás”, por ser considerada uma cidade com alto nível de formação de suas lideranças e elites, também foi marcada pela presença constante da Igreja institucional – os Padres Estigmatinos – na educação local (SANTEE, 2017).

Emblemático pensamento de Chartier (1995, p.92) que afirmou

[...] pode-se acrescentar que o contraste entre estas duas perspectivas: a que enfatiza a autonomia simbólica da cultura popular e a que insiste na sua dependência da cultura dominante tem servido de base para todos os modelos

<sup>15</sup> Antônio, Inácio, Gaspar, Vicente, Jacinto, Manoel e Pedro, naturais de Patrocínio, Minas Gerais. FONTES (1986, p.15)

<sup>16</sup> A palavra escapulário, vem do latim, escápula, que significa armadura, proteção. O escapulário é uma forma de devoção a Maria Santíssima. O uso do escapulário é um sinal de confiança em Nossa Senhora do Carmo. O escapulário, segundo o Concílio do Vaticano II é Sacramental, um sinal sagrado, obtendo efeitos de proteção da Igreja Católica. É uma realidade visível que nos conduz a Deus. Santa Tereza dizia que: portar o escapulário, era estar vestida com o hábito de Nossa Senhora. <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-do-carmo/37/102/>, acesso em 30/01/2020, às 12h.

cronológicos que opõe uma suposta idade do ouro da cultura popular, onde vigoram censura e a coação, quando ela é desqualificada e desmantelada.

Enfatizamos esta tratativa, já de início, em mostrar os flancos distintos de força existentes entre a cultura do povo e a cultura letrada. Opostas, que para Chartier (1995, p. 180) esta oposição se faz termo à celebração de uma cultura popular em sua majestade se inverte em uma descrição em negativo; o reconhecimento da igual dignidade de todos os universos simbólicos dá lugar à lembrança das implacáveis hierarquias do mundo social.

No Brasil, cabe lembrar que as festas populares, inclusive as do catolicismo do povo, foram condenadas pelos Bispos desde o final do século XIX, e somente após a lavratura do Concílio do Vaticano II<sup>17</sup>, em seu Decreto *Ad Gentes*, de 7 de dezembro de 1965, que tratava da ação evangelizadora da Igreja e somente depois de sua ordem de cumprimento é que houve uma abertura para que ações populares passassem a ser de forma mais vagarosa, aceitas ou admitidas. Na década de 1960 estes tipos de manifestações de catolicismo popular ganharam mais notoriedade, e, ocuparam de fato o coletivo na zona rural, com maior efervescência.

Logo, implica-nos dizer que a partir dessa discussão, a cultura popular exige para si uma categorização da própria reação e dominação social, sob o cuidado de que em cujas metodologias de padronização, interferir diretamente para que não haja ideias relativistas e que a legitimidade cultural das tradições seja resguardada. A exemplo de uma fundamentação proposta por Jean Claude Passeron (1991, p.22) como existindo “cultura popular e cultura letrada, cabem, de forma superficial, o que queremos e pretendemos nesta pesquisa, mostrar, o desejo da cultura erudita de dominar a conduta da cultura popular”<sup>18</sup>.

Em conformidade e somente com terminologia diferente do que afirmamos anteriormente, logo, pode-se associar cultura popular e religião popular, e, cultura erudita e religião institucional. Frisamos que iremos trabalhar, o que aqui citamos, de forma mais aprofundada no segundo capítulo, por termos de embasar, de forma contundente tais pontos, um a um, sempre na tentativa de iluminar nosso objeto de pesquisa.

---

<sup>17</sup> Concílio do Vaticano II  
[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19651207_ad-gentes_po.html)

<sup>18</sup> Tradução feita pelo pesquisador.

## 1.2. As Folias, os foliões, a estrutura simbólica e os ícones de uma tradição

As folias, cujos nomes variam de região para região, mudam também nos aspectos formais e simbólicos, mesmo sabedores que somos que entre elas há um conjunto de características e estruturas simbólicas comuns, cujas variações aparecem em contextos que se modificam, desde o poder aquisitivo de seus membros, até à região geográfica que se apresentam.

Utilizaremos a terminologia folia, por ser, na região estudada, recorrente em todos os grupos. Na cidade de Morrinhos, nas informações que levantamos em nossa pesquisa, demo-nos conta de que já houve diversos nomes, tais como: companhia, terno, caravana, embaixada, jornada, charola, dentre outros.

Importante a ser dimensionado é o estilo rural das folias. Sua territorialidade assume lugar de destaque, uma vez que, mesmo na cidade, as folias têm suas raízes no campo seja pela estrutura ou por seus membros. O espaço campo passa a assumir um caráter muito mais específico, ampliando a territorialidade, e na análise de Bonnemaison (2002, p. 107):

A territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba, ao mesmo tempo, a relação com o território e, a partir dela, a relação com o espaço estrangeiro. Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que impele para fora do território, lá onde começa o espaço. Portanto, toda análise de territorialidade se apoiou sobre uma relação interna e sobre uma relação externa: a territorialidade é uma oscilação contínua entre o fixo e o móvel, entre o território que dá segurança, símbolo de identidade, e o espaço que se abre para a liberdade [...].

Neste contexto é que conseguimos perceber que o território consegue, muitas vezes, explicar a identidade das folias, que ocupam espaços, inclusive urbanos, mas não perdem suas raízes do campo, tendo em vista que a maioria de seus agentes, os foliões, e artífices tem ligação com o campo.

Levantamos e achamos importante citar que os territórios assumem vida, e passam a fazer parte, como entes de um processo cultural peculiar. Acabam, que por uso, acompanhando as pessoas que participam desta forma de tradição, seja no campo ou cidade. Ilustramos ainda que os territórios, enquanto espaços, sofrem alteração e ganham enredo importante no entendimento sobre o fazer popular. As comunidades que recebem as festas das folias têm sua rotina modificada e isto faz com que o cenário fique em igual forma: modificado. Seja pela presentificação da caravana religiosa, seja pela alegria que tal evento é impelido.

E mesmo com os processos de modernização levados pelo capitalismo, as folias mantêm-se, em alguns aspectos de seus rituais, invulneráveis a mudanças, o que, noutra grafia, Rigonato (2017, p.78) analisa como (re) existência vinculada à ressignificação de práticas de elementos socioculturais, que pretendidamente podemos aplicar ao que acontece nas folias. Torna-se imperioso que tratemos as questões que envolvem o capital e as folias, uma vez que infundem na tradição, influência muito grande.

Tipicamente rurais, as Folias têm ocupado espaço nas cidades, movimentação esta, provocada pelo êxodo rural, evidenciado inclusive nas culturas de cana-de-açúcar, soja, milho e sorgo no município de Morrinhos, (IBGE, SENSO RURAL 2018), que mostram uma população rural diminuída. Logo influenciando esta tradição. Contudo, tem-se os ajustes necessários na tradição: de forma mais modesta, com menor número de dias de peregrinação, com festividades menos elaboradas, as folias seguem nas zonas urbanas, com ares, personagens com influências no campo e ritos bem rigorosos. O poder do capital influi e interfere, inclusive na ideia de resistência dessa forma de Catolicismo Popular.

Outro fator que permeia esta forma de tradição, e que aqui trazemos para o centro do debate, são as implicações dos hábitos das pessoas e tradições.

[...] dessa maneira foi superada, pelo menos verbalmente, não só a concepção antiquada de folclore como mera coleção de curiosidades, mas também as posições de quem distinguiam nas ideias, crenças, visões de mundo das classes subalternas nada mais do que um acúmulo inorgânico de fragmentos de ideias, crenças, visões de mundo elaborados pelas classes dominantes sobre a relação entre cultura das classes subalternas e das classes dominantes. (GINZBURG, 2007, p. 12).

Reside neste embate, na tratativa de tolher a manifestação do povo é que nos colocamos veementemente a argumentar que sua forma e modo são peculiares e carecem sim de uma atenção, cuidado, estudo e percepção. Conforme Ginzburg (2007), verbalizar sua cultura é uma forma eficiente e típica do que é popular. Não se necessita de letramento para se difundir o que é popular. Tal mecanismo é gratuito e eficiente.

[...] nessa religião popular, concentrada na humanidade e pobreza de Cristo, teriam difundidos de forma harmoniosa, o natural a tolerância às injustiças e a revolta e opressão. Dessa maneira é claro, troca-se literatura popular por literatura destinada ao povo, continuando sem se dar conta, nos domínios da cultura produzida pelas dominantes. (GINZBURG, 2007, p. 14).

Neste momento faz-se oportuno frisar a importância da iconografia das folias. Lembrando que é utilizada para a produção de conhecimento histórico, em que um recurso é utilizado para analisar o presente e o passado, com vistas em interpretar

realidades, analisar e buscar entender as expressões sociais que estão no presente, como comenta Borges (2003, p. 76) “como atores e intérpretes de mudanças em andamento, os historiadores problematizam a realidade social, voltam-se para o estudo da multiplicação de práticas sociais gestados por homens e mulheres dos períodos anteriores”.

Passamos a saber que “as fontes nunca são completas, nem as versões historiográficas são definitivas” (PAIVA, 2006, p. 20). Então, a iconografia serve-nos, neste ponto para analisar a cultura e o cotidiano pela expressão de seus agentes, indivíduos das ações sociais humanas, que, segundo Borges (2003, p. 77-79)

[...] em que se pese a importância das imagens visuais no cotidiano dos indivíduos, a prática da pesquisa histórica traduz o peso de sua própria tradição. Os processos de instituição, emissão, difusão e recepção das áreas dos sentimentos das atitudes de um determinado grupo, campo por excelência do historiador da cultura.

E para Joly (1996, p. 18), o campo visual está ligado também à representação: “afrescos, pinturas, mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho, gravura, filmes, vídeo, fotografia e até imagens de síntese”.

Entendemos, portanto, que o termo iconografia ou iconologia esteve relacionado estritamente à história da arte até as décadas de 1920 e 1930 e, remete ao estudo da origem e formação das imagens. Os historiadores da arte desse período priorizaram o conteúdo intelectual dos trabalhos, visando compreender os aspectos implícitos. Segundo Manguel (2001, p. 21),

[...] as imagens, assim como as histórias, nos informam, remetendo o leitor a outras formas de percepção da realidade. Os seres humanos que habitavam as cavernas em tempos remotos não tinham uma concepção apurada de técnica e formas de comunicação, no entanto, foram capazes de comunicar a memória de sua presença com os desenhos e símbolos retratados em paredes.

Logo, a imagem possui uma mensagem visual, é uma linguagem que expressa e comunica algo a alguém. Peter Burke (2004) aponta para a existência de uma

“invisibilidade visual”, deixando-se de tratar a imagem como evidência histórica. Imagens nos permitem imaginar o passado de forma mais vivida [...]. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2004, p. 17).

Faz-se de vital importância o uso da iconografia, como ferramenta metodológica, para compreender as Folias, pois há a lida com o imagético em toda sua cadeia de representações. Para demonstrar a importância das imagens e visual nas folias, utilizaremos e comentaremos diversas imagens na continuidade do texto.

Antes disso, é importante perceber que estão inseridas nesta tradição algumas informações em seu contexto geral, todo o aporte do ícone, porém a noção dos artífices ganha espaço que, em sua teatralidade, promove e dá movimento à tradição. Citamos, por exemplo, sua organização e gestão. A noção de severidade relacionada à hierarquia, em que o Capitão da Folia, que muitas vezes acumula a função de Guia da Folia, exerce a função de uma espécie de “coordenador de tudo”, ficando ele, juntamente com o Chefe ou Folião (pessoa responsável pela saída da Folia) daquele ano, responsável por ajustar os pousos e almoços, alimentação para a companhia, composição do grupo de Instrumentistas/Tocadores e Cantadores da Folia, bem como a tutela de gerenciar as ações do grupo, frente aos aspectos ritualísticos. Geralmente, nas folias, há a figura do alferes, que muitas vezes é ocupada pelo Folião. Há a figura dos palhaços ou bonecos, com complexa tarefa no rito. Rezador de Terço/Benzedor também é uma figura que está na companhia de folia.

Dentro deste conjunto humano simbólico é preciso que se destaque os objetos rituais como as máscaras dos palhaços, toalhas dos foliões, bandeira, cravos/divisas, fitas e flores dos instrumentos, rosários, e os instrumentos: violas, violões, caixa, pandeiros, sanfona/ acordeom.

A Imagem 01 consegue ilustrar o que apresentamos acima: os foliões a seus instrumentos:



Imagem 01 - Folia de Zona Rural – Região Mimoso. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Percebe-se que há um cuidado particular com o aspecto visual, tanto dos trajés como dos próprios instrumentos, que são acompanhados, em alguns casos, de enfeites

(em geral com um apelo ao sagrado do tocar na folia). As roupas dos palhaços e as máscaras são partes fundamentais e fazem parte da tradição, não podendo ser vestimentas comuns e sem as características que lhes são próprias.

Trataremos de lançar um olhar sobre a Bandeira, ícone importante dentro da ritualística. Ela serve aos foliões como balandrau, guia e proteção. É por ela, nela e através dela que muitas partes do ritual se concentram. Geralmente enfeitadas com flores, fitas, trazendo o ícone da dedicação do santo, apresenta para além disso algumas curiosidades. Por exemplo, é comum ver ofertas de cunho material nela afixadas: dinheiro, cheques com valores, figuram uma parte peculiar da tradição.

Outro fato intrigante é a quantidade de fotografias, geralmente de pessoas em situações de necessidade, de alguma enfermidade, em leito de hospital, e até mesmo, em uma das bandeiras vistas durante a pesquisa, notamos uma fotografia de uma pessoa em um caixão. Atrás das fotografias um ato devocional. A quantidade de anos que aquela fotografia deverá acompanhar a comitiva da folia. Isto é feito, via de regra, para ‘pagar’ alguma promessa, ou cumprir algum voto.

Por fim, ao colocar tais objetos na bandeira, fotografias, ofertas financeiras e flores. A Imagem 02 nos mostra isto nitidamente.



Imagem 02 – Fotografia do altar, com destaque para a Bandeira: há notas de R\$ 10,00 fixadas, como forma de paramento de voto (conforme acompanhamos na cantoria). Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.



Imagem 03 – Fotografia do altar, com destaque para a Bandeira de Santos Reis: há notas de R\$ 10,00 R\$ 20,00 e R\$ 50,00 fixadas, como forma de paramento de voto (conforme acompanhamos na cantoria). Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Guia da folia deve ser participado e deve cantar pelos enfeites e ofertas colocadas na bandeira, quando isto é feito, tudo de forma devocional, como gratidão ao santo enlevado pela folia.



Imagem 04 – Fotografia de devoto ajoelhado na Bandeira de Santos Reis: destaque para a bandeira com muitas fotografias e flores fixadas. No verso de cada fotografia consta a quantidade de anos que ela deverá seguir com a companhia Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

A bandeira é um símbolo importante, nunca volta atrás e nunca pode fazer, em seu trajeto, uma cruz. Ou seja, nunca pode cruzar espaços antes visitados e caminhos antes percorridos. Anda em linha reta. Acredita-se que, a razão disso situa-se na tradição bíblica<sup>19</sup> sobre o fato de Herodes supostamente procurar pelo Menino Jesus, para sacrificá-lo e, para o caso dos reis magos estivessem sendo seguidos, dificilmente encontrariam o local certo, pois estariam andando em linha reta.



Imagem 05 - Bandeira da Folia de Nossa Senhora da Guia, zona urbana, Morrinhos. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

<sup>19</sup> Mateus 2:13-23. Almeida Revista e Corrigida 2009 - A fuga para o Egito. A matança dos inocentes <sup>13</sup> E, tendo-se eles retirado, eis que o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos, dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e fuge para o Egito, e demora-te lá até que eu te diga, porque Herodes há de procurar o menino para o matar. <sup>14</sup> E, levantando-se ele, tomou o menino e sua mãe, de noite, e foi para o Egito. <sup>15</sup> E esteve lá até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho. <sup>16</sup> Então, Herodes, vendo que tinha sido iludido pelos magos, irritou-se muito e mandou matar todos os meninos que havia em Belém e em todos os seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos. <sup>17</sup> Então, se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: <sup>18</sup> Em Ramá se ouviu *uma* voz, lamentação, choro e grande pranto; era Raquel chorando os seus filhos e não querendo ser consolada, porque *já* não existiam. A volta do Egito <sup>19</sup> Morto, porém, Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu, num sonho, a José, no Egito, <sup>20</sup> dizendo: Levanta-te, e toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, porque *já* estão mortos os que procuravam a morte do menino. <sup>21</sup> Então, ele se levantou, e tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel. <sup>22</sup> E, ouvindo que Arquelau reinava na Judeia em lugar de Herodes, seu pai, recebeu ir para lá; mas, avisado em sonhos por divina revelação, foi para as regiões da Galileia. <sup>23</sup> E chegou e habitou numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno. Disponível em <https://www.biblegateway.com/passage/?search=Mateus%202%3A13-23&version=ARC>, acesso em 11 de setembro de 2020, às 17h06.

Daniel Bitter (2008) considera a Bandeira de uma forma, inclusive, com poder que ultrapassa sua materialidade, lidando com aspectos metafísicos e místicos, por assim dizer. O teórico incrementa sua fala alertando que

Creio, desse modo, que a Bandeira, assim como outros objetos que assumem características similares, tende a ser percebida como sendo capaz de mediar, de forma orgânica, o plano dos homens no tempo presente com o plano supra-humano num tempo-espaco de outra qualidade. Nesta perspectiva a Bandeira vem a representar o irrepresentável, torna conhecido o desconhecido, acessível o inacessível ou ainda tornar visível o invisível. (BITTER, 2008, p. 110)

Há na imagem a seguir o que iremos compreender melhor, teoricamente, à luz do conceito de Bakhtin, pois podemos ler as imagens com foco de resistência, ressignificação e circularidade. Há o entendimento, pelo número de fiéis presentes na Imagem 06 o propósito da resistência, pois há nitidamente um grande número de pessoas acompanhando o rito de chegada da folia, no primeiro plano, com a reza do terço, inclusive. Notamos que há a ressignificação da tradição, pois ao pegarmos a Imagem 07 que se segue, na mesma região, comunidade de Marcelândia, de 1983, vemos o mesmo modelo, ressignificado, evidentemente, mas circular, em que as pessoas participam ativamente de todo o processo.

Portanto os conceitos sobre a circularidade, que Bakhtin (2008, p.75) define como sendo “visões de mundo elaboradas no correr dos séculos pela cultura popular e que se contrapõem ao dogmatismo” perfeitamente possíveis neste contexto.



Imagem 06 - Bandeira de Nossa Senhora Aparecida. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.



Imagem 07 - Bandeira de Santos Reis. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020. Fotografia de Antônio José Marcelino.

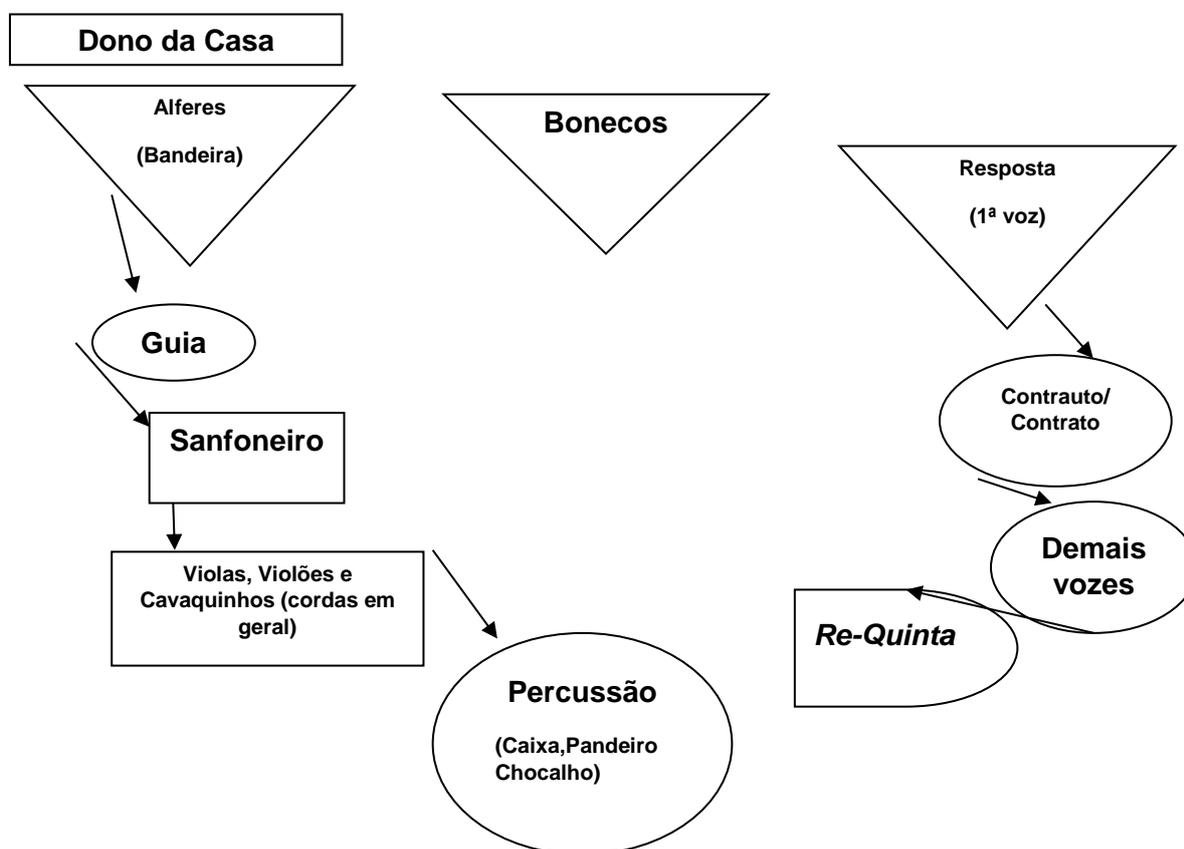
Outra atividade marcante nas folias é com relação ao canto. Muito fortemente explorado por suas nuances rítmicas e cadenciadas.

As vozes são divididas entre a do puxador (Guia), responsável pelo repente de versos, geralmente trovas feitas na hora e de improviso, dada a situação que a bandeira encontrar durante o giro, e as respostas, com múltiplas vozes a começar pela resposta, composta pela Primeira Voz, Contralto (Contrato), Segunda, Terceira, Quarta, Quinta e muitas vezes a Ré-Quinta Voz. Na imagem 08 podemos comprovar o que afirmamos sobre o dispositivo das posições dos foliões.



Imagem 08 – Dispositivo de posições dos foliões para a cantoria. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Esta estrutura organizacional, complexa, atende a uma normativa em que os artífices da folia já sabem seu lugar no dispositivo, visto na prática na Imagem 08, conforme o Dispositivo 01:



Há também o cargo de Piquete, uma figura importante, que geralmente, junto ao Folião Patrão, marcam os almoços e pousos. Antigamente, investigamos que este personagem, levantava cedo e, a mando do guia, ia na frente da romaria para poder determinar onde seria ponto de almoço ou pouso. Não se traçava o giro, quanto a pontos, antecipadamente. As coisas funcionavam de forma mais imediata. Não tinham muito o costume. As pessoas já ficavam preparadas para receber a bandeira e os foliões. Notamos pelas entrevistas, que hoje isto é impraticável. Não se elabora comida para 500 pessoas (a média de presença em almoços e pousos) tão rapidamente. O que acontece hoje é a marcação bem antecipada do giro, com seus pontos de almoço e pouso. A figura do piquete não tem sido muito explorada, atualmente.

#### Elucidando esta dinâmica temos

O embaixador ou Guia “tira a cantoria”. Ele canta sozinho (primeira voz) e em primeiro lugar versos que os outros foliões responderão com o complemento de uma estrofe. Durante a cantoria ele se coloca de frente para outro folião, que comanda a resposta do canto religioso e que por isso mesmo recebe o nome de “resposta” (segunda voz). Eles são acompanhados por violões e violas. A terceira e a quarta vozes são os “contrato”, sendo também instrumentistas. Da quinta à oitava voz os cantores são chamados “requinta” ou “requinteiros”. Depois há outros instrumentistas. Os últimos terminam as estrofes entoando um grito longo e agudo. A Folia de Reis tem tradicionalmente os seguintes instrumentos: duas violas, dois violões, uma rabeca ou uma sanfona, dois pandeiros e uma ou duas caixas. Não há dança durante a cantoria (BRANDÃO, 1977, p. 09).

O Guia da folia deve estar em consonância com o alferes, uma espécie de zelador e guardião da bandeira, pois é ele quem dará as informações necessárias para que o Guia embase seus versos. Para quem se destinarão os versos, se há alguém filho do santo-guia da folia, se houve morte na família durante o ano, se há alguma promessa a ser cumprida, entre outras atribuições. Todos os atos das folias são ordenados pelo Guia. Logo, por exemplo, ao chegar nos almoços e pousos há que se ter o autorizo para isto. É do Guia da Folia a responsabilidade de emparelhar os versos. Pela voz do Guia Osvaldo Dias de Moraes, de uma Folia de Santos Reis, ilustraremos como funciona o pedido de pouso:

Verso 1- Ôi Santos Reis aqui chegô, ai vem cansado do trabáio, ôiá. E vem, cansado do trabáio, ôiá. (Sic)

Verso 2- Ái procurou a sua casa, pra pedir o agasalho. Ôi, pra, pedir o agasalho, ôiá. (Sic)

Verso 3- Santos Reis vem pedir o agasalho, mas a voz é da Virgem Maria. Ôiá(Sic)

Verso 4- Para ter o seu descanso, ái, de uma noite para o dia, ôiá. (Sic)

Verso 5- Faz favor de guardar os instrumento e os palhaços da folia, ôiá. (Sic)

(Guia Osvaldo Dias de Moraes, Comunidade Marcelândia, 27 de Dezembro de 2019)

Antes disso, quem vai à frente da companhia, são os palhaços ou bonecos. Eles, conforme a tradição tem fundamental importância no giro das folias. Affonso Furtado Silva (2006, p. 14), em “Reis Magos: história, arte, tradições, fontes e referências”, afirma que:

Os bastiões ou marungos, os palhaços, representam os soldados do Rei Herodes que foram contratados para encontrar o Menino Jesus. Entretanto, ao chegar à manjedoura, e ver o Menino Jesus, eles se arrependem da função e passaram a protegê-lo. Por isso, usaram máscaras para assustar e distrair os demais soldados do Rei, os outros que viriam buscá-lo.

É típico dos palhaços da folia, a parte festiva de chamar a atenção do público para que a bandeira passe. Inclusive também é deles a responsabilidade de ir à frente da companhia para verificar onde há possibilidade da cantoria da folia, conforme podemos comprovar na Imagem 09.



Imagem 09 – Os palhaços sempre à frente, protegendo a bandeira, durante o giro. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Dentre as muitas curiosidades durante o giro pudemos observar um fato intrigante. Se há algum *amarrio*, ou seja, algum ramo, enfeite ou flor, geralmente colocado nas frentes das casas para que a folia possa cantar e ir em direção à porta da residência, fato constante na Imagem 10.



Imagem 10 – “*Amarrio*” feito com flores, na porteira. Os foliões deverão cantar para adentrar na residência. Folia de Santos Reis, Comunidade Marcelânia. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

É da responsabilidade do palhaço a organização e o direcionamento do dispositivo da folia, ou seja, enquanto ele não sinaliza ao guia que todos os foliões estão a postos, não se inicia o canto. Há um aspecto de teatralidade a ser observado nestas personagens, uma vez que contracenam brigas, discussões e alegria, enquanto a folia caminha. Geralmente eles fazem todos os tipos de peripécias nos quintais ou ruas, dependendo do espaço em que está acontecendo o giro da folia. Tudo isto enquanto a folia está em atividade. Os Guias geralmente têm um apito. E o utilizam, via de regra, para sinalizar o início e o fim da cantoria. Após o apito final, o Guia, geralmente, dedica-lhes um verso o que faz com eles se recolham do público e se descaracterizem. Vejamos pelo verso de Jerônimo do Zeferino como acontece.

Verso 1- Ái, ôi meus nobres boneco pra vocês eu torno a cantar, ôiá, e pra vocês eu torno a cantá, ôiá. (Sic)

Verso 2- Vocês pode ir embora pois precisa descansá, ôi, pois precisa descansá, ôiá. (Sic) (Guia Jerônimo do Zeferino, Comunidade Marcelânia, 27 de Dezembro de 2019)

Os cantores agem em sistema de trova, funcionando da seguinte forma: o Guia faz o repente do verso, e o resposta replica o mesmo verso, em tom lamurioso, e as vozes são replicadas até a *re-quinta*, em tom agudo e solene. Há também os versos que são chamados dobrados, em que não há a repetição da voz do Guia, mas um ajuste de

complemento do canto, em sua circunstância, conforme o averiguado em uma das residências em que havia sete dias que um senhor havia falecido, que já tinha sido festeiro de Santos Reis, e quando da passagem da folia, sua viúva esperava os foliões. Seu choro diante da bandeira fez com que o Guia assim cantasse no Verso 01:

*“Ai os seus óio tão chorando, ai com certeza tem paixão oiá. Ai com, certeza tem paixão oiái. Os respostas dobraram: - É só pegar com Santos Reis ai que eles dá consolação! Ai que eles dá consolação oiá”* (Sic) (Guia Jerônimo do Zeferino, Comunidade Marcelânia, 27 de Dezembro de 2019)

Os outros instrumentistas somente apresentam o som de seus instrumentos, fazendo os arranjos necessários para que a cadência e a musicalidade estejam presentes.

Há que se citar também a figura dos acompanhantes da folia, pessoas que seguem o giro, sem funções ritualísticas, mas com fé devocional, para cumprir voto ou pagar promessa ao santo da bandeira.

Durante o giro, em muitas casas, é tradicional que se reze o terço, início de grande parte das folias na região de Morrinhos. Quase todas elas começaram com a dedicação de reza do terço e foram se transformando em festa, e depois nas companhias de folia. Há nesta invenção a figura do Rezador de Terço, nas folias. Os terços, em sua maioria, são cantados, e acontecem numa figuração devocional dos donos das residências, que em via de regra, pedem fartura e livramento das pestes, nas fazendas, bem como saúde e reza pelas almas. É aí que se pode perceber que a religião só se mantém viva, neste formato de catolicismo, por exemplo, pois responde às questões sociais de um povo.

Registramos ainda as nomenclaturas dos cargos das festividades: O Patrão e Patroa ou Chefes, são responsáveis pela saída da companhia (Saída da Folia), enquanto os Festeiros ou Embaixadores são responsáveis pela chegada da companhia (Entrega da Folia). Com a crescente participação popular e necessidade de organização, as folias foram admitindo Suplentes em suas coroas, cuja finalidade é ladear tanto Folião, quanto o Festeiro na condução dos festejos. Por fim, ainda elucidamos que, quanto à nomenclatura, o membro efetivo de uma folia é de folião para os homens e folioa para as mulheres.

Ante a todas as simbologias até aqui citadas, faz-se necessário citar o fator recorrente nestas festividades: a gastronomia. Como em tudo nas folias, a comida ocupa local de destaque na sacralidade dos ritos.

A começar pela cozinha, território predominantemente feminino em praticamente toda a cultura popular brasileira, um espaço de encontro de

mulheres de várias gerações, onde se prepara o alimento em meio a cantos e danças. Conversam, trocam confidências, socializam saberes, ensinam benzeções, contam novidades, assim como histórias antigas: enquanto cozinham, comem, bebem e celebram. (BAPTISTELLA, 2004, p. 68).

A comida servida aos foliões é benzida. Nenhum folião ou acompanhante da folia pode comer se não for desta mesa benta. É necessário frisar, que acompanham as folias, muitas pessoas cumprindo promessas e votos ao santo.

Faz-se necessário dizer que, em linhas gerais, o numeral de participantes varia muito, porém, no município de Morrinhos, estudado nessa pesquisa, não há muita variante, ficando em torno de 16 foliões, entre cantores e instrumentistas.

Função/Instrumento	Quantidade	Total Geral
Guia de Folia	01	01
Vozes	06	06
Sanfona (acordeon)	01	01
Violeiros	02	02
Cavaquinho	01	01
Percução (pandeiros, chocalho e caixa)	03	03
Palhaços/Bonecos	02	02
<b>Total</b>		<b>16</b>

Tabela 02 – Função na Folia/ Quantidade. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Vale ressaltar que os foliões que cantam, muitas vezes também tocam algum instrumento. Pelo que pudemos presenciar violas, violões e cavaquinhos são os mais usuais. Devemos salientar que as folias têm cerca de 25 foliões efetivos. Que revezam suas funções entre si durante o giro da folia. Porém a comitiva, difíceis vezes tem menos que 50 pessoas. Há rezadores de terço, garrucheiros/ fogueteiros e outros artífices da tradição, bem como, repito, os que vão para pagar suas promessas.

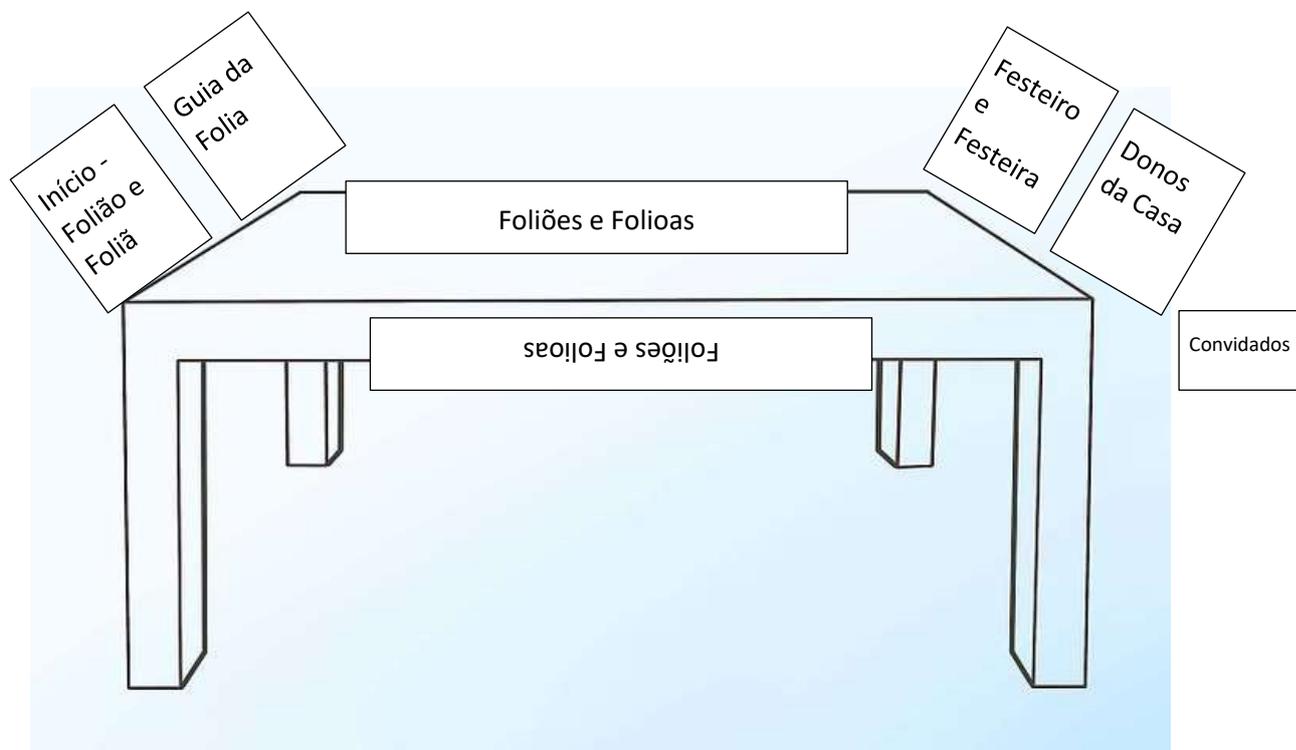
Com cânticos especiais, seguindo a mesma regra rítmica das lamúrias das cantorias. Sempre de um lado da mesa se canta, e, o outro responde, a versos centenários, rogando bênçãos aos moradores e cozinheiros. Na região de Morrinhos, pudemos identificar pelo menos 8 ritos diferentes de canto. Iremos ilustrar abaixo um verso de benzeção de alimento, durante o ritual de alimentação dos foliões, de uma das folias mais

antigas da região, a do Bom Jardim das Flores, pelo senhor Antônio Leite, que foi seu Guia por mais de 15 anos, que assim versejou, no Verso 02

*“Deus vos pague a boa mesa, dada de boa vontade (bis); Pro senhor com sua família, Deus que dê felicidade (bis); Bendito louvado seja as paixão do Redentor (bis); Que desceu do céu à terra pra salvar os pecador (bis); Ofereço esse bendito em Louvor de Santos Reis (bis); Pai, Filho, Espírito Santo, Deus é que ajude a vocês (bis). Quando os anjos subiu para o céu, foi para incensar o Senhor (bis); Incensar ao Senhor, nós cantamo em louvor. Cantaremo em vos também. Amém (bis); Eu vos adoro, meu Sacramento (bis); Dai-nos as Vossas Graças, para o nosso alimento. (bis) (Antônio Delfino Leite, Guia de Folia)” Sic. – Grav.3`27*

A cantoria e as práticas ritualísticas nas refeições fazem parte de, também, um momento sagrado da tradição. Os pratos e talheres retirados da mesa benzida, após o termino da refeição voltam para o mesmo lugar, como um campo santo para os foliões. Para Pessoa (2005) a gastronomia ocupa espaço de sacralidade nos rituais e ganha evidência de adeptos. Marcados pela fartura e conagraçamento de seus participantes. À mesa, as pessoas se confraternizam e se igualam.

Notamos, pela fala do pesquisador acima referido, que em sua expressão “igualam”, é que indistintamente as pessoas vão para as filas e lá poderão se fartar do alimento santo. Destacamos ainda que após a mesa posta, há os lugares de cada um, conforme o Dispositivo 02 seguir:



Dispositivo 02- Posição de cada membro da folia à mesa de refeições. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

A Imagem 11 consegue, nitidamente mostrar a organização, uma vez que os foliões na imagem estão uniformizados, facilitando o entendimento do uso do Dispositivo 02.



Imagem 11 – Organização dos foliões frente a mesa de refeições. Podemos demonstrar o que o dispositivo acima nos trouxe. Folia de São Sebastião, folia institucional da igreja. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Como pode-se conferir, em tudo há a simbologia e o ritual, em que, os participantes das companhias, devidamente separados dos demais participantes, pelo Cravo ou Divisa, sabem seu lugar e o tomam com muito respeito, exemplificado na Imagem 12.



Imagem 12 – Cravos ou Divisas. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Na imagem 13, vemos os foliões divisados. Geralmente com embornais, sacos de pano, para carregar seus pertences durante o giro. Quase não se tem mais o seu uso, porém nas folias mais tradicionais ainda há seu símbolo. Vemos as iniciais VSR – Viva Santos Reis nos embornais.



Imagem 13 – Foliões divisados. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Na complexa cerimônia casa a casa, entre entradas e saídas das residências, almoços e pousos, há muitas peculiaridades de cada local, mesmo seguindo o mesmo ritual.

Os giros acontecem e de forma geral andam somente em dias ímpares, fruto de processos tradicionais. Não conseguimos levantar o porquê. O que acontece é que muitos dos rituais desde a saída até a chegada são extremamente complexos. Na chegada da folia, última casa ou local do último dia, há a confecção do arco, que funciona como um portal de espera dos festeiros aos foliões. Há versos para que sejam desamarradas as fitas para que se possa chegar até o altar.

Transcrevemos os versos cantados pelo Guia Osvaldo Luiz que assim ilustrou as ordens:

Verso 1- Senhores nobres festeiro pra Vocês eu vou cantar, aí, aí, pra vocês eu vou cantar, ôiá (Sic)

Verso 2- Desamarra esta fita pra, nós poder chegar, aí aí, pra nós poder chegar aí aí. (Sic) (Guia Jerônimo do Zeferino, Comunidade Marcelânia, 27 de Dezembro de 2019)

Com efeito, vemos muitas produções de sentido na riqueza de detalhes, principalmente nas chegadas das folias. Num primeiro momento, após a saudação, vista na Imagem 14, é feito o desenlace da fita, foliões patrões e festeiros se cumprimentam.



Imagem 14 – Foliões Patrões e Festeiros se cumprimentam. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Os festeiros topam com os foliões com a imagem chamada de Encontro. Após a fita ser desfeita, há a troca das imagens, para que os foliões beijem o Encontro e os visitantes, que estão ladeando os festeiros, beijem a bandeira. Neste momento, os festeiros oferecem água e vinho para os foliões que chegam na sua propriedade. Deste momento em diante, tudo é da “ordem” do festeiro, ou seja, todos os atos de gestão da folia são feitos por ele.



Imagem 15 – Festeiros com o Encontro. Vemos ao fundo uma moça com uma bandeja para servir vinho aos foliões. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020. Fotografia de Antônio José Marcelino.

### 1.2.1. Tipologia das Folias

Ao adentrarmos neste mundo, o das Folias, pudemos encontrar práticas distintas e que aqui chamaremos de tipologia das folias, única e exclusivamente para nos aproximar-nos de um padrão, passível de elucidação para quem acessar a esta pesquisa.

Weber (1979) nos enuncia a necessidade de elencar as tipologias dos estudos, quando sociológicos, com a finalidade de separá-los dentro do fazer científico, e, para isto asseveramos que Weber (1979, p. 101) provoca o entendimento que há

Tipos ideais de ações sociais. É importante entender que o estabelecimento de tipos ideais, método comum da teoria weberiana, não busca construir tipologias fixas nem mesmo buscar classificar o objeto em questão. Eles nos servem como parâmetro de observação, um “boneco” com características fixas que serve apenas como ponto de comparação entre o que é observado e sua obra teórica. Com isso em mente, Weber estipula quatro tipos ideais de ações sociais: a ação racional com relação a fins, a ação racional com relação a valores, a ação afetiva e a ação tradicional.

Em nossa pesquisa, trataremos da tipologia sob a ótica da ação tradicional, pois, uma vez que constituída a tradição torna-se parte estruturante de um povo e de suas manifestações. Conforme ainda trazido por Gomes Filho (2018, p. 28) em nosso objeto de estudo não basta o “simples encaixe teórico do mesmo nos esquemas conceituais que previamente elaboramos”, mas sim para que tenhamos algo que produza sentido, aqui trazido nas folias.

E é neste cenário tipológico, o da ação tradicional, é que acontecem também as Folias Rurais, viga orientadora das outras folias, na região de Morrinhos. Alinhadas com a evolução de terços devocionais e pagamento de promessas, surgiram como uma base sólida do Catolicismo Popular. Com muita força e pujança, as folias rurais ganham espaço importante no imaginário coletivo da região.

Temos também, na região de Morrinhos, as Folias Urbanas, das que averiguamos, todas com ascendência rural, seja por seus participantes, quer seja por terem vindo do campo, com a necessidade iminente do êxodo de seus agentes para os centros urbanos. Estas folias, têm uma característica pontual de que, normalmente, pertencem à gestão de uma família, e somente ocupam cargos, de folião ou festeiro, seus membros ou agregados, com o intuito de manutenção da tradição.

Em nossas incursões de campo encontramos também o que denominamos ser Folias Mistas, que tem seu giro feito tanto na zona urbana quanto na zona rural, inclusive, uma delas ultrapassando a questão territorial de Morrinhos, indo até Buriti Alegre, município fronteiro, Folias da Região Tijuqueiro, de Santos Reis e também de São João Batista.

Achamos importante destacar aqui, nas tipologias, as Folias Institucionais, sob a gestão e domínio da Igreja Católica e sua Paróquia, cuja organicidade é totalmente dependente da gestão do Pároco, da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, a mais antiga da cidade. Mesmo tratando-se de uma forma de catolicismo popular, a Igreja tomou para

si também este braço, muito mobilizador, diga-se de passagem, da representação de fé e devoção do povo, pós Consílio do Vaticano II, na década de 60.

Há que se destacar ainda as Folias Sazonais, que surgem neste cenário, como folias sem apego ao fundante desejo de se tornar tradicional. Muitas vezes ‘tiradas’ com o intuito de se cumprir uma promessa ou pagar um voto.

A Imagem 17 que captamos de uma folia sazonal, do Divino Pai Eterno, girando na cidade, consegue dar conta da pluralidade existente nas folias.



Imagem 16 – Folia Sazonal, do Divino Pai Eterno. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Não podemos nos esquecer que estamos falando de um sistema extremamente complexo de simbologias e ritualísticas que permeiam esta forma de catolicismo popular. Há esta função devocional, considerável, sagrada.

Cabe aqui abrir demanda importante e elucidar que as folias da cidade distam das da fazenda, por conta de algumas contingências que pudemos averiguar. Na cidade todo o giro é realizado em veículos, enquanto no campo, muitas vezes, ainda há as folias que caminham alguns trechos a pé, a cavalo e até mesmo a tração de animal, à carroça.

Assim sendo, temos que nos orientar pelo pensamento em que há no município de Morrinhos quatro tipologias de folias: as institucionais, as urbanas, as sazonais e as rurais. Todas compreendidas aqui dentro da proposta de tipologia weberiana de ações tradicionais.

### **1.2.2 Mapeamento das Folias em Morrinhos**

Trazemos aqui informações relevantes para mensurarmos a realidade de um município tão vasto em território, com 2.846 km<sup>2</sup>, cuja estimativa habitacional gravita em 41.460 mil habitantes, (IBGE, 2010). O município ocupa o 5.570º no país, e 27º no estado de Goiás, 3º na microrregião, com uma densidade populacional de 14,57 hab/km<sup>2</sup>.

Conforme o próprio Instituto, atualmente a população já ultrapassa 46.300 mil habitantes, sendo que 32,8% da população vive no campo, ficando assim mais evidente comprovar a hipótese que permeia este estudo. Uma cidade com inferências fortes ao *modus* rural.

Ao buscar levantar todas as folias do município, urbano e rural, pudemos perceber que todas as macrorregiões rurais e bairros da cidade de Morrinhos recebem tal tradição. Congregando nesta gravitação entre o rito sagrado da folia e os momentos seculares das festividades, de junho de 2019 a maio de 2020, tivemos 26 folias na Zona Rural, com dedicação aos seguintes santos: 1 de Santa Luzia, 4 de São Sebastião, 2 de Nossa Senhora da Guia, 3 de Nossa Senhora D`Abadia, 2 de São João Batista e 14 de Santos Reis. E na Zona Urbana contamos com 13 folias sendo as dedicações aos seguintes santos: 1 a Nossa Senhora da Guia, 2 Nossa Senhora da Abadia, 1 Nossa Senhora Aparecida, 1 Divino Espírito Santo, 1 Divino Pai Eterno e 7 de Santos Reis. Neste ano de 2020 tivemos conhecimento de 2 folias sazonais, que foram tiradas para o cumprimento de promessa, ambas a Santos Reis. Além dessas, ocorrem ainda as três folias geridas pela Igreja, através da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, cujo pároco é o articulador das

folias de: Santos Esposos<sup>20</sup>, São Sebastião e 2 de Nossa Senhora do Carmo. Esta última com o giro atrelado à festa da padroeira do município, de igual nome. Conforme os Gráficos 01, 02 e 03:

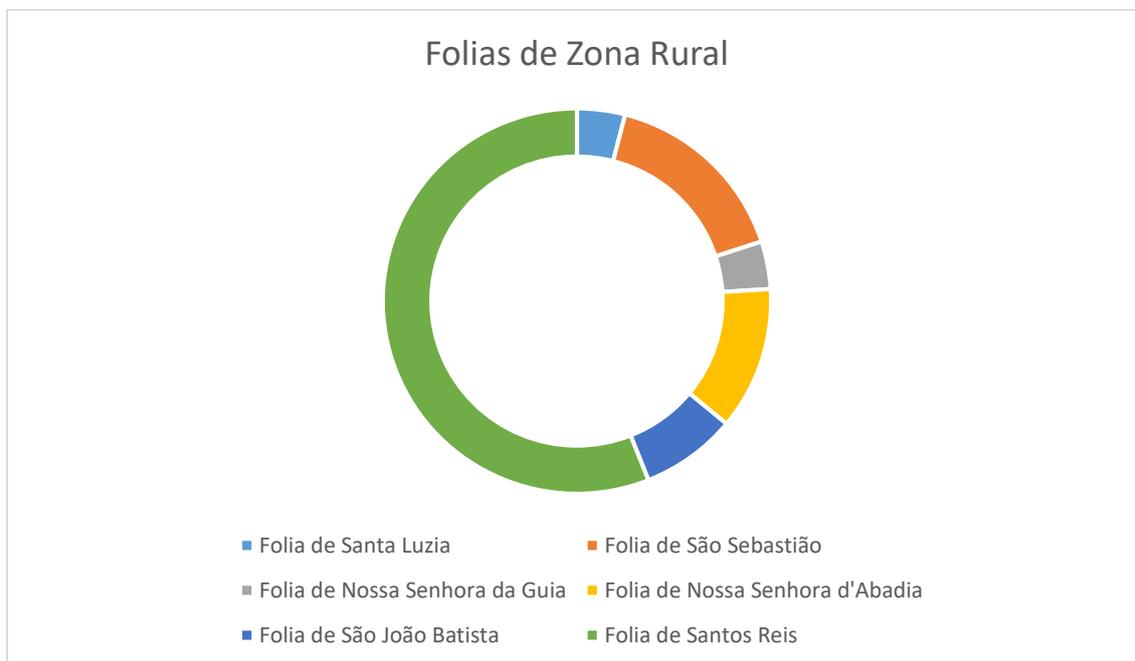


Gráfico 01 – Variação santorial de folias, Zona Rural. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

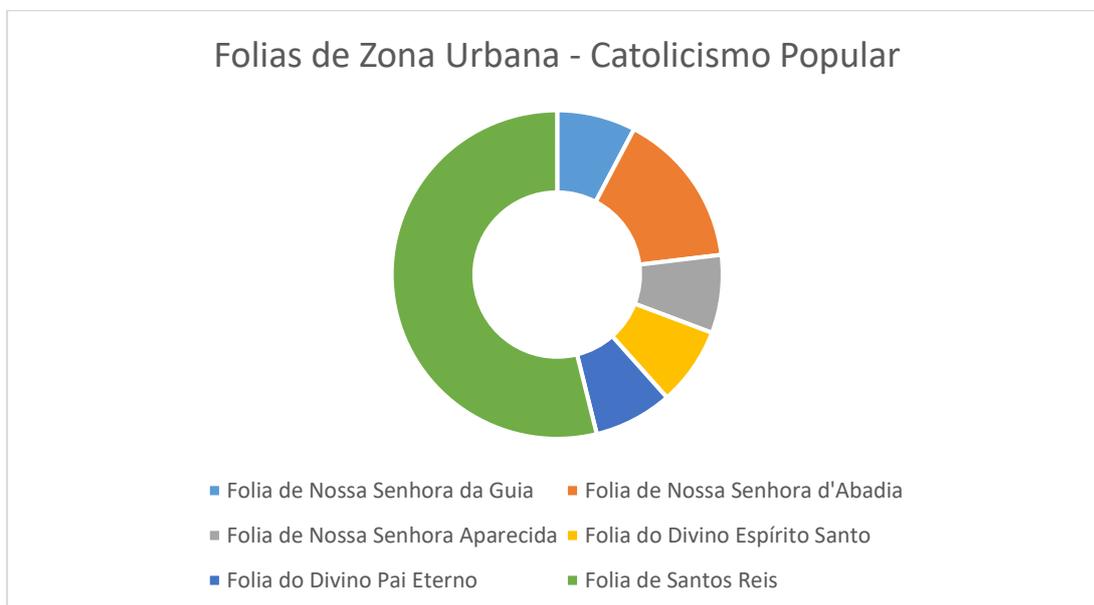


Gráfico 02 – Variação santorial de folias, Zona Urbana. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

<sup>20</sup> Ele era o homem Justo, o Filho de Davi (Mateus 1,19–20); ela a serva do Senhor (Lucas 1,38). São os que mais estiveram próximos fisicamente de Deus. O Homem Jesus aprendeu a ser gente e judeu fiel com José e Maria, seus pais. Os Santos Esposos são a fonte da Família de Jesus. Isto pode estar faltando na sociedade. (Daí o surgimento desta tradição santorial e culto a Santos Esposos)

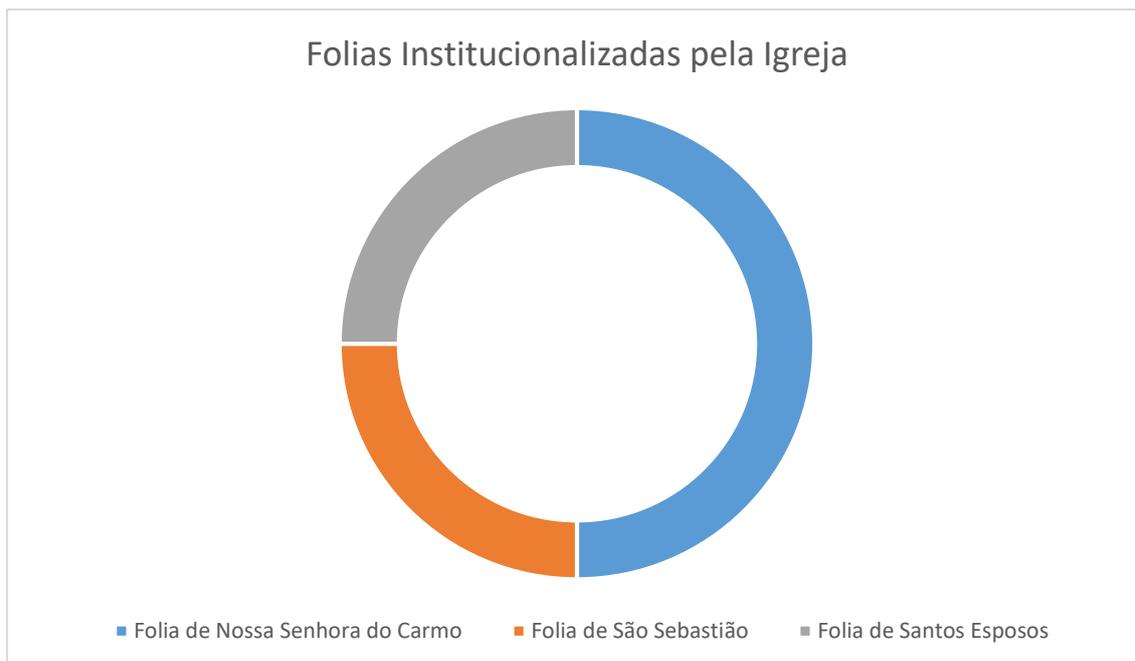
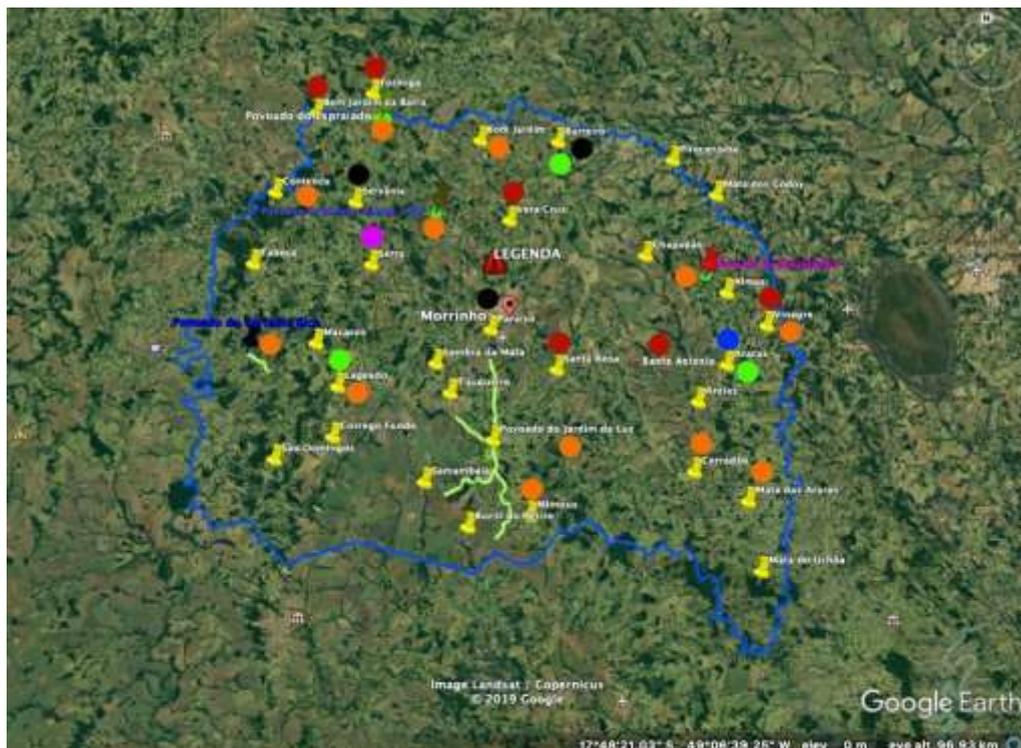


Gráfico 03 – Folias Institucionalizadas pela Igreja, Zona Urbana. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Calculamos, por número de refeições servidas, portanto, em valor aproximado, que somente os participantes das saídas e chegadas das folias, o número de 90 mil participantes, tendo em média 1040 participantes por celebração, algumas com bem mais, outras com bem menos. Frisamos, os números são cálculos aproximados, retirados do número de refeições preparadas, num total de 43 folias, cujos agentes, os foliões, se intercambiam entre todas, acreditamos somar um quantitativo de mais ou menos 70 foliões, cantores e instrumentistas.

Apresentaremos agora em uma carta geográfica, que preparamos com o intuito de apresentar as áreas de atuação das folias, no campo e na cidade, com principal motivação em mostrar no mapa a representação e os espaços que ocupam as folias no município de Morrinhos.



- *Folia de Santa Luzia*
- *Folia de Santos Reis*
- *Folia de São Sebastião*
- *Folia Nossa Senhora Aparecida*
- *Folia de São João Batista*
- *Folia de Nossa Senhora D'Abadia*

Mapa de Folias na zona rural da cidade de Morrinhos, Goiás. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

No Mapa 01 fica muito clara a presença das folias em todo o território de Morrinhos. Algumas regiões com mais santos dedicados, outras com menos, mas cabe lembrar que o giro das folias extrapola, inclusive as regiões apontadas no mapa.

Este mapeamento permitiu mensurar as regiões com maior e menor incidência de folias no município pesquisado, possibilitando uma maior produção de dados e levantamentos para a pesquisa.

Podemos explorar, de forma mais categórica, as Folias de Santos Reis como predominante em toda a região rural do município, pulverizada em todas as macrorregiões de Morrinhos, os quatro povoados de Morrinhos, os antigos distritos, Marcelânia, Espirado (Trevo de Pontalina), Rancho Alegre e Jardim da Luz ainda mantém a tradição

das folias, mesmo ficando no limite entre a urbanização e o campo. Para o IBGE estes povoamentos formam uma macrorregião, e traremos aqui, informações no Gráfico 04.

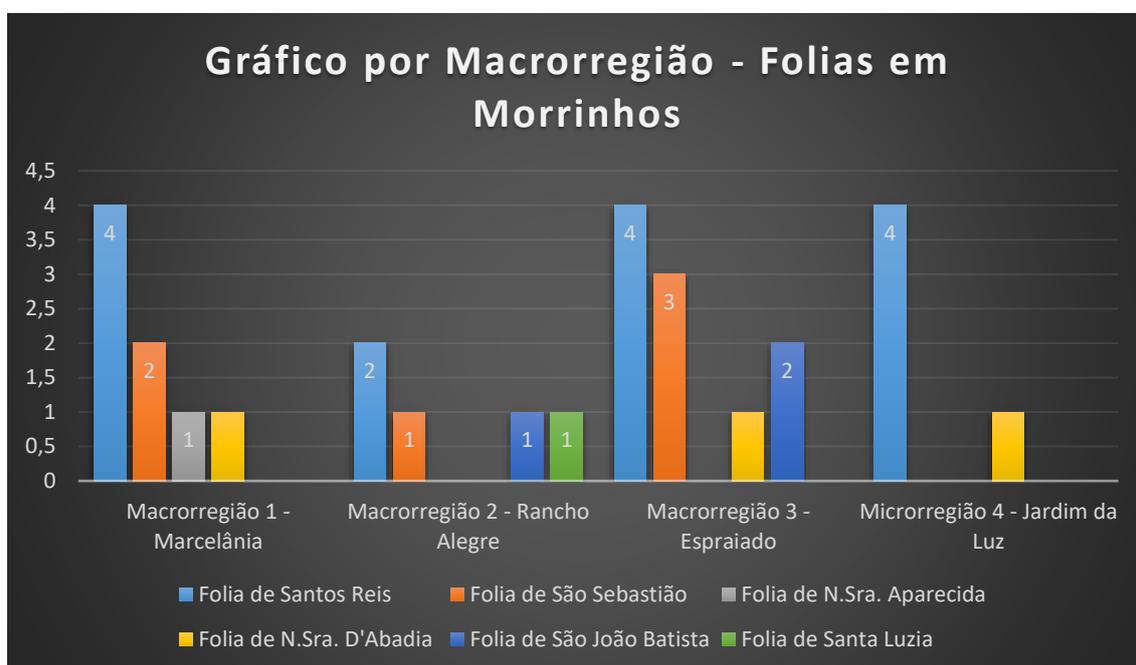


Gráfico 04 – Macrorregião: Folias em Morrinhos. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Podemos reafirmar o dito anteriormente sobre as Folias de Reis como as com maior número de apresentações. Podendo-se ver na Macrorregião 1, a do Povoado da Marcelânia, com 10 folias e dedicação a 4 santos, compreendendo as microrregiões: Mata da Uchôa, Mata das Araras, Cerradão, Areias, Araras, Santo Antônio, Vinagre/Currião, Almas, Chapadão, Mata dos Godoy e Piracanjuba.

A macrorregião 2, do Rancho Alegre, aparece com 5 folias, e dedicação a 4 santos, e consiste territorialmente nas microrregiões: Barreiro, Vera Cruz, Bom Jardim das Flores, Formiga, Bom Jardim da Barra, Contendas, Servânia, Sarandi e Borá.

Na macrorregião 3 nos deparamos com folias devocionais a 4 santos, sendo distribuídas em 10 folias, que abrange os territórios das microrregiões da Taboca, Serra, Macaco, Lageado, Trevo de Pontalina, Paraíso, Sombra da Mata, Santa Rosa e Tijuqueiro.

E a macrorregião 4 tem dedicação a dois santos, divididos em 5 folias, ocupando os territórios das microrregiões do Jardim da Luz, Córrego Fundo, São Domingos dos Olhos d'água, Samambaia, Buriti do Retiro e Mimoso.

Cabe-nos ressaltar que algumas folias, às vezes, ocupam-se de outros territórios, como o exemplo da Folia de São Sebastião, da microrregião do Tijueiro, na Macrorregião 3, que tem seu giro também na microrregião do Mimoso, pertencente a macrorregião 4.

Retomando à ideia do preceito gastronômico que envolve as folias, alertamos que este fator foi determinante para que nossa pesquisa tomasse forma, pois, foi através das cozinhas que chegamos ao quantitativo de participantes das folias, no município de Morrinhos. Quanto ao número aproximado de pessoas, traremos abaixo a tabela confeccionada a partir dos dados captados, pela quantidade de comida preparada, frisamos, nas saídas e chegadas, que aferiram os seguintes dados tabulados no Gráfico 05:

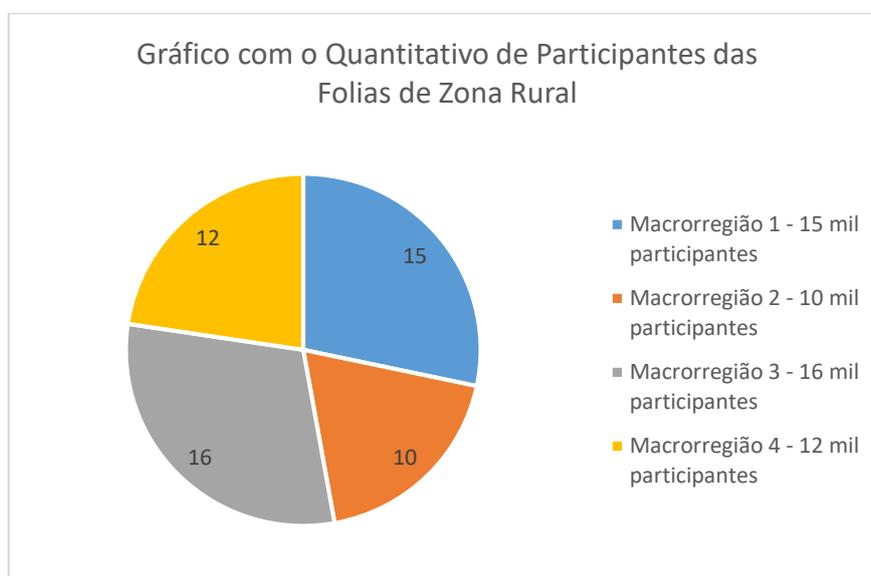


Gráfico 05 – Quantitativo de Participantes das Folias de Zona Rural. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Faz-se importante, inclusive, mencionar alguns fatores, que julgamos, ser determinantes para a participação das pessoas nas festividades. E os dois locais com maior número de participantes se dão nas macrorregiões 1 e 3, dos povoados de Marcelânia e Espirado. Com estradas asfaltadas e com menos de 30 quilômetros do perímetro urbano, julgamos tais dados importantes.

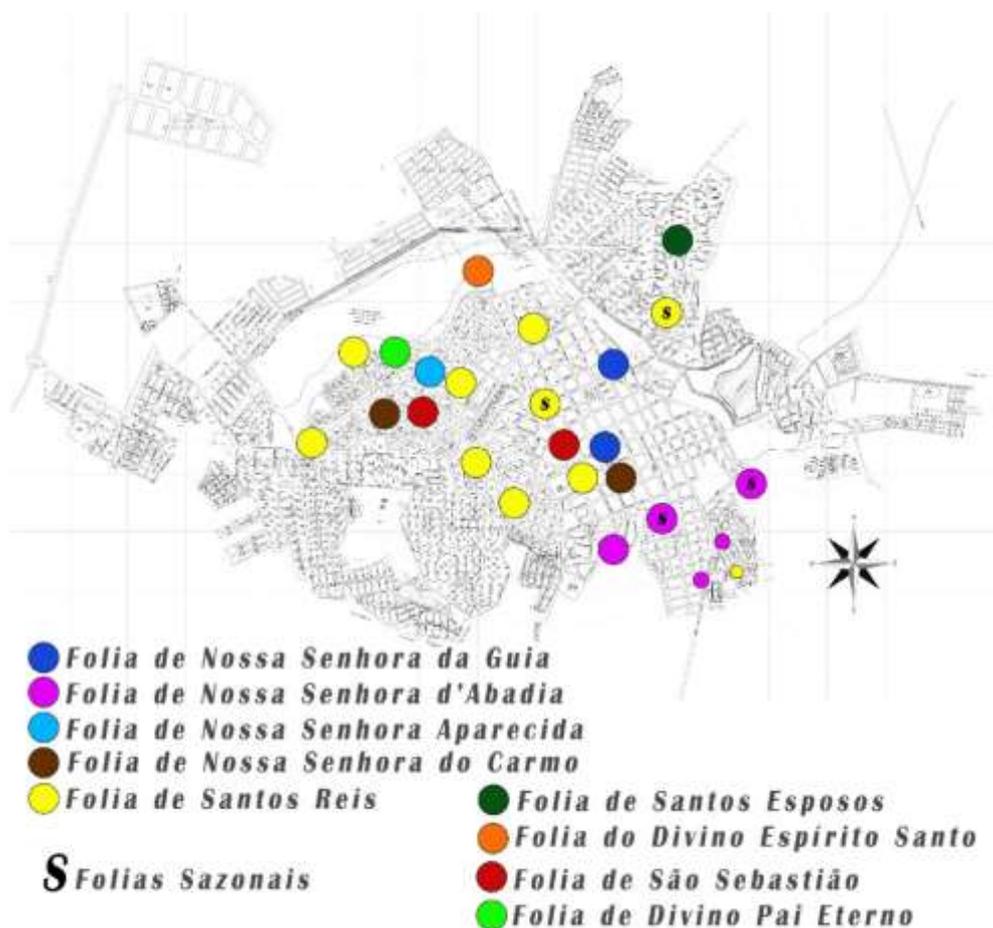
Na cidade, de igual forma, temos as folias com muita força de representação tradicional. Com características distintas das da Zona Rural, que são pertencentes a regiões geográficas, as da cidade apresentam particularidades, como por exemplo as folias geridas por famílias: Folia de Santos Reis da Família Barba, Folia de Nossa Senhora

da Abadia da Família Souza, de D. Sumarina (Imagem 18, que representa esta romaria), Folia de Santos Reis da Família do `Paulinho`, Folia de Santos Reis da Família dos *Bidon*, Folia de São João Batista da Família Alexandre e Folia de Santos Reis da Família dos Bala.



Imagem 17 – Folia de Nossa Senhora da Abadia. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Mostrar as folias em atividade é importante forma de documentarmos uma simbólica forma de cultura de fé. Aqui trataremos de mostrar o maior número de documentos comprobatórios desse fazer popular.



Mapa 02 – Mapa do Município de Morrinhos, Zona. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Ao nos analisarmos o Mapa 02, podemos aferir que as zonas periféricas da cidade tendem a apresentar maior efervescência da tradição popular.

Destacamos ainda que das 25 folias que giraram na zona urbana de Morrinhos, pudemos ver alguns elementos muito interessantes, como por exemplo, a média de participantes em saídas e chegadas das folias populares é maior que as institucionalizadas e geridas pela Igreja. Fundamentamos isto, por exemplo, ao comparar a média de participações nas folias populares chegando em torno de 25 mil pessoas e as geridas pela Igreja 12 mil pessoas.

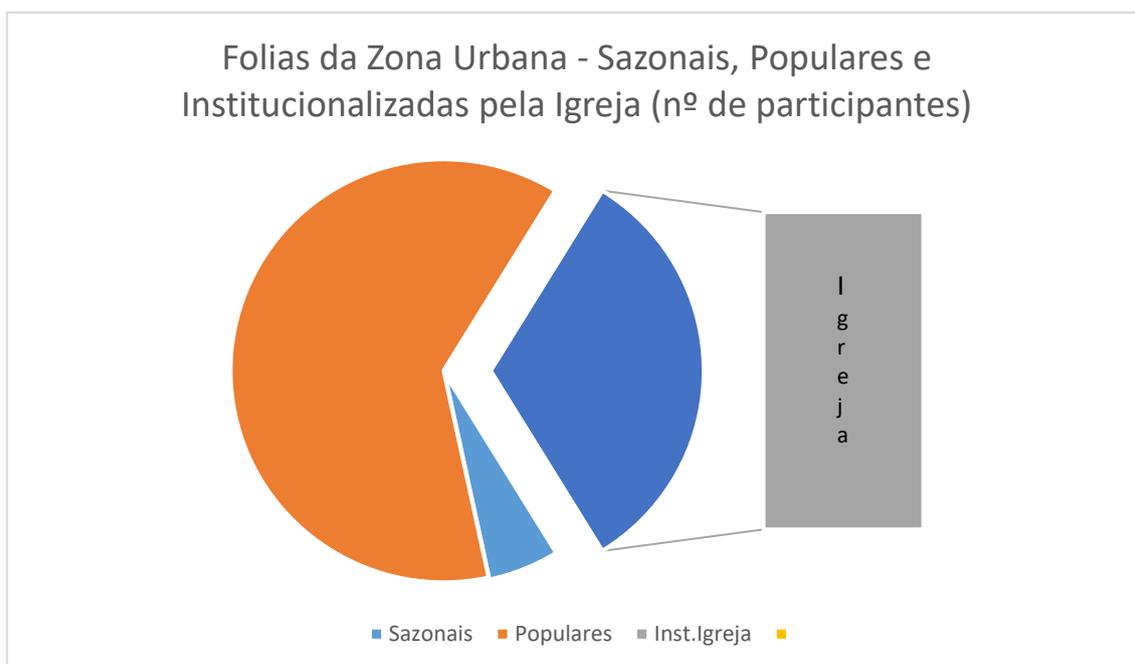


Gráfico 06 – Folias da Zona Urbana: Sazonais, Populares e Institucionalizadas. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Relembramos ainda que o movimento pós Concílio do Vaticano II, calhando com o processo de urbanização do Brasil, abriu precedentes para que estas formas de catolicismo populares ganhassem força e adeptos. Segundo Oliveira (1983, p.911):

[...] expressões religiosas tradicionais que, sobrevivendo nas periferias das cidades, ganharam novas formas, devido às especificidades do grande contexto urbano. Mesmo sabendo que essa população das cidades guarda muitas tradições de origem rural, sabemos também que se somam aos seus e as ressignifica em suas práticas religiosas. (OLIVEIRA, 1983, p. 911).

Conforme o que afirmamos anteriormente, a cidade tem 25 guias de folia, que permeiam quase todas, em sistema colaborativo entre regiões rurais e cidade. Alguns chegando a guiar 10 folias por ano.

Iremos trazer aqui os seus nomes de conhecimento popular para não desvirtuar o fato-conhecimento desta pesquisa. Todos assinaram, ou concordaram com os termos do TCLE – (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), dando poder a esta pesquisa de citá-los e tornar públicas suas vivências frente as folias.

Temos então, Birá Barba, Nicanor Machado “*Canorim*”, Antônio Leite, Sebastião Alexandre, Osvaldo Dias, Jerônimo do Zeferino, José Luziano ou *Zé Macaco*, *Dionito*, *Miguelim*, Renildo Faleiro, Divino Teixeira, Júnior, *Adão da Maria Divina*,

Sebastião *Chapéu*, João Cabral, Wilson, Juliano, Rodrigo Alves, Márcio Melo, Agnaldo do Vale, *Branco*, Osvaldo Fidêncio, Tamiro Silvério, Sr. Lázaro e Rodrigo Moraes.<sup>21</sup>

### 1.3 Considerações finais ao capítulo

Após toda esta abordagem, em que consideramos o entendimento das folias, discutindo seu surgimento, rito, função identitária, levantamento de dedicação dos santos, folias, quantitativo de pessoas envolvidas nos festejos, criação de padrão para os diversos formatos de folia, estilos, forma e modos de atuação, simbologias e abordagem espacial das folias, nos proporemos a, no segundo capítulo, abordar na ações relevantes no que se refere ao que é cultura popular, abrir debate sobre a resistência das folias à revelia das tentativas de institucionalização da Igreja Católica. Discutiremos, portanto, dentro do que já apresentamos como estado da arte, a linguagem das folias, teatralidade e performance dos rituais, iremos, de agora em diante, empreender entendimento sobre os aspectos estéticos e ou devocionais do catolicismo popular.

Ademais iremos trazer no próximo capítulo, informações mais contundentes sobre o cerne da pesquisa: seus agentes, dentro da sistemática das folias, em movimento. Somado a caracterizações importantes dentro do rito. Como acontece, a quem afeta e como resistem as folias e entenderemos que somente a ideia de resistência não conseguirá abraçar a hipótese de longevidade e força da tradição.

---

<sup>21</sup> Trouxemos em itálico apelidos dos Guias de Folias.

## **CAPÍTULO 2 - GUIAS DE FOLIA E SUA FORMAÇÃO DENTRO DO CATOLICISMO POPULAR. RITOS DA VISITA DA BANDEIRA: UM RETRATO DA TRADIÇÃO POPULAR EM MORRINHOS/GO – A NOÇÃO DE RESISTÊNCIA DA IGREJA EM RELAÇÃO ÀS FOLIAS.**

Posicionar os dados sobre os guias de folia e como se estabelecem dentro do seu fazer junto às folias é a proposta nesta seção. Entender as simbologias existentes, bem como os rituais que envolvem a tradição está posto como um retrato de resistência das folias, e para além disso, compreender alguns desdobramentos que só foram possíveis graças às falas dos informantes captados e aqui apresentados.

Os muitos atravessamentos que compõem as folias perpassam e perpassarão pelas notações básicas, inclusive, de um processo mais amplo e continuísta do que temos mediado como circularidade cultural, uma vez que durante nossas pesquisas de campo, pudemos perceber que, não se tratou somente de um processo de resistência das folias aos aspectos de modernidade, institucionalização da igreja e outros, mas sim de algo que foi para além desses eventos: resistentes ao tempo, contingências, modelos econômicos, as folias se ressignificam e assimilam as características que marcam o tempo atual, mas continuam a compor-se de um ciclo perene cuja tradição não tem se modificado, prova disso é a força da tradição hodiernamente.

Neste capítulo, procuraremos entender, mais proximamente, a relação dos agentes das folias com a prática ritualística e tudo que a compõe, de fato, em atividade. Trazer a discussão e colocar os guias de folia, como figuras não só de liderança, mas como os artífices devocionais faz o entendimento se aproximar ainda mais de nossa hipótese: na forma de catolicismo popular, as pessoas criam para si uma concepção de religião e dela se aproximam e vivem.

Foi muito comum, durante as pesquisas e entrevistas, perceber que a única forma de catolicismo que a maioria dos guias professa é a folia. A folia passa, de simples manifestação religiosa a agente congregador de um formato interessante e muito particular de representação de fé de um grupo. É nas folias que as pessoas se colocam diante de seus santos e de Deus, conforme pudermos perceber em nossas pesquisas

## 2.1. Os Guias de Folia: agentes da continuidade da tradição

Nossa pesquisa consistiu em acompanhar, registrar e refletir sobre uma forma de catolicismo popular, que merece visibilidade e voz, devido ao seu papel significativo para as tradições populares no interior do Brasil, com especial força na cidade de Morrinhos (GO), na qual encontramos um número bastante significativo de folias em atividade, e que constituem uma parte fundamental da religiosidade local e regional, em uma forma de Catolicismo Popular, presente nas Folias.

Esse catolicismo marcadamente do povo, apesar de não confrontar a Igreja Católica, como instituição, muitas vezes incomoda os sacerdotes e demais representantes, que entendem que essas manifestações deveriam se submeter às normas da instituição, fato que não ocorre com as folias. No seio do povo emerge esta tradição com muita força e número de adeptos. Com vigor e tradição as folias movimentam, na cidade de Morrinhos, mais que o dobro de sua população em participação nas atividades que se propõe anualmente.

Queremos ao máximo, nessa pesquisa, extrair dados que possam ilustrar os agentes de folia, desse *corpus*, para que se possa ter uma ideia, mesmo que neste recorte temporal, dos agentes que movimentam o cenário das folias, na cidade de Morrinhos. E para isto levantamos muitos dados e informações com os mesmos. Num primeiro questionamento, indagamos o grau de escolarização dos informantes e chegamos aos seguintes resultados no Gráfico 07:

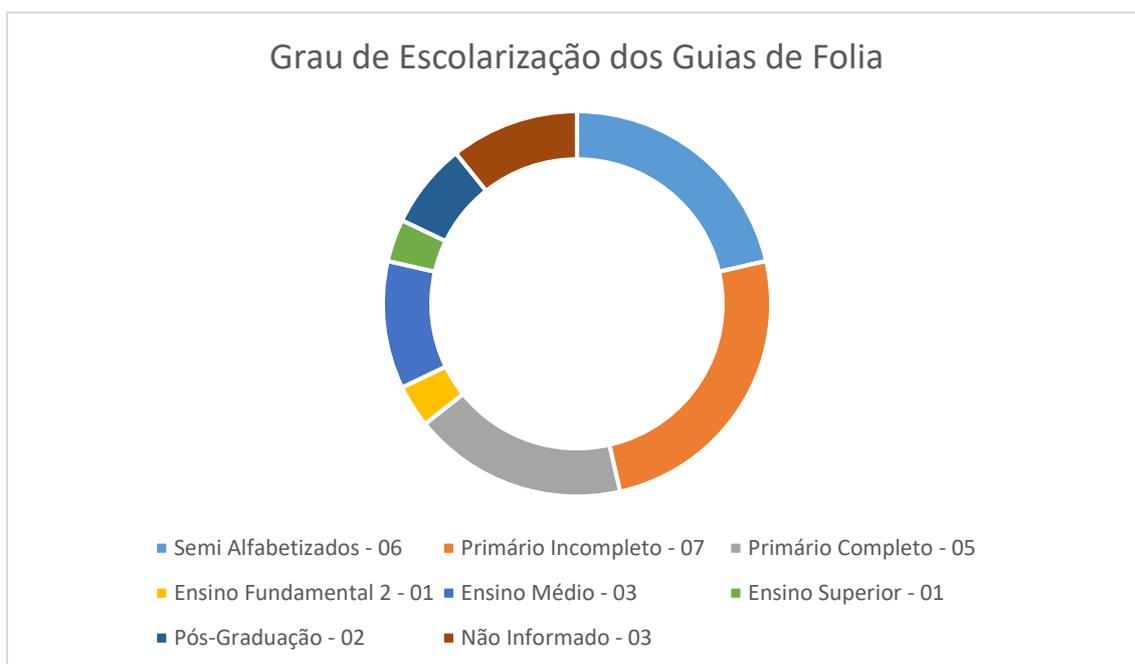


Gráfico 07 – Escolarização dos Guias de Folia. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

No livro “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, do crítico literário russo Mikhail Bakhtin, há uma aproximação do que defendemos nesta pesquisa, trazer o fazer popular, promovendo o debate que reside entre o “popular” e o “erudito”, porém aqui com marcadores extremamente importantes: a cultura popular como codificada da cultura letrada ou erudita. O que aqui afirmamos é que, mesmo distantes de um tipo de escolarização, comprovados no Gráfico 07, temos a força da tradição das folias, em constante modificação, arranjos, rearranjos, ajustes, em outras palavras, em movimento.

Aqui há um importante e decisivo dado para uma das hipóteses que estamos trabalhando: do seio do povo, surge forte algo espelhado do institucional, com tamanha força que subsiste nas mãos dos homens e mulheres do campo, cujo apego devocional faz com que tudo seja muito funcional e prático para atender às demandas necessárias de sua manifestação. Assim

[...] preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada. (CHARTIER, 1992, p. 179).

No nosso entender, essa assertiva de Chartier possibilita interpretar uma vez mais a legitimidade das ações populares para se posicionarem no fazer cultural.

Para além de tentarmos exemplificar as folias com todos os foliões e folioas (aqui são todos os participantes ativos na organização), iremos tratar aqui de apresentar o quantitativo dos foliões levantados por esta pesquisa.

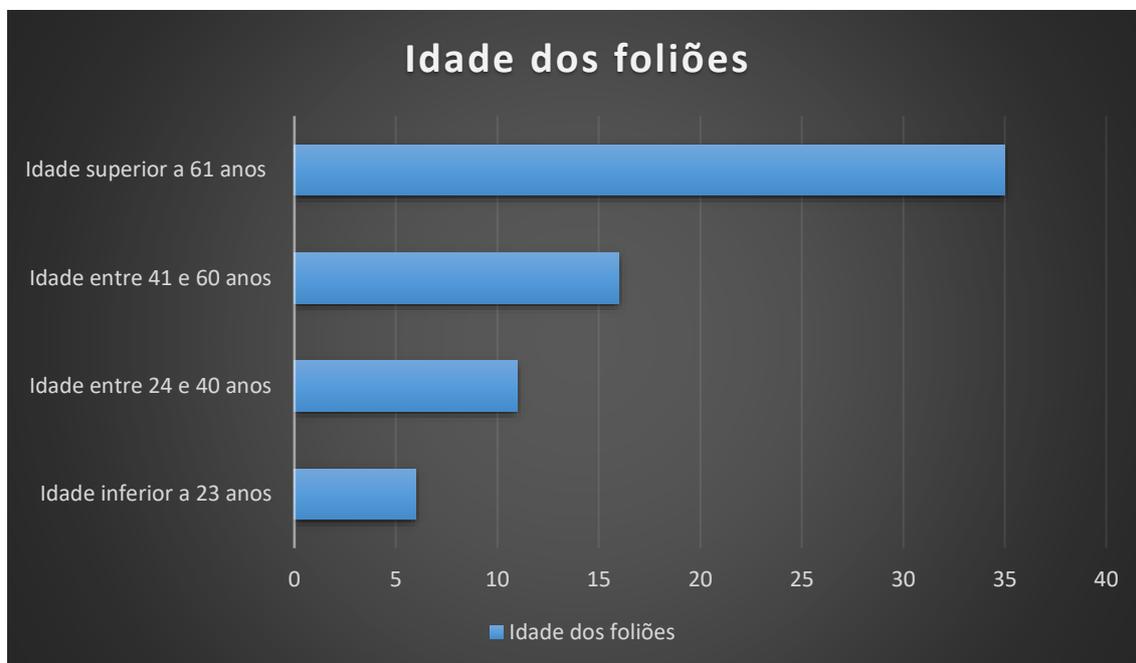


Gráfico 08 – Idade dos Foliões. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Esta informação trazida no Gráfico 08 traduz o envelhecimento dos agentes responsáveis pela promulgação da tradição das folias no município de Morrinhos. Um outro dado observado é que em sua maioria os jovens ocupam lugar no núcleo de instrumentos das folias, quase não observamos jovens com vozes de cantoria na representação.

Entendemos que “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2013, p. 72), logo, ao acessarmos tal informação, compreendemos uma característica importante da tradição relacionado ao fato dos saberes dos seus agentes, via de regra mais velhos, sendo repassados. Daí a força da tradição que conta com os saberes e cuidado de seus agentes.

Nesse sentido, Walter Benjamin (1980, p. 25) “entenderá a narrativa como transmissão de experiências entre gerações, consoante o movimento coletivo de tradições, ao relacionar fatos narrados com fatos vivenciados, não sendo possível conceber narrativa alijada da ideia de memória”.

Morrinhos conta com 28 Guias, em idade de 23 a 88 anos, apresentados no Gráfico 09.

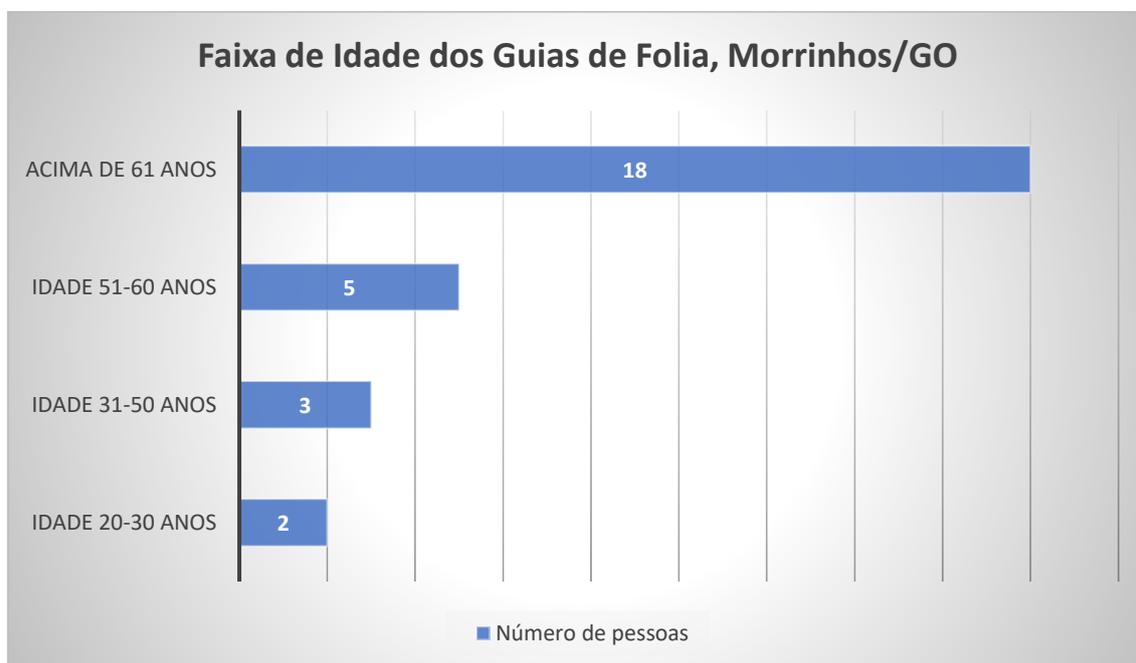


Gráfico 09 – Faixa de idade dos Guias de Folia. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Ao apresentarmos este quadro podemos dialogar com algumas informações implícitas neste gráfico: os agentes de manutenção da tradição estão envelhecendo, e, apesar de haver a transmissão dos conhecimentos e rituais tradicionais das folias entre os guias mais velhos e os mais jovens, observamos, em nossas pesquisas, que essa renovação é limitada para áreas fundamentais das folias: cantadores e rezadores estão cada vez mais escassos.

Os gráficos que produzimos dão conta de um número muito grande de pessoas acima de 61 anos. Lembrando que para esta forma de catolicismo popular, o feito de mobilidade é muito importante, “a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens” (BOSI, 2004, p. 82), está com os mais experientes os saberes e rituais das folias. Tratamos também de entender as implicações existentes que a folia é uma peregrinação, nenhuma delas com menos de 5 dias. Há folias que giram 15 dias, por exemplo. Mas em sua maioria 7 ou 9 dias de giro. E reafirmamos uma vez mais o cuidado com a tradição, por parte dos mais velhos, que se esforçam para cumprir seu efeito devocional.

Conseguimos avaliar a importância da tradição quando pensamos na importância que há em sua forma de perpetuação, ao nos depararmos com Segundo (1985, p.01) entendemos que

Não precisamente dando-nos por herança respostas feitas, e sim assumindo a tradição como um processo em que se aprende a aprender. Cada dado transcendente que nela entra faz o papel de uma plataforma de lançamento: quanto mais firme, tanto melhor permitirá a exploração de problemas mais afastados.

Assim temos um quadro estabelecido de uma tradição que obedece a muitas contingências, comprovando a identidade peculiar dos participantes e líderes das folias, carregados de um saber muito apurado, cujas idades são avançadas, o que nos habilita a dizer que se trata de uma cultura ancestral.

Ecléa Bosi (2004), nos propõe o entendimento do velho como um ser de sobresistência, pois rememora, aconselha e serve de elo entre o passado e o porvir. Reclamando, inclusive, o estilhaçamento dos velhos com relação ao sistema capitalista, que descarta o que não é motriz, eficiente e servil. Aqui em nossa pesquisa, descartamos tais estruturas, que consideramos malefícios nocivos à tradição das folias, e aproveitamos somente a função importante dos anciãos frente a manutenção desta tradição.

Na esteira de Halbwachs, Bosi (2004) provoca uma reflexão muito importante sobre o papel dos velhos e seus saberes ante a uma sociedade, suas contribuições e constituições. Logo vemos um fundamental olhar para explicar as folias como uma contribuição ao efeito religioso, devocional, formador de uma identidade popular, com uma memória coletiva muito bem delineada nas comunidades que se inscrevem.

Adentrando ainda mais na pesquisa de campo que fizemos, trazemos a uma questão que foi levantada em nosso questionário norteador. Questionamos aos Guias de Folia se eles se consideravam católicos. Em todos os casos eles responderam positivamente para a pergunta. Algumas das respostas dadas nos causaram uma certa reflexão, como por exemplo, um de nossos informantes disse: Informante (Inf.) 2: ”- *Sou Católico, mas não frequento a Igreja não. Vou nas folias*”, outro disse Inf. 11: ”- *Sim. Mas não misturo da Igreja não. Só na Folia*”. Cabendo a nós uma reflexão sobre esses participantes, pois podemos apresentar o entendimento de que eles têm a folia como única forma de catolicismo deles. Porém há o inverso, o Inf. 1 disse: “- *Eu sei que a gente deixa a desejar. Mas de uns anos para cá tenho sido muito católico. De muita fé. Me considero católico, fui batizado, fiz catequese*”, e também o Inf.3: “- *Católico praticante, ex-*

*seminarista*” nos dando o entendimento que as pessoas são vinculadas, de alguma forma ao catolicismo institucional.

Ao passar para a segunda pergunta de entrevista as respostas foram mais amplas. Como por exemplo, quando questionados sobre quais ritos da Igreja ele participava, se ele confessava ou comungava chegamos ao seguinte dado contido no Gráfico 10:

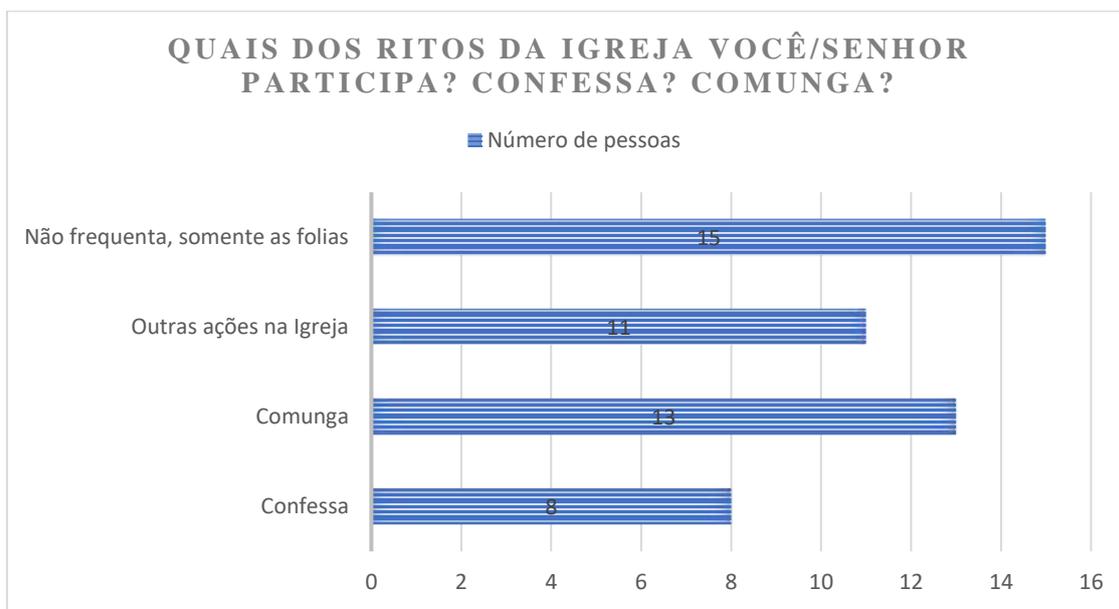


Gráfico 10 – Quais ritos da Igreja você/senhor participa? Confessa? Comunga? Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Os nossos informantes responderam mais de um item da pergunta. Vemos aqui outro fato muito interessante, pois a única forma de catolicismo da maioria dos Guias desta tradição é a folia. Podemos ver que eles não estão à margem da obediência dos dogmas da Igreja, por exemplo. Um dos guias Inf. 16 que disse: “-*Não participo de missa, sou amasiado. Não comungo e nem confesso*”. O Inf. 21 é efetivo na participação “-*Participo de tudo, sou Ministro da Sagrada Eucaristia*”. Outros dois entrevistados nos informaram, que pela dificuldade geográfica de acesso não frequenta a igreja, somente as folias, Inf. 14: “- *Não. Participo das folias, vou nas novenas aqui da roça mesmo, e nas folias*”, e Inf. 22: “- *Moro longe demais da Igreja. A comunidade aqui acabou. Então quase não vou na missa*”. Portanto, vemos uma série de informações muito reflexivas sobre os participantes das folias, que com seu discurso e local específico de fala, constituem, basicamente, um catolicismo dentro do catolicismo.

Esse dado é muito interessante porque mostra a permanência de uma das principais motivações, desde o passado colonial e imperial do Brasil, para que o

catolicismo popular fosse constituído como única opção da população do interior: a dificuldade da Igreja Católica em atender os fiéis espalhados pelo território permitiu que as devoções católicas e os rituais populares fossem praticados como principal fonte da religião.

Quando tratamos das folias, lidamos com alguns fenômenos interessantes, como por exemplo a fidelidade e compromisso com a tradição. Quando questionados há quantos anos gira em uma folia, chegamos aos seguintes dados quantitativos, no Gráfico 11:

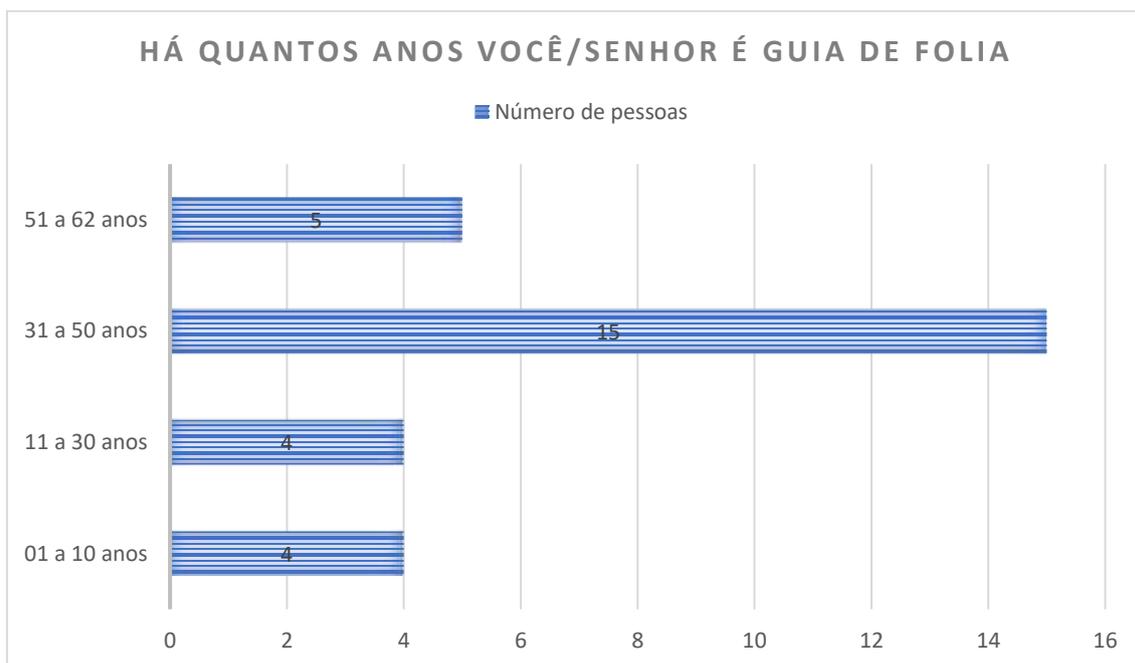


Gráfico 11 – Há quantos anos o senhor/você é Guia de Folia. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Vemos um quantitativo do que se considera a grande maioria com mais de 31 anos de atividades na tradição das folias, como Guias de Folia, em Morrinhos/GO, fato que nos autoriza afirmar que as noções de compromisso com a tradição são fortes, vinculados aos laços afetivos existentes entre os guias e as folias.

Outro fato interessante envolve a permanência e continuidade dos guias em seus afazeres. Foi comum ouvir nos depoimentos as informações que “tal pessoa foi guia até morrer”, ou “serei guia de folia até morrer”, entre os foliões. Isso nos induz ao pensamento fundante da hereditariedade na devoção, seja entre os músicos, cantadores e instrumentistas, seja entre os guias.

Captamos uma noção muito forte de compromisso entre os foliões, sua devoção e fé, e o giro, propriamente dito. Ficando claro que os guias tomam para si esse sacerdócio

e o assumem em caráter vitalício, sendo substituídos após sua morte, somente. Neste intervalo temporal pudemos perceber que os guias vão treinando novos guias, cantadores e instrumentistas, comprovando sua responsabilidade frente a crença.

Quando tabulamos os dados relacionados a quantidade de anos de participação em folias, os números são mais expressivos ainda, pois para tornar-se guia, o folião precisa ambientar-se com todo o fazer, inclusive de gestão, da companhia. Vejamos no Gráfico 12:

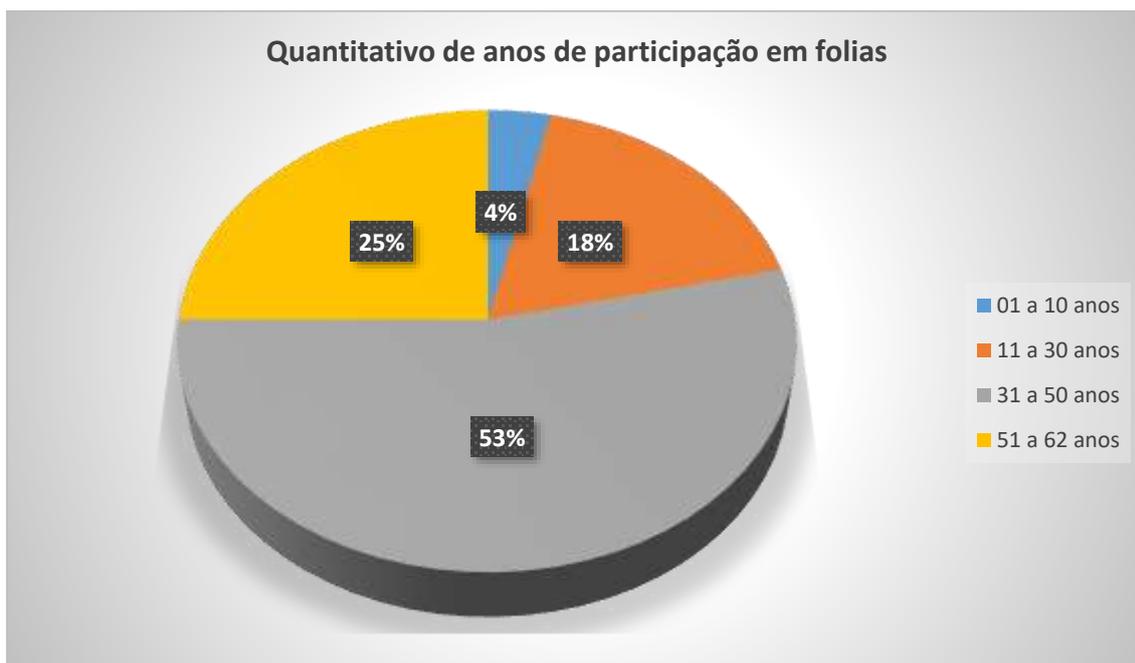


Gráfico 12 – Quantitativo de anos de participação nas folias. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Ao observar a porcentagem de participação por período podemos verificar um outro dado muito importante: a longevidade de compromisso com a tradição. Durante a entrevista pudemos ouvir foliões dizerem Inf. 12 “- *Estou na folia todo ano, e até em mais de uma. Nunca faiei um ano.*” (Sic). Isto mostra que, para além do compromisso, as pessoas têm um zelo pela tradição das folias. Sentem-se pertencentes a esse Catolicismo e obedecem às regras internas e permanecem por muito tempo. Ouvimos de alguns, como o exemplo do Inf. 22 “- *Serei folião até eu morrer, enquanto eu tiver vida e saúde estarei na folia*”, comprovando assim o compromisso que existe entre as folias e seus agentes.

Mas é quando adentramos na individualidade da tradição é que podemos mensurar os problemas que acontecem no cerne do festejo popular. Por mais que entendamos que é algo endógeno à formação das folias, procuraremos entender suas

especificidades para podermos trazer um sentido que verse por aproximação de dificuldades encontradas para a manutenção da tradição, ou não.

Compreender algumas das falas e poder vincula-las aos grandes problemas que permeiam as folias, mostra sem dúvida, um processo de resistência, que entendemos ser interno, porém que interfere muito nas questões externas das folias. Os foliões veem com muita preocupação a continuidade das folias, por exemplo.

E ao perguntarmos sobre a dificuldade que encontram frente à organização das folias, nos foram apontados como problemas, questões de liderança e obediência, em que temos as falas dos entrevistados: Inf. 01 *“E como capitão eu tenho dificuldade de chamar a atenção de um folião. A gente conviver é muito difícil”*; Inf. 02 *“A desobediência e a disciplina faz com que as coisas fiquem difíceis na cidade”*; Inf. 08 *“A dificuldade maior é reunir um grupo de folião bem organizado e consciente, só isto”*; Inf. 14 *“A dificuldade é a seguinte, o guia de folia é como o ministro da igreja, e é a pessoa mais criticada. Colocar na frente como guia e capitão de folias você não consegue agradar a todos”*; Inf. 17 *“Liderar os folião é muito difícil”*; Inf. 23 *“Liderar os foliões.”*

Nessas falas fica muito claro pelos discursos dos guias e capitães de folia que noções de liderança são uma das dificuldades, uma vez que lidar com algo que é popular torna-se ainda mais complicado, sendo que em sua composição há um desapego a regras e normas, o que entendemos pelas observações que fizemos. A disciplina e ordem é necessária para qualquer continuidade, logo, os guias viram como um problema enfrentado para a continuidade das atividades das folias.

Freitas (2008, p. 89) elucubra as questões circundantes da liderança e orienta que

Considerando as relações humanas, nota-se que a convivência entre pessoas de diferentes culturas pode favorecer o desenvolvimento crescente de uma maior sensibilidade, tolerância e respeito pela vida de pessoas, grupos e sociedades de origens distintas [...] – sem negar o potencial de conflitos entre as partes – favorece o respeito mútuo, a redução dos estereótipos, das incompreensões e das dificuldades na interação, bem como eleva a qualidade das decisões tomadas nas organizações.

Assim, mesmo com a fala dos agentes das folias, conseguimos captar uma relação bem fluida e amistosa, contrastando com o discurso dos líderes, que consideramos ser importante frisar, sem sombra de dúvidas.

Ao tabular as pesquisas, ainda sobre as dificuldades encontradas, percebemos uma fala peculiar em que o Inf. 02 relatou que uma das dificuldades é que *“na cidade há muitos evangélicos, espíritas”*, provocando uma reflexão interessante para nossa

proposta, no que se refere a evasão dos fiéis ao catolicismo. Muitas vezes cheio de regras e não muito prático esta forma de crença cedeu natural espaço a outros.

Outras imbricações envolvem as respostas de nossos informantes e nos faz buscar entendimentos exteriores à temática e que afetam diretamente na tradição, mostra disso é o fator modernidade. Aqui é importante lembrar que não estamos tratando a modernidade como um conceito da historiografia, mas apenas dentro do entendimento popular, no qual a palavra significa os elementos novos que transformaram nas últimas décadas a sociedade. Moderno é tudo que produziu novas experiências sociais, como, por exemplo, a urbanização, os meios de locomoção, os meios de comunicação que mudam os costumes, novas formas de produzir e trabalhar, entre outras.

Essa modernidade tem afetado sobremaneira, na visão dos guias e capitães de folia, no que se tem como dificuldade de manutenção das folias. Pelas falas seguintes observamos o Inf. 01 “*O povo mudou demais, as fazenda não tem gente*”, corroborado pelos seguintes que afirmaram Inf. 03 “*Desde 2012, a urbanização mudou demais as folias. Não há muitos moradores que gostam da tradição e tem condição para dar ponto*”. Estes dois informantes nos trazem importante elemento, o êxodo rural existente na região estudada.

Almeida (2008, p. 108) afirma:

Como organização do espaço, pode-se dizer que o território responde em sua primeira instância, a necessidades econômicas, sociais e políticas de cada sociedade e, por isso, sua produção está sustentada pelas relações sociais que o atravessam. Sua função, porém, não se reduz a essa dimensão instrumental; ele é também objeto de operações simbólicas e é nele que os atores projetam suas concepções de mundo.

Tal entendimento nos remete a pensar o campo em questão sofrendo uma transformação em que as necessidades de suas personagens, por necessidades econômicas, busquem os centros urbanos para resolverem seus problemas proeminentemente humanos. A modernidade traz consigo a mecanização no campo, dispensando a mão-de-obra, transformação das pequenas propriedades em grandes latifúndios, agindo diretamente no que podemos afirmar de ‘escoamento’ das pessoas que vivem no campo, que sem possibilidades, buscam meios de sobrevivência, causando em nosso objeto influências grandiosas: não há muita gente no campo, logo, há um certo enfraquecimento na raiz da tradição. Lembrando sempre que em nosso *corpus* há também a tradição na cidade.

Inda pensando na modernidade como influenciadora de dificuldades de manutenção da crença, subdividimos as falas dos informantes por questões financeiras para receber as folias, ocupações profissionais, desapego religioso e novas tecnologias e suas interferências na tradição.

Os informantes alegaram que há a dificuldade de, por questões financeiras, de receber as folias. Vejamos suas alegações. O Inf. 04 *“Dificuldade hoje são os pontos de almoço e pousos. As pessoas tem medo de assumir a responsabilidade. Todo almoço ou pousos virou festa. Está muito complicado, almoço com 200 pessoas, pousos com 500 ou 1000 pessoas. Pesa financeiramente”*. O Inf. 05 confirma *“Hoje para manter a folia precisamos de pessoas para receber as folias. Não há romaria sem as casas para receber. E está ficando cada dia mais difícil. Junta gente demais nos pontos”*. O Inf. 15 *“A dificuldade financeira, o transporte é pago. A despesa dos foliões e festeiros. Hoje anda muita gente nas companhias. Antes a gente pedia almoço e pousos era para 12 a 15 pessoas. Hoje tem almoço com 200 e pousos com 500. As pessoas não tem dinheiro e a despesa é alta”*. De igual modo o Inf. 16 salienta que *“Arrumar as casas pra passar a romaria também. Junta gente demais e o povo não está em época de gastar muito não”*.

Tais falas comprovam que há, por parte dos guias e capitães, uma preocupação com a quantidade de pessoas cada vez mais crescente na participação das folias. Um tanto contraditório, isto é colocado como dificuldade, uma vez que diminuídas as residências no campo, há um grande número de devotos e ou visitantes nas folias. Colocando muitas vezes em risco a manutenção da tradição. No nosso entendimento as folias convivem com um problema, que é econômico, os recursos materiais para que as famílias as recebam, mas convivem com um aumento significativo de participantes, restando saber se é pela devoção ou apenas pela sociabilidade.

Outro fator interligado a modernidade refere-se a questões que envolvem seus agentes a questões ligadas ao emprego. Os giros são de 3, 5, 7, 9 ou 11 dias, isto posto impraticável sua ausência no posto de trabalho. O Inf. 07 conta que *“A maior dificuldade é de encontrar ‘folião’”(Sic)*. O Inf.09 pronuncia-se a este respeito *“No meu ponto de vista é a disponibilidade de quem faz a folia para realizar elas. Com o passar dos anos e pelo trabalho, as pessoas não tem mais como participar. As pessoas antigamente eram mais disponíveis. Na minha época de fazenda, as pessoas arrumavam os terreiros e a lida e depois iam para a folia. As pessoas tinham pressa de limpar as roças para irem para a folia. Hoje as pessoas vieram para a cidade e se ocupam em trabalhar. A devoção fica para depois.” (Sic)*. Em igual modelo temos a fala do Inf. 13 que disse *“A dificuldade*

*maior é a falta de tempo das pessoas. A rotina das pessoas não tem deixado que as folias sigam exatamente a tradição antiga.” (Sic). Para o Inf. 18 “A dificuldade maior é que nem todos os foliões tem tempo. Nem todo mundo é disponível.” O Inf. 24 “Hoje está custoso, a maioria dos foliões, como sempre foi, são ‘pobre’ e não podem se afastar do serviço por muito tempo.”*

Presente em todas as falas a dificuldade de participação de seus agentes e a necessidade primária do trabalho fazem com que figurem estas problemáticas relativas à conservação das folias. Conseguimos ainda aferir um dado importante relativo aos artífices das folias. Em sua grande maioria são assalariados e ou que provém sustento de suas atividades profissionais. Via de regra não tem autonomia em sua carga horária para se licenciarem para atender as folias.

Surgido dos discursos dos informantes com expressiva força está a continuidade da tradição revelada pelas falas, por exemplo, do Inf. 02 “*E a falta de continuidade das folias. Os jovens não se interessam*”. Do Inf. 03 colhemos a afirmação “*E há um problema sério com relação a falta de foliões. Muitos vão morrendo. Às vezes temos de pegar foliões de 3 companhias para sair uma*”. (sic). O Inf. 06 “*A reposição de pessoas, os foliões precisam ser renovados, para não acabar com a tradição de fé das folias.*” Os Inf. 10 e 11 “*Encontrar folião...Tão ficando poucos demais*”(Sic); “*De ‘arreunir’ folião. Eles está tudo morrendo*”(Sic). O Inf.16 assinalou-nos “*A quantidade de pessoas que trabalham na folia está acabando. As folias está girando muitos dias e isto é uma dificuldade de arrumar folião.* (Sic) ”

Em igual modo o Inf. 19 “*As pessoas antigas da folia estão morrendo. As folias não podem perder o ritmo que ela tem. Nossa tradição de fé é muito rica. Só ela dá conta de tudo. A gente chega até Deus pela folia.*” (sic), essa fala traz algo interessante que já propusemos em todo o primeiro capítulo, que refere-se às questões de ressignificação da tradição. A necessidade de se modificarem alguns modos e possibilidades. O Inf. 22 disse que “*Manter a tradição junto das pessoas. As pessoas só querem girar com a folia mas não tem interesse em aprender. O mais difícil é a renovação de foliões.*”(sic).

Devemos aqui posicionar o sujeito fundante e reflexo da tradição aplicada no ato devocional e entendemos que

Para o homem do interior, que vive isolado em sua pequena comunidade rural ou na pequena cidade, a experiência da grande festa do santo, com a afluência de uma massa de devotos é, certamente, uma experiência marcante. Uma romaria que culmina com a festa do santo de devoção é certamente inesquecível! (OLIVEIRA, 1988, p. 117)

O Inf. 24 provoca uma reflexão e diz que “*Os jovens que poderiam assumir, não tem tanto compromisso. Esta é a dificuldade*” (Sic), referindo-se aos processos sociais que envolvem a tradição e a juventude, o que é corroborado com a fala do Inf. 25 “*Achar companheiros para suprir a falta dos foliões que se vão.*” (sic) cuja preocupação está na renovação dos agentes de folia.

Os Infs. 27 e 28 trazem respostas às questões de dificuldade de manutenção da tradição dispostas nas seguintes preocupações “*Dificuldade hoje é folião. Quase não tá tendo. Os novos não têm responsabilidade*” (sic), “*O pessoal de idade vai morrendo e os novos não tem compromisso. Não tem a doutrina e a disciplina. Isso não se ensina facilmente não. São muitos dias de jornada. O giro é pesado demais*” (sic), a longevidade dos membros provoca muitas preocupações com relação a reposição dos agentes das folias.

Vimos também uma observação muito particular, no que se refere diretamente ao desapego com questões religiosas, vistas nas falas dos Infs. 12, 14 e 18: “*A maior dificuldade está na modernidade. As pessoas se afastaram da religião. Se esqueceram muitas vezes o papel importante das folias na sociedade.*” (sic); “*Meu avô era chefe de folia, e eu vejo que não conseguimos seguir o mesmo ritmo de antes. As pessoas estão muito distantes da religião.*” (sic); “*As pessoas tem muitas coisas pra fazer hoje em dia. Tem pouco tempo para a religião.*” (sic). Conseguimos depreender entendimento que as folias tem sido afetadas por efeitos fortemente ligados a parte festiva das folias, deixando muitas vezes o lado devocional, tão defendido pelos guias e capitães. Nesse sentido, o aumento do número de participantes não se dá pela devoção, mas pela sociabilidade e pelo ritual de gastronomia coletiva, que é muito apreciado.

Tivemos entrevistados que elencaram como problema algo relacionado ao compromisso entre os membros através das falas dos Inf. 21, 25 e 26, em sequência: “*Os folião faz o compromisso e na hora não vão. Isso é ruim. E chega na hora tem dificuldade de arrumar folião.*”; “*O mais difícil é fazer e treinar novos foliões.*”; “*O mais difícil é os folião. Tá ficando muito pouco. Em tudo tem os verso, a saída, a chegada. Tem de ter gente sabida nas função. Senão, não fica bonito.*” (sic). Ficando evidenciado uma vez mais que, uma tradição desta magnitude sofre de problemas diversos, e em nossa pesquisa resguardamos os juízos de valor e aqui explicitaremos os posicionamentos dos líderes, com a finalidade de oferecer fala aos seus entendimentos e olhares sobre as folias.

Dois falas destoaram das demais quanto a dificuldades de manutenção das folias. O Inf. 21 “*Muita gente anda sem função da folia, junta um povão danado para*

*andar à toa. Folia é uma religião e todo mundo que vai tem de ter uma função.*” (sic), problematizando os visitantes, devotos, cumpridores de votos ou promessas que acompanham a folia, causando impacto na questão de recepção dos foliões nas residências. Outro ponto foi levantado pelo Inf. 28, que disse “*É o seguinte. É complicado... O pessoal não tem vocação mais. Acha que é farra, é festa.*”. Diante dessa fala voltamos ao aspecto dual da festividade no que tange ao sagrado e profano, discussão que não nos aprofundaremos por não ser o intuito dessa pesquisa, porém que já está canonizado na sociedade, quando trazemos reflexões das festividades, principalmente, do Catolicismo Popular.

Vemos claramente a percepção de um guia preocupado na separação nuclear das festas de folia, em que o núcleo religioso e o profano não se misturem.

Entendemos, ao pesquisar as folias, que mesmo que se tente separar é impossível, seja pela própria miscigenação contida na identidade, seja pela dificuldade em colocar norma em algo tão peculiar e popular. Os banquetes, a cachaça, o vinho e as danças, se vistas por outra perspectiva, representariam o profano, mas nas folias não. A comida e a bebida são benzidas, as danças são uma forma de agradecimento ao santo pelas bem-aventuranças. Bakhtin (2008, p. 23) traz uma ideia que se aproxima um pouco de nosso entendimento da comida nas festividades quando traz uma alusão ao banquete, por exemplo, e informa que

O banquete celebra sempre a vitória, é uma propriedade característica da sua natureza. O triunfo do banquete é universal, é o triunfo da vida sobre a morte. Nesse aspecto, é o equivalente da concepção e do nascimento. O corpo vitorioso absorve o corpo vencido e se renova. ... as imagens de banquete guardam sempre sua importância maior, seu universalismo, sua ligação essencial com a vida, a morte, a luta, a vitória, o triunfo, o renascimento. Por essa razão, essas imagens continuaram a viver, no seu sentido universalista, em todos os domínios da obra criadora popular.

Poderíamos cogitar em separar o sagrado e o profano quanto aos participantes que buscam tais festividades, mas incorreríamos no risco de segregar por credo religioso ou ainda mais, por excluir pessoas que buscam esta forma de manifestação, o que não é a concepção ideológica e identitária das folias. Ficando para nós a reflexão que quanto a esta teia do Catolicismo Popular “formava um sistema único de poder e legitimação, associando, numa interpenetração estreita, Estado e Igreja, o profano e o sagrado”, de modo que as vivências das religiosidades ganhavam marcas das dinâmicas de hibridismos culturais (ABREU, 1999, p. 35). Reiteramos que o hibridismo, trazido em nosso capítulo teórico por Nestor Garcia Canclini nos faz sentido de completude para esta tratativa.

Por fim, tivemos o Inf. 20 que afirmou “*Não encontro dificuldade. Nunca tive. Vejo a fé acima de tudo.*” (sic), colocando o ato devocional acima de todos os possíveis problemas que permeiam o mundo das folias.

Nessas falas, pudemos ter inúmeras percepções sobre os problemas encontrados por eles na manutenção da tradição das folias. A questão da fé é extremamente interessante, pois, na hora do terço as pessoas, geralmente dispersam, pelo aspecto que consideram ser um rito cansativo. Vimos que os Guias de Folia apontaram como sendo problemas graves questões de liderança e relacionamento, apresentada por três de nossos informantes, apontaram problemas de obediência durante o giro, como sendo fatores pontuais e problemáticos na folia.

Alguns deles levantaram questões relacionadas à parte financeira da manutenção da tradição. O número de pessoas nos pontos, almoços e pousos, cresce a cada ano, aumentando com isto as despesas dos proprietários das casas que recebem. Isto, a cada ano que se passa, conforme nossos informantes, tem inibido o convite para ponto de folia, por parte dos devotos.

Apresentado como problema figuram os fatores relacionados à modernidade. Dificuldades de disposição para participar das folias pelo trabalho, e necessidade de sobrevivência foi apontado, bem como a falta de tempo das pessoas e distanciamento da religião.

Numa expressiva maioria, o maior problema está na falta de renovação, treinamento e reposição de novos foliões, segundo nossos informantes os foliões estão morrendo, sem muita perspectiva de substituição, pois os jovens não tem se interessado pelas funções das folias, apesar de figurarem, em grande número, como instrumentistas, garrucheiros ou como acompanhantes.

Assim, mesmo ante ao processo de dificuldades que enfrenta a tradição, vemos o catolicismo, em sua expressividade via Cristianismo, como religião universal, sofrendo uma forma de hibridismo, provocando assim o surgimento do que ousamos dizer, religião dentro da religião, confirmado em:

As chamadas religiões “universais” (budismo, hinduísmo, cristianismo, judaísmo e islamismo) continuam dando prova de sua vitalidade, sem que com isso os sistemas religiosos próprios de pequenas comunidades e de grupos étnicos espalhados pela superfície do planeta tenham se desfigurado inteiramente. [...] Produziram-se sobreposições, escamoteamentos, reinterpretções, sínteses, “hibridismos”. A crescente diversidade religiosa se expressa também por meio de formas de religiosidade que poderíamos chamar de “leigas”. (MATA, 2010, p. 18)

Quando perguntamos sobre a atuação em folias, chegamos a Guias que frequentam o número de 1 folia, e dois deles não estão guiando, e um que está em 8 folias. Chegamos a uma cifra de 94 folias, dividimos pelo número de guias, chegamos a uma média aritmética de 3,35 folias/guia, em Morrinhos/GO, o que significa, inclusive que alguns guias revezam atividades em mesma companhia.

Perguntamos para os Guias e Capitães de Folia sobre o que consideravam mais importante nas folias. Contabilizamos uma série de informações, diversas e com várias perspectivas, e aqui traremos os discursos, por aproximação de falas, dando conta de seus informantes.

Como aspecto mais importante nas folias captamos dados que dialogam com questões de religiosidade, fé, devoção, evangelização, ritualística e tradição.

As falas dos Inf. 01 “*A religiosidade e a fé da folia. E a evangelização. Tudo pela fé.*” (Sic); Inf. 04 “*A parte religiosa em primeiro lugar. Depois a parte folclórica*”. (Sic); Inf. 09 “*O aspecto mais importante é a religiosidade. Eu que nasci vendo a folia, vi e aprendi o respeito à religião é a coisa mais importante. E também tem a questão da tradição*” (Sic); Inf. 13 “*O aspecto importante é a paz de espírito, pela fé, pela lembrança de seus antepassados que gostavam de folia. O importante é o ato de religiosidade*” (Sic). Tais falas vão ao encontro de um cuidado com o apego à religião Católica. Pudemos perceber, pelas falas, que há um apego ao processo de simplificação da crença, deixando-a mais fluida, além de aspectos de circularidade contidos nas falas do Inf. 09, uma vez que temos no seu discurso uma tratativa de hereditariedade.

Alves (2002, p. 22) aponta que

A fé no imponderável, no milagre e, portanto, um retorno ao místico, ao reencantamento religioso através da magia, parece ser o recurso plausível utilizado pelo homem na busca de uma resposta e justificativas frente às vicissitudes do mundo moderno. Os homens buscam no sobrenatural respostas para os seus problemas e, não raro, obtêm sucesso. E esse ‘conversar’ com as forças divinas parece preencher o vazio provocado por realidades opressoras eivadas de individualismo e solidão.

Sobre a fé, trazemos os depoimentos dos agentes, que entendemos, colaborar para o entendimento que as folias permeiam. O amplo terreno do intangível, que ganha força e promove o entendimento sobre a força do credo. O Inf. 05 traz sua contribuição afirmando que “*Transmitir para as pessoas que recebem a folia o espírito de fé*”; o Inf. 10 comprova a função popular desse formato de catolicismo quando diz “*A fé. As folias são uma realização da fé do povão mesmo*”. O Inf.27 traz sua percepção que “*É a fé levada durante os trajetos do giro nas casas. Levamos a fé até o povo, pelas folias.* (Sic)”.

E aqui discutimos uma das normativas da folia: a peregrinação com apego ao processo de levar às famílias a religiosidade.

Alinhavando ao conceito de fé, como mais importante nas folias, o Inf. 28 “*Eu penso que o guia de folia tem a responsabilidade de levar a fé. Com qualidade, repertório de versos e tudo mais. Tem de ter muito preparo. Por isto as folias ainda resistem. Temos bons guias de folia que não deixa as coisas se perder. (Sic)*”; nesta fala é perceptível o apreço e olhar do Guia com relação aos aspectos que ele julgou ser importantes nas folias.

### 2.1.2. As devoções

Ao tratarem como funções importantes das folias os atos devocionais, recorremos a uma reflexão de um dos núcleos que gravitam nas folias, o dos pagadores de votos e promessas. Para além da devoção dos agentes das folias, cantadores, tocadores e serviçais, temos os devotos que se apegam ao santo devocionado na bandeira para conseguir sua “graça”. Assumimos o entendimento que para o devoto

Os deveres com o santo, especialmente o pagamento de promessas feitas para obter sua proteção em caso de doença, continuavam a valer mesmo com a morte do indivíduo que fez a promessa, sendo que parentes próximos deviam retomá-las. O descanso de sua alma dependia do cumprimento de suas promessas não-pagas pelos que lhes estavam próximos neste mundo (ZALUAR, 1983, p. 85).

Falas que são contundentes e reafirmadas pelos pesquisados. O Inf. 02 “*Gosto da evangelização. Já vi muita coisa bonita ser feita na frente da bandeira de folia. Isto que deixa a gente feliz. A devoção do povo é bonita demais. Choram quando a sanfona toca e a gente abre o peito e faz o verso. (Sic)*”. O Inf. 06 nos mostra que “*O povo é que toma frente e faz sua devoção viva. (Sic)*”. Em igual forma o Inf. 08 considerou a devoção como ato principal e assim disse “*A devoção que as pessoas tem com os santos da folia. Morrinhos tem muito disso. Devoção. (Sic)*”.

O Inf. 10 traz que o importante “*É devoção nas coisa, sabe?! Tudo é a fé e devoção. (Sic)*”. O Inf. 11 informa que “*A devoção do santo. (Sic)*”, é o principal. Completando esta noção o Inf. 16 se posiciona afirmando “*O respeito e fazer as coisas bem feitas pelo santo que a pessoa está levando na folia. É muito sério. Tem de ter cuidado demais. (Sic)*”.

Concordando com a ideia do devocional ser o mais importante o Inf. 17 expressou sua visão dizendo que “*É chegar em uma casa e ter a nossa cantoria de oração respeitada. É muito gratificante. A devoção do povo deixa a gente emocionado demais*”. (Sic) O Inf. 19 “*A devoção do povo. É incrível ver as milhares de pessoas que buscam a folia. A igreja é distante, a folia vai na porta da casa das pessoas, evangelizando. Levamos Deus até as casa (Sic)*”. Aqui conseguimos ver uma crítica ao sistema de acesso do povo nas folias. Logo, entendemos que os olhares dos agentes das folias são muito cuidadosos com o povo e seu fazer tradicional.

Oliveira (1983, p. 25) ressalta que não há mediação na relação entre devoto e santo, o contato é direto, são relações entre dois amigos, estando um no céu e o outro na terra. Dessa forma o culto aos santos não é supersticioso nem mágico, por serem os santos pessoas, eles não estão sujeitos a impessoalidade das leis da magia.

Somados à importância da devoção, nos foram apresentadas respostas que tratam como fundamentais devoção e ritualística, por exemplo o Inf. 25 “*A primeira a devoção. Depois a tradição religiosa. A cantoria, a comida benzida e partilhada, tudo é fé. Tudo para o povo. Evangelização simples, sabe (Sic)*”. Essa fala nos causou um impacto, pois há na fala do Guia a preocupação com a liturgia dos atos da folia e toda sua representação.

Outra resposta interessante foi o cuidado que houve de um Guia, o Inf. 24, ao responder “*A irmandade e respeito durante o giro, isto não é fácil, sem fé em Deus nada funciona. A união para levar a Palavra é o mais bonito. (Sic)*”, apresentando claramente a preocupação existente com relação à devoção e união dos agentes.

Apresentaremos os dados da tabulação de nossa pesquisa quando os Informantes falam com relação a ritualística, tradição e evangelização. Entendemos que todas estas considerações feitas complementarão a ideia que buscamos levantar sobre os diálogos possíveis das folias.

Sobre a tradição o Inf. 06 articulou a ideia de que “*Justamente a organização da tradição: alegria, brincadeira e fé*”. O Inf. 07 complementou a fala dizendo que “*A importância das pessoas irem para a folia para rezar e cantar, levar a palavra de Deus. As folias modificaram muito, mas, as que eu tiro eu não deixo bebidas, o mundo mudou muito. O que eu consigo segurar da tradição dos tempo antigo eu faço*”(Sic). Nessa última fala vemos a preocupação com efeitos de sentido da modernidade como interferência nas folias. Há sua preocupação com a questão da bebida (que é fundante da tradição), acreditamos tratar-se de uma observação que deve ser olhada pela perspectiva

da sociedade moderna em que alguns excessos são coibidos pelas autoridades, não ficando tão livremente os atos dos participantes da festividade.

Logo, ao alinharmos um pensamento sobre tradição, concluímos que o que os guias colocaram como fator importante nas folias descortina uma reflexão por sobre as influências da sociedade no credo. Giddens (1997. p. 130-131) mostra que

A sociedade pós-tradicional é um ponto final, mas é também um início, um universo de ação e experiência verdadeiramente novo. Que tipo de ordem social ela é ou pode se tornar? [...] É uma sociedade em que os elos sociais têm efetivamente de ser feitos, e não herdados do passado – nos âmbitos pessoal e coletivo este é um empreendimento pesado e difícil, mas também um empreendimento que contém a promessa de grandes recompensas. [...] Como humanidade coletiva, não estamos condenados à irreparável fragmentação nem, por outro lado, estamos confinados à jaula de ferro da imaginação de Max Weber. Além da compulsividade está a oportunidade de se desenvolverem formas autênticas de vida humana que pouco devem às verdades formulares da tradição, mas nas quais a defesa da tradição também tem um papel importante.

Seguindo a resposta sobre o enunciado contido no que seria mais importante nas folias, o Inf. 22 alegou ser, também, a tradição, quando afirmou “*É uma coisa que quase ninguém fala, mas é a devoção e a tradição. Muitos andam só por andar e isto é ruim. Quando a pessoa entende a tradição e passa a ser devoto, nunca mais deixa*” (Sic).

Dois dos participantes da pesquisa nos colocaram, diferentemente dos demais, um postulado interessante e que foi mais profundamente com relação ao aspecto de ritualística e misticismo que envolve as folias. Vejamos: o Inf. 20 mostra que “*Uma coisa que é importante é a humildade que carrega a folia. Temos de obedecer o ritual: a reza e a cantoria. A folia é de muita humildade. Levamos a ideia do santo, com muita fé e fervor*” (Sic); o Inf. 27 salienta que “*Ela é importante em tudo. Mas o mais importante mesmo é o terço. A cantoria também*”. Temos, portanto, indícios severos que comprovam o ritual como sendo um todo de uma parte importante para as folias.

Tivemos muitos dos informantes atribuindo importância ao papel evangelizador das folias. Destacamos suas falas que se incorporam ao grande contexto que buscamos mostrar, as folias como estando no centro do debate.

Sem perder de vista que os preceitos religiosos juntados aos fazeres do povo é que observamos, por exemplo, na fala dos Guias sobre o aspecto evangelizador contido nas folias. O Inf. 03 asseverou que “*Na zona rural, as folias permanecem mais puras no ritual. Na cidade, pensam que é folclore, e, que não entendem muito da simbologia. Há muitas coisas no Catolicismo Popular que entra em choque com a Igreja Devemos aproveitar a evangelização que é o mais importante disso tudo*” (Sic), ou seja, distantes

dos centros urbanos, os símbolos religiosos que podem permear as comunidades devem sair do povo e com o mesmo propósito, levar a palavra de Deus.

O Inf. 12 ponderou que a folia “*Vai ao encontro da importância do nosso papel de evangelizar através da cantoria. Levar a história e a importância que há, por exemplo, em Santos Reis, na vida do Salvador, Jesus Cristo*” (Sic), provando o apelo do Catolicismo, por seu ente representante.

Os Infs. 14 e 15 concordam com a função evangelizadora e dispõem sobre seus feitos e sua importância, quando dizem “*O mais importante dentro da folia é resgatar e relembrar o nascimento de Cristo. Evangelizar através da história da visitação dos Reis ao Menino Deus. Tudo dentro da simplicidade e fé*” (Sic), e “*O mais importante na folia é que muita gente não tem condição de receber a palavra de Deus e na folia a gente vai até a casa das pessoas, levando a palavra de Deus. Isto é muito lindo*” (Sic), evocando assim o entendimento primeiro: a romaria das folias pela intenção de sua criação. Mostras da visitação ao Menino Jesus.

Temos os Infs. 23 e 26 com posicionamentos comuns em ambos quando completam a ideia de que a ação de evangelização é muito válida e oportuna, e responderam que “*A devoção e a fé no santo da folia. Tudo que a pessoa vive na folia é muito bonito. Evangelizar através da cantoria e levar a mensagem nas casas é muito melhor que ir na Igreja. A casa do povo vira a Igreja. A gente reza e é alegre. Igual Deus quer da gente, viver em harmonia*” (Sic), e “*O mais importante é a turma tá reunida. Unidos. Levando a Palavra. A gente leva Deus nas casa, com a bandeira do santo, sabe como é? A gente leva Deus. É bom demais*” (Sic).

Ao captarmos os dados trazidos pelos entrevistados, nos deparamos com o relato do Inf. 21 que foi o único a falar sobre o ícone carregado na bandeira (o santo de dedicação da folia). Ele disse que o importante na folia “é a imagem que a gente tá acompanhando. Cheia de fé e segredo” (Sic). Nesta fala temos pelo menos duas informações importantes. A primeira reside na propriedade do santo devocionado na folia, com todas as suas formas e ritualística própria, e depois ele conclui utilizando a palavra ‘segredo’, que pelas pesquisas de campo, no faz entender que é o aspecto místico que compõe as folias: curas, graças alcançadas e um sem fim de fatos que dificilmente podem ser explicados pela razão.

Por isto apresentamos um posicionamento contido em Teixeira (2006, p. 27) que abre, de certa forma, um alargamento para a dimensão mística que há nas folias. Ele aponta que

As tradições religiosas encontram, certamente, na mística a sua dimensão de gratuidade e de provocação permanente à abertura. Os místicos são aqueles que conseguem captar a dimensão de profundidade presente na vida e reconhecer o outro lado das coisas. Em razão de sua experiência de proximidade ao mistério, consegue com facilidade mover-se e comungar para além das fronteiras de sua inserção particular.

O misticismo existente nas folias não pode, e não deve ser negado, e nem há motivo para isto, pois a todo momento durante o giro, em todas as folias que visitamos para a pesquisa, vimos o depoimento, quase que em forma de testemunho, de devotos falando de suas graças alcançadas, logo, há o que não se pode explicar pelo simples fato da observação e ou da praticidade que envolve as relações.

Para concluir a questão sobre o que o Guia considera mais importante na folia, o Inf. 18 respondeu que *“É quando a gente reúne para a reza do terço e apita para começar a celebração religiosa. Iniciamos a peregrinação. A visitação nas casas é também muito importante. E quando apitamos para encerrar a folia também. Tudo é muito importante. Simbólico demais”* (Sic). Além das demandas ritualísticas, neste caso, vemos o apreço à simbologia presente nas folias, que incontestemente o Guia consegue alcançar em seu pensamento, quando diz que seja no terço, ou no giro, tudo passa a fazer parte de um processo simbólico para as folias. Vemos a importância que é dada nos atos praticados pelas folias.

Para Meslin (2001, p. 229),

[...] é assim que os símbolos utilizados nos rituais populares, como forma material destes, pertencem ao reino da natureza a que o homem está acostumado e fazem parte de seu universo cotidiano. Através desses ritos as significações se tornam evidentes [...] os símbolos assumem uma eficácia imediata.

E vamos além, quando pensamos nos símbolos, pelas pesquisas de campo, trazemos o pensamento que a própria folia é um símbolo. Geral. Conciso. Pois ao nos depararmos com a prática das folias, conseguimos explicar muitos dos conceitos que a agregam como símbolo.

Logo, entender as folias, nas festas do santo dedicado, é compreender que há algo muito maior a ser observado, sem hierarquização, tampouco comparação. É compreender que as folias ocupam um espaço que gravita em muitos dos fazeres da fé, neste caso, não só popular: à espera das indulgências e milagres, por exemplo. Maués (1995, p. 356-357) lembra que

Num certo ponto pode-se dizer que a festa do santo está na mesma ordem da oração, da promessa e do milagre. O santo e sua festa possuem, como já foi dito, um caráter emblemático para a comunidade que os mantém [...]. A

verdadeira origem da devoção é o milagre, de fato, todo o santo é milagroso, por sua própria natureza de santo.

Porquanto não há, a exemplo do que já afirmamos uma ordem, e sim, fazeres que tem o mesmo propósito de evangelizar.

Com base nessas falas notamos que há a percepção forte, não de uma simplificação do fazer do povo, mas de tratar com praticidade suas questões.

Na religiosidade popular, cada sujeito social manifesta, com maior autonomia e espontaneidade seus sentimentos, sua fala, seus medos, suas necessidades. Por meio de promessas, um sistema de troca com a santidade, o fiel sente que a salvação é possível e, sobretudo, é capaz de trazer os benefícios necessários para a sua vida, numa relação funcional com a santidade, nos momentos de maiores dificuldades materiais ou emocionais. Neles, a comunicação com o sagrado se intensifica na busca de graças e milagres que caracterizam em grande parte o caráter utilitário da religiosidade popular e a relevante importância ocupada pelas constelações devocionais, onde as santidades transcendem o abstrato para encarnar-se na imagem daquele que representa. Assim, o devoto não precisa da autoridade eclesial para cultuar seu santo de devoção. Ele o elege e se sente eleito por ele e, com ele, realiza uma sacralização simbólica da vida cotidiana (CHARTIER, 1992, p. 230).

Os Guias de Folia, em sua grande maioria, exploram como sendo parte importante na folia, a devoção e a fé. Em muitos casos, há a preocupação com a manutenção das tradições, pois suas falas são carregadas de uma vontade de perpetuação do seu fazer para as gerações futuras. Algumas afirmações são fortes quanto ao caráter evangelizador das folias, pela cantoria e visitação nas casas.

Outros apontaram para a relação de irmandade que impele as folias. A convivência cortês e afetiva entre os foliões parece ser algo muito presado por eles, ficando muito claro em algumas das afirmações citadas.

O respeito ao ritual e tradição das folias foi levantado também por seus membros. Os preceitos da oração e devoção foram citados como uma forma importante de evangelizar as casas por onde passa o giro da folia.

Ficando muito clara a independência dos artífices das folias quanto às normatizações da igreja institucional. Criam, por paralelo, uma igreja popular que os atende, em seu processo de fé, inclusive santoral.

Desse diálogo possível, filtrado da fala dos Guias de Folia e sua relação com a crença e o seu fazer tradicional, podemos entender o que de cultura está impregnada a folia. Ao propor este pensamento temos Passos (2008, p. 357) ao acaudilhar que

[...] emergem transformações reais da cultura, no sentido de seu crescimento, reorientação, correção de rumos ou eventual rejeição de elementos. Surge, e em muitos pontos do Brasil está efetivamente manifestando-se, uma fé muito próxima à vida ou, mais propriamente, uma vida radicada na fé, acessível ao

povo, sintonizada com seu modo de ser e de expressar-se. Mas desponta também uma cultura reformulada, nova, animada pelo Evangelho, ativa em relação aos seus membros, crítica e transformadora de uma sociedade que não responde aos seus anseios.

Justamente o que pudemos perceber ao pesquisar as folias. O povo, em seu jogo de necessidades, buscou completar os anseios que tinha com relação a sua ideia de Deus e fizeram de forma a reformular, trazendo para próximo de si o que lhes fazia sentido, promovesse identidade e cumprisse o papel evangelizador. Assim, “cada indivíduo produz, a partir de dentro dele e do interior da sociedade, seu universo de sentido” (PANASIEWICZ, 2012, p. 10).

É nos embates da religiosidade popular que inscrevemos o discurso das folias. Para que fique claro que ao explicarmos os agentes de cultura, Guias e foliões é que entendemos que, inclusive, pela conclusão de Chartier (1992, p. 230):

Na religiosidade popular, cada sujeito social manifesta, com maior autonomia e espontaneidade seus sentimentos, sua fala, seus medos, suas necessidades. Por meio de promessas, um sistema de troca com a santidade, o fiel sente que a salvação é possível e, sobretudo, é capaz de trazer os benefícios necessários para a sua vida, numa relação funcional com a santidade, nos momentos de maiores dificuldades materiais ou emocionais. Neles, a comunicação com o sagrado se intensifica na busca de graças e milagres que caracterizam em grande parte o caráter utilitário da religiosidade popular e a relevante importância ocupada pelas constelações devocionais, onde as santidades transcendem o abstrato para encarnar-se na imagem daquele que representa. Assim, o devoto não precisa da autoridade eclesiástica para cultuar seu santo de devoção. Ele o elege e se sente eleito por ele e, com ele, realiza uma sacralização simbólica da vida cotidiana.

Tais dizeres definem o que fica no campo da relação subjetiva entre o povo e a Igreja. Seus modos de atuação, suas formas e sistemas se distanciam do plano cartesiano de religião, proposto através dos dogmas e regras impostos pela Igreja Católica a seus fiéis. Logo vemos surgir o conceito combatido de uma religião popular, que aqui não aprofundaremos, mas Isambert (1982 p. 13) afiança que

A própria noção de religião popular foi objeto de inúmeras tentativas de definição e de contestações frequentemente renovadas, chegando até a dar a impressão de um recomeço indefinido dos mesmos equívocos. Porém, ao nos aprofundarmos, encontramos outras noções, designando os grandes componentes da noção-mãe: prece, devoções, peregrinações [...].

O conceito que para nós se faz eficaz é o da devoção e das peregrinações, nas folias chamado de giro, como já trazido anteriormente.

Aqui problematizamos a atuação do povo católico em suas práticas, na tentativa de explicar algumas movimentações muito importantes que acontecem nas folias. As respostas dos foliões frente a sua participação nos ritos da Igreja Institucional, por

exemplo. Há, no imaginário coletivo, uma fala que diz católico praticante e católico não praticante que nos surge na tentativa de explicar esta possibilidade. Mas o que vemos foi um distanciamento da igreja de seus fiéis. Torres (1968, p. 87) nos avaliza que

O católico não lia a Bíblia, o católico brasileiro não participava dos sacramentos, e apenas assistia remotamente à Missa, como um espetáculo, em língua estrangeira, no qual executavam atos cujo significado desconhecia e cujo mistério respeitava. Ia-se à missa por obrigação como tanta gente vai à opera, sem saber italiano e sem entender muito de música. Mas, é obrigação.

Creemos que foi neste contexto que o povo se insurgiu, de certa forma, para criar, de formato subjetivo, seus meios de fé e suas manifestações, embatendo com a igreja. Promovendo fazeres que os aproximariam de sua divindade e que também lhes fariam ter um pertencimento em sua crença. Azzi (1977, p. 127), e a maior parte dos outros historiadores engajados explicam o catolicismo no Brasil, já trazendo amostragens do que, para nós, o aproxima do catolicismo popular.

O catolicismo brasileiro nasceu e se desenvolveu sob a proteção e a dependência do padroado português. Este aspecto histórico que ficou inalterado ao longo dos três séculos do período colonial, conferiu ao catolicismo brasileiro uma conotação particular: ele permaneceu sobretudo leigo, com um caráter claramente medieval.

Parker (1996, p. 199-200) procurando superar a dificuldade de uma oposição, entre o povo e a igreja, tenta definir a 'religião popular' pela intersecção dinâmica de três dialéticas, aquelas

Entre a religião oficial (p. ex. Religião eclesial) e a religião popular; a dialética entre as formas burguesa e intelectual da religião e o obscurantismo e/ou formas iletradas de fé; e a dialética entre uma cultura oficial e dominante (aquela das classes dominantes e da elite) e a cultura das classes baixas da sociedade.

Talvez um dos postulados que mais se enquadre dentro de nosso corpus, uma vez que as folias, conforme ficou comprovado em nosso recorte, vem das classes menos escolarizadas e que confronta, em muitos pontos, com a instituição Igreja Católica.

Devemos, contudo, observar que com efeito há uma distinção posta, entre o que faz as duas formas de catolicismo: o popular e o institucional. De um lado, um acolhedor, ressignificado para atender os fiéis e de outro o dogmático e padronizado. Com efeito, não fazemos juízo de valor em trazer algo que seja certo, melhor ou pior, apresentamos dados e teorias que podem clarear o que vimos em nossas pesquisas de campo.

Como diz Campos (199, p. 327)

A teologia, mais do que uma construção de elites religiosas determinadas, é uma visão de mundo expressa por um grupo de fiéis, uma tessitura, símbolos

e atos elaborados a luz de suas experiências religiosas, um discurso que não é sempre ditado pela lógica cartesiana. Assim, a teologia transcende a reflexão individual, porque ela é uma atividade de um grupo, objetivada pelos dogmas, ritos ou meios catequéticos. Além disso, toda teologia possui como objetivo explicar a especificidade de relações com o sagrado, enquanto ela apresenta as experiências históricas do grupo, grupo este que a formulou como modelo de vida para todas as outras pessoas.

Com efeito, observamos o máximo de construções sobre o catolicismo popular e o catolicismo institucional, vimos a resistência presente nas folias, criando uma via de fuga à teologia apresentada pela igreja institucional. Então ao alinhar as falas dos agentes de cultura, os preceitos da instituição igreja, e as construções feitas pelas comunidades através do catolicismo popular, chegamos a uma conclusão de onde se inserem as práticas das folias. Entendemos que elas estão para a circularidade cultural, proposta por Bakhtin (2008, p. 75) que define “circularidade cultural com sendo visões de mundo elaboradas no correr dos séculos pela cultura popular e que se contrapõem ao dogmatismo e à seriedade da cultura dominante”, ou seja, pessoas de várias camadas sociais apropriam-se de símbolos, objetos, ideias e códigos reelaborando-os e atribuindo-lhes significados diferentes. Foi só através deste conceito que chegou a reconhecer que os indivíduos até então definidos como ‘camadas inferiores dos povos civilizados’ possuíam cultura e também faziam suas recombinações

Como vimos pelos dados apresentados nas tabulações feitas das entrevistas, o perfil dos Guias de Folia, via de regra, é de pessoas de mais idade, simples, sem muita escolarização, devotos e que compõem um núcleo muito importante na manutenção da tradição. Em sua maioria, sua expressão de catolicismo é a presença nos rituais da folia.

## **2.2. A visita da Bandeira no Giro, o canto e seus significados**

Entender o giro da folia, alguns símbolos nele contidos, em atividade se faz importante. E ao pesquisar sobre as folias no estado de Goiás, conseguimos encontrar num depoimento de Auguste de Saint-Hilaire, viajante naturalista que documentou em diários de viagem seus percursos, uma folia do Divino, que estava girando em 1819.

Encontrei, na mata um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte; outro, um violão e, um terceiro, um tambor. Procurando saber o que significava tudo isso, fui informado de que se tratava de uma *folia*. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 96 – grifo do autor)

Logo, conseguimos com este excerto mostrar, por aproximado, a presença das folias em dois vieses: o temporal e o espacial. Inferimos que seja uma tradição muito anterior ao ano do relato, 1819, e também que se trata de uma manifestação do campo. Pois não foi citado em nenhum momento, neste livro-diário, alguma presença em aglomerados populacionais, povoados ou cidades.

Ao enveredar pela pesquisa de campo, o fascínio sobre as folias aumenta. Tudo é simbólico e participa do ritual sagrado que impele os participantes: sejam eles foliões ou visitantes.

Ousamos dizer que não há momento profano nesse tipo de festividade popular, apesar dos próprios foliões, em suas falas, indicarem um certo desgosto com atitudes que ocorrem durante os giros (o uso de bebidas durante a parte religiosa, por exemplo). O que há de fato é uma mistura de tendências de uma forma de Catolicismo alegre, musical, devocional, altamente receptivo, com fartura e gastronomia muito interessantes.

Na chegada da bandeira, seja ela do santo que for, a folia dotada de Palhaço, tem na figura dele o olheiro, que irá perguntar para quais e quantas pessoas a folia vai cantar, se há gente pagando promessa na bandeira, se tem algum enfeite oferecido para os foliões, ou até mesmo algum agrado, nas casas que não forem ponto de almoço ou janta.

Nas folias que não tem palhaço, o que também é muito comum, esta função fica com o Alferes, que é quem guarda pela bandeira. O Alferes ou o Palhaço comunicam ao Guia sobre os detalhes da folia e, assim, começa a cantoria.

Algumas particularidades puderam ser aferidas, em nossa pesquisa de campo. Por exemplo, na Folia de Santos Reis é muito comum vermos homens sem camisa ajoelhados para cantarem para eles. Na Imagem ??, vemos um devoto sem camisa. Tiramos a fotografia quando ele já havia recebido a ordem do guia para se levantar, e quando estava ajoelhado não podia ser visto, do ângulo que estávamos.



Imagem 18– Devoto ‘Filho de Santos Reis’ em frente a Bandeira, sem camisa, como o costume. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Um evento anterior está por detrás disso. Não é nada teatral, mas sim devocional. Mães com problemas de gravidez ou parto, e até mesmo por problemas de saúde dos filhos, doam-nos como filhos de Santos Reis, e a eles não se pode cantar pedindo esmola/oferta, por exemplo. E ao cantar para quem “é de Santos Reis” o devoto tem de passar por debaixo da bandeira, para se agregar aos demais foliões da companhia, num ato simbólico de fazer parte.



Imagem 19 – Devoto pagando promessa ‘Filho de Santos Reis’ carregando a Bandeira, sem camisa. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Incidir luz sobre a cantoria das folias é primordial para esta pesquisa, pois é nela que a ritualística acontece. Em uma forma de ordens e conversas entre o guia, os ‘respostas’ e as pessoas a quem são destinadas as cantorias, em trovas versificadas.

Nas pesquisas de campo tivemos contato com inúmeras folias, apresentadas no primeiro capítulo. Captamos alguns versos que comprovem muito do que dissemos até aqui: o ritual, o devocional e a manifestação de fé se dá nos ‘pés da bandeira’.

Na folia de Santos Reis, do Guia Nicanor “*Canorim*”, os versos que ilustraremos foram:

Verso 1 (ao chegar na residência): - *Santos Reis nessa morada, com os anjos do seu lado, pelo santo da bandeira todos foi abençoado. (Sic)*

Verso 2 (apresentando Santos Reis aos moradores): - *Aqui está os Três Reis Santos nessa abençoada hora, veio trazer vida e saúde a quem nessa casa mora. (Sic)*

Verso 3 (pedido de esmola/oferta): - *Oi dá oferta a Santos Reis, ai ô, quem pede é Nossa Senhora! (Sic)*

Verso 4 (agradecimento da esmola/oferta): *Ôi, Deus lhe pague a bela oferta, ai que chegou aqui nesta hora!*

Verso 4-1 (respostas): - *Santos Reis que lhe ajude e quem protege é Nossa Senhora!*

Vemos claramente nesses versos o ritual de recepção dos foliões aos donos da casa, com reza e bênção aos moradores da casa, isto se seguindo a todas as folias levantadas. Sempre a rima e os versos têm uma eficiência para cada uma das situações que se apresentam frente a bandeira. O que é recorrente em todas as práticas de se pedir a esmola/oferta, pedir refeição, pouso e assim por diante.

Da folia de Nossa Senhora D’Abadia extraímos os versos cantados pelo Guia Júnior que assim encontrou:

Verso 1 (ao chegar na residência): - *No seu ninho de amor, nessa hora de alegria é quem veio lhe visitar, é a Senhora D’Abadia!*

Verso 2 (continuação da chegada na residência): - *Visitando sua morada, morada de muita fé, Nossa Senhora lhe abençoa e o Bom Jesus de Nazaré!*

Verso 3 (aconselhamento): - *Oh! Meus nobres cidadão, filho da Virgem Maria, Quando tiver um problema, rogue a Senhora D’Abadia!*

Na Folia de São Sebastião, do Guia “*Birá Barba*” captamos os versos:

Verso 1 (ao chegar na residência): - *Aqui está São Sebastião, nesta abençoada hora veio trazer as bênçãos do mártir a quem nessa casa mora!*

Verso 2 (continuação da chegada na residência): - *Santo Mártir em sua viagem nessa ele chegou, adentrou devagarinho o que é seu, ele abençoou!*

Verso 3 (benção): - *São Sebastião na sua casa é um santo milagroso, ele quem vai nos livrar de todo mal contagioso!*

Protetora da visão e das coisas relacionadas aos olhos, no catolicismo santorial, Santa Luzia, do Guia Júnior, tem uma folia muito devotada às bênçãos para as vistas:

Verso 1 (ao chegar na residência): - *Como vai meus companheiros, como vai cidadão? Visitando sua morada a protetora da visão!*

Verso 2 (continuação da chegada na residência): - *Visitando sua morada, como Cristo já pedia, retratada na bandeira a mártir Santa Luzia!*

Verso 3 (aconselhamento): - *O meu nobre companheiro, com a família do seu lado, a mártir Santa Luzia, protegi os olhos sagrados. (Sic)*

A Folia de Nossa Senhora do Carmo, institucionalizada pela Igreja, nos versos do Guia Márcio Melo tem os versos seguintes:

Verso 1 (ao chegar na residência): - *Visitando sua morada e toda comunidade, é quem vai lhe abençoar, a Padroeira da cidade!*

Verso 2 (abençoando um devoto): - *Pra você eu vou canta, nesse momento profundo, é quem vai lhe abençoar: é a mãe do Rei do mundo!*

Verso 3 (bênção): - *Nossa Senhora do Carmo, nossa mãe medianeira, é quem vai lhe abençoar, nesta hora verdadeira!*

São João Batista com uma folia com uma característica interessante, pertencente a uma família, a família Alexandre. Seu guia, o senhor Sebastião Alexandre, com mais de 62 anos de folia, cantou em seus versos:

Verso 1 (ao chegar na residência): - *São João lá em vem chegando acompanhado de folia, vem voando sem ter asa. Vem trazer vida e saúde para o povo dessa casa!*

Verso 2 (pedido de reza do terço e coroação de novos festeiros): - *São João está perguntando, tem um terço pra rezar? E no terço que rezar a coroa vamos passar.*

Verso 3 (contando a vida do santo): - *São João batizou Cristo, Cristo batizou São João. Nesta hora tão sublime os dois ficou com a bênção.*

Outra folia familiar é a de Nossa Senhora da Guia, da família Rodrigues Soares, ou 'dos Marconde', datada de mais de 50 anos, vinda para a cidade da região Cachoeira, próxima do Bom Jardim das Flores. O atual guia, José Luziano, cantou o verso:

Verso 1: (ao chegar na residência): - *Visitando a vossa casa aí está quem principia, receba morador a virgem Senhora da Guia! (Sic)*

Verso 2: (abençoando o terreiro): - *A bandeira chegou do alto, vejam como inicia, chegou atrás os folião, filho de Nossa Senhora da Guia. (Sic)*

O guia Divino fez os versos seguintes na Folia do Divino Pai Eterno:

Verso 1: (ao chegar na residência): - *Momento lindo e de alegria, momento feliz e tão fraterno. Recebe morador a bandeira do Divino Pai Eterno! (Sic)*

Verso 2: (abençoando ao devoto): - *Ajoelha na bandeira nesse momento tão fraterno. Enxuga as lágrimas meu senhô, aí está o Pai Eterno.*

O mesmo Guia em folia do Divino Espírito Santo assim emendou:

Verso 1: (ao chegar na residência): - *A pomba desceu dos céu abençoando esse terreiro. Venha logo, vem ligeiro por chegou de outro canto, o Divino Espírito Santo. (Sic)*

A folia de Santos Esposos, que faz alusão à Sagrada Família, remonta a vida de casados de José e Maria, pelas escrituras bíblicas, a mãe do filho de Deus. E nos versos da folia, regidos por “Birá Barba” a cantoria ficou assim:

Verso 1: (ao chegar na residência): - *Apresento a todos os Santos Esposos: Maria e José, nossa família vossa é!*

Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida tem em sua folia um teor patriótico, cujo manto tem a bandeira da nação. Os versos entoados pelo Guia Lázaro, assim refletiram:

Verso 1: (ao chegar na residência): - *Aí está a virgem negra, do rio resplandecida, virgem mãe imaculada a Senhora Aparecida.*

Os versos, sempre carregados do devocional santoral, tem sempre o enredo para atender a alguma demanda particular do momento.

Destacamos a cantoria assumindo um papel disciplinador e norteador, ou seja, todas as ações dos donos da casa visitada, do alferes, palhaços, devotos e foliões passam pela cantoria puxada pelo Guia. De uma vela que tem de ser acendida em um altar a até o pedido de pouso ou almoço, a cantoria acontece para que a pessoa assuma a festa no ano seguinte, tudo é cantado de frente a bandeira, assim, fica claro que todo o norte e disciplina da folia vem com a cantoria. Quando a folia se encontra com algum altar, faz-se os versos da visitação ao Menino Deus, seja em qual folia for. Se há algum terço, o Guia canta para que se acenda a vela do altar. Canta para os presentes, ausentes da bandeira, falecidos. É na cantoria que se pedem almoços e pousos para a companhia, vejamos os versos do Guia Jerônimo “Pajé”:

Verso 1: (pedindo pouso): - *Ôi Santos Reis aqui chegou e vem, cansado do trabalho, ôi á! E procurou a sua casa e vem pedir o agasalho ôi á! Bis. (Sic)*  
 Verso 2: (pedindo refeição): - *Ôi Santos Reis junto com os folião e os instrumento, vem pedir pra toda a romaria, agasalho e alimento. (Sic)*

Podemos perceber que todas as ações e autorizações vem com a concessão nos cantos.

Diante de tudo o que vemos nas folias, símbolos e ritos, podemos aceitar o pensamento fundante de que as culturas que lidam com tradição, criam seus próprios mecanismos de continuidade, ressignificados ou espelhados num ponto de partida. No caso específico das folias, o Catolicismo Institucional, ritualístico e litúrgico. As folias da região de Morrinhos, cultivam símbolos e liturgias que são institucionalmente católicos: o terço mariano, as imagens e devocional aos santos, com peregrinação e culto a imagens. Como já mostrado, a bandeira é o símbolo de grande significação na tradição. A imagem,

e até os aspectos de teatralidade do ritual são extremamente importantes. Geertz (1989, p. 144) assevera que

Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele.

Entendemos, portanto, os símbolos como sendo marcas importante para seus adeptos, revelando assim a vivência de seus adeptos e apego ao que trouxemos como jogo simbólico. E como são inúmeros os símbolos presentes nas folias, não conseguimos mensurar muitos deles. Alguns símbolos são ajustados na cantoria, inclusive, quando se tem o ato simbólico de se cantar para acender uma vela no altar, por exemplo.

Câmara Cascudo (2012, p. 305) alertou para o símbolo contido nos instrumentos de algumas formas de tradição no Brasil, herdadas de Portugal, como já averiguamos o possível surgimento das folias nesta pesquisa. Ele ainda complementa que “era no Portugal [...] ao som do pandeiro, adufe, acompanhada de cantos” que algumas manifestações aconteciam. O autor ainda reafirma a importância das alegorias e argumenta que “grupos de homens, usando símbolos devocionais, acompanhado de cantos” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 305) notadamente como pode ser visto nas folias.

Queremos frisar que nossa associação das informações de Câmara Cascudo consegue iluminar nosso objeto, porém ele mesmo afiança que “não tem em Portugal, o aspecto precatório da folia brasileira” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 305) e que as folias do Brasil têm uma forma totalmente peculiar e remonta a algo brasileiro<sup>22</sup>.

Tudo depende da ordem do guia, que em seu canto exprime uma série de ordens que, nas folias, são simbólicas. Lançamos mão do pensamento de Silva (2007, p. 18) que afirmou: “Símbolo não pode sequer ser explicado, mas em qualquer ocasião ele pode ser interpretado e há sempre mais de uma interpretação, pois o símbolo é polissêmico, de vários sentidos”.

A polissemia citada nada mais é que “a associação de dois ou mais sentidos relacionados entre si a uma única forma linguística” (SILVA, 2006, p. 10), portanto, a terminologia linguística de polissemia refere-se aos muitos sentidos interligados, existentes nas folias.

---

<sup>22</sup> O precatório é uma dívida assumida com o santo, a partir da devoção. Faz-se um pedido e, em troca, faz-se um pagamento, normalmente chamado de promessa.

### 2.3. Símbolos e rituais: as Folias em seu fazer

Com a presença de tantos símbolos e práticas existentes nas folias, pudemos constatar a ritualística que compõe o credo. O Guia da Folia, junto com o Patrão (ou Folião do ano, responsável pela saída) ajustam o giro, os pontos de almoço e pouso, lanches e passadas. Organizado o giro, o Folião e a Foliã ocupam-se de organizar os cravos ou divisas, que são fixados nos foliões e folioas com função na folia, com a finalidade de deferi-los dos demais participantes, durante o giro. Os ‘divisados’ comem primeiro, e devem estar sempre durante a benzeção da mesa de alimentos.

É dos Foliões da saída a responsabilidade de preparar, decorar o ambiente e organizar as refeições para todos. Destacamos a dificuldade desta última, pois fazer refeições usando de estimativas de convites feitos, não tem sido uma forma muito assertiva, pois de acordo com relatos, há um sem número de pessoas que não são convidados formais da festa, porém como as folias são para o povo, contam com a sorte e tentam minimamente se precaver para um número inexato de pessoas.

O giro acontece. Em todas as folias que visitamos, algo comum entre elas foi a alegria e felicidade dos integrantes. A descontração entre os membros é algo que nos chamou atenção. Em muitos casos, em alguns pequenos trajetos a pé, violões e sanfonas animavam o percurso, com músicas seculares, do ritmo sertanejo.

É chegado o dia da entrega. A última residência antes da Chegada da Folia é chamada de Peão da Festa. Lá, geralmente, se reza o terço e se canta para que a bandeira seja guardada. Quando a hora de chegar à festa se aproxima, os foliões se reúnem para a cantoria e partida. Sempre com muita alegria e festa. Chega-se até o local final da festa. Geralmente são preparados dois arcos em flor, que são colocados como impedimento de continuar. Nos arcos há os cumprimentos, como podemos observar no canto do Guia Osvaldo Dias, o Osvaldo do “Pedro Siduca”:

Verso 1: (cumprimentos aos festeiros): - *Boa tarde nobres festeiros, ai como é que tem passado, ôiá. Viemos trazer os Santos Reis para o seu altar saudar. (Sic)*

Verso 2: (Desamarrar a fita do arco): - *Oi senhor nobre festeiro para você eu torno a cantar: - Desamarra essa fita aí pra nós cabá de chegar. (Sic)*

Notadamente, pela cantoria, vimos o ritual, como em uma missa do catolicismo institucional. Cheio de detalhes e riqueza de símbolos. A folia é entregue.

Após a entrega da folia, começa-se a beijar a bandeira, já posta no altar. Os foliões e festeiros a postos, coroam os novos comandantes da folia para o próximo ano.

Em algumas folias vimos os cargos da festa serem coroados: Suplentes de festeiro e folião, e, também os interessantes cargos dos procuradores, que nada mais são que duas figuras, uma nomeada pelo folião e outra pelo festeiro, cuja finalidade é buscar por recursos, sejam eles financeiros ou prendas (animais) para a feitura da festa. Em algumas folias vimos ajustes interessantes: a parte recolhida em dinheiro, seja pelas esmolos ou pelos procuradores, fica com o Folião/Patrão, responsável pela saída e as prendas, animais e gêneros ficam com o festeiro. Tudo isto nas folias do povo.

Após a entrega e coroação de novos gestores das folias, o festeiro geralmente oferece algum presente, símbolo marcante deste tipo de festividade, fazendo alusão dos presentes oferecidos pelos Reis Magos ao Menino Jesus. Dentre os presentes, algumas folias conservam o cartucho. Um cone feito com papel cartolina que leva amendoim cristalizado e doces. Simbolizando um tipo de “matula” para alimentar o folião no retorno. Como fizeram com os Reis Magos após visitarem o Menino Deus. A Imagem 20 nos mostra como são.



Imagem 20 – Cartucho de doces: Matula. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Salientamos que o rito é quase o mesmo nas folias da Igreja, com uma única diferença: a função doutrinária presente na missa. Nas quatro folias investigadas e classificadas como institucionais na cidade de Morrinhos/GO, há, antes da saída, uma missa de envio da folia, e na chegada a missa após a entrega da folia. E quem comanda e escolhe os festeiros é a igreja local, através de seu pároco, atendendo a critérios próprios, tais que sejam, imaginamos, a condição de realização da festa no ano seguinte.

Conforme dissemos, nosso corpus compõe uns corpora de quatro folias institucionalizadas pela Igreja. Na Imagem 21 podemos ver a figura do pároco, na missa de envio da Folia de São Sebastião.



Imagem 21 – Missa de envio da folia institucionalizada: Pároco apresenta a Bandeira de São Sebastião. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Estabelecemos também uma passagem do rito, concordamos, mais elaborado, da chegada da folia. O símbolo do arco, em que já explicamos anteriormente, feito nas roças de folhas de palmeira ou bacuri, na igreja ganham algumas sutilezas interessantes conforme vemos na Imagem 22:



Imagem 22 – Arco da Chegada da Folia de Nossa Senhora do Carmo. Folia Institucionalizada. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

O pároco, após a chegada da folia, faz a apresentação da bandeira, símbolo dos foliões, com o ícone de Nossa Senhora do Carmo. A bandeira acompanhou os foliões durante os dias do giro.

Ilustramos o fato da paróquia ter duas folias de Nossa Senhora do Carmo, cada uma girando por alguma parte da cidade. O giro é estrategicamente montado para atender a tradição popular. Na chegada da folia, após a missa solene, geralmente celebrada pelo bispo, as duas bandeiras adornam o altar da cerimônia religiosa institucional: a Missa.

A Imagem 23 comprova a presença das duas folias, representadas pelas duas bandeiras: após a entrega das folias, as bandeiras adornam o altar da Missa Solene da Padroeira, Nossa Senhora do Carmo.



Imagem 23 – Duas bandeiras, após a entrega das folias, no altar da Missa Solene, da Padroeira Nossa Senhora do Carmo. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

A folia de Santos Esposos tem uma marca presente, interessante, e pelos levantamentos prévios que fizemos, inédito. Não encontramos nenhum registro de Folia de Santos Esposos, em livros, documentos ou em pesquisas feitas em site especializado de busca. A cidade de Morrinhos tem esta tradição, desta folia. A Imagem 12 comprova, através de sua bandeira, a presença da tradição, existente há mais de duas décadas. Não há registros que precisem a data de sua primeira realização. O que sabemos foi que sua fundação ou início partiu da vontade popular dos membros de uma comunidade católica de mesmo nome.



Imagem 24 – Bandeira de Santos Esposos. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Falamos dos critérios de escolha pois nas folias do povo há muita ajuda popular para sua realização. Muitas vezes, pessoas muito simples pegam as coroas, com a finalidade de pagar alguma promessa ou voto feito. E a ajuda popular é significativa diante a vontade do devoto em pagar sua promessa/voto.

Afirmamos uma característica interessante nas folias em Morrinhos, relacionada ao devocional santorial, ou santoral. Sem dúvidas as Folias de Reis foram precursoras desse processo tradicional, porém a necessidade e devoção em outros santos fez com que

adaptações fossem feitas e alguns regimentos respeitados em outras folias: gastronomia, cantoria, simbologias e giro permanecem idênticos em todas as folias. Acreditamos que a aglutinação de fieis fez com que a tradição se expandisse e ganhasse tanta diversidade.

#### **2.4. A festa, a gastronomia e os costumes: o popular se mistura com o religioso, e o institucional se levanta ante a tradição.**

As folias conseguem mudar toda a rotina das comunidades, sejam urbanas, rurais ou religiosas, que pretendem-na realizar. Os preparativos que antecedem os festejos iniciam-se muito antes, em alguns casos, até meses do dia da festa. No recorte espacial, Morrinhos/GO, observamos a presença de folias o ano inteiro, com dedicação a quase uma dúzia de santos, com apelos diversos: folias sazonais, que gira somente a bandeira, rurais, urbanas, mistas e do padre. E explicamos, pois, há em alguns casos, somente a bandeira com a imagem do santo fazendo o giro nas casas, deixando somente para a chegada a cantoria e refeições. As sazonais, sem nenhum apego de continuidade, geralmente ‘tiradas’ para atender alguma promessa ou voto. As rurais, que giram nas fazendas. As urbanas, nas cidades. Mistas que giram na cidade e nas fazendas, e as do padre, que são coordenadas pelo pároco, leia-se, institucionalizadas pela Igreja Católica, via Paróquia.

Faz-se necessário afirmar, que em cada região, esta tradição apresenta uma forma distinta de feitos. O que é comum, e que podemos alegar aqui, é que em todos os casos o cenário antropológico do lugar se altera. A espera pela folia, do devocional popular, traz consigo o advento, de tradições repassadas de geração para geração, e isto causa nas pessoas envolvidas, lembranças e memórias muito afetivas, e que, de certa movimentam com o imaginário coletivo.

Seja nos mutirões para preparar barracas e alimentos, na matança do gado ou dos porcos, há, nas folias, momentos muito peculiares de conagração, que envolvem, em sua quase maioria, mão de obra voluntária, que estão pela devoção e fé ao santo devocionado da folia em questão.

Mostraremos como acontecem os mutirões, em uma fotografia que reflete o voluntariado para a realização da parte gastronômica, vista na Imagem 25.



Imagem 25 – Mutirão para enrolar almôndegas (*armoncas*): Festa de Santos Reis, Comunidade Marcelândia. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

A festa é dividida em núcleos, como já apresentamos. E queremos ratificar a ideia da alteração do cenário social quando acontecem as festas das folias. Del Priore (1994, p. 09) nos diz que

O tempo da festa tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias. Tempo de fantasia e de liberdades, de ações burlescas e vivazes, a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches dos vários grupos que compõe uma sociedade.

Este pensamento reforça, ainda mais, a ideia de aglutinação de pessoas, que é um dos grandes atributos de continuidade das folias. É neste período que as pessoas têm seus momentos festivos e de lazer, como nos propõe González: “a expressão alcança sua apoteose (...) sob diversas modalidades, anima a vida popular: festa do padroeiro, peregrinações, procissões [...]” (GONZÁLEZ, 1993, p .27).

Inclusive, ao olharmos para trás, na fresta do tempo, as folias eram a única forma de festejos que as pessoas tinham acesso. Delas vieram a catira, dança do lenço, os pagodes e outras formas de confraternização popular. Fato que, à época, começou a despertar desconforto por parte da Igreja, que dividia a atenção dos fiéis,

descontentamento este reportado a seus dirigentes, pelos grandes fazendeiros, que precisavam de mão de obra. Traremos mais à frente alguns comprovadores dessa afirmação.

Traremos, propriamente, a ideia da confraternização, que em seus banquetes servidos trazem um simbolismo todo especial. Com apego às raízes rurais, induzimos acreditar que a fartura é uma característica marcante do homem do campo. Talvez explicável pela bonança de gêneros e animais, mas não podemos afirmar isto. O que podemos deduzir é que pelo número de folias visitadas nesta pesquisa, no período de 2019/2020, o que não sofreu alteração foi o cenário gastronômico. Relatamos aqui que em nenhum dos casos, das folias visitadas, 32 no total, nenhuma faltou refeições aos foliões e visitantes, pelo contrário, o que se pode notar, foi até, em escalas consideráveis, o desperdício.

A comida é um dos pontos importantes na folia. Todas as refeições são benzidas, em sua maioria com cantoria. Algumas com voz e instrumentos e outras somente com voz. Em algumas das festas, as maiores, por exemplo, havia mesas separadas para os foliões, em que, às vezes, até o cardápio era melhorado, do que o servido para o restante dos participantes. Via de regra, em todas as chegadas com mais de mil pessoas.

A Imagem 26 mostra o agradecimento da refeição, após todos comerem: cantos em versos respondidos, atendem há uma tradição peculiar presente nas folias.



Imagem 26 – Folia de Santos Reis, Família “Barba”, agradecendo o jantar, Zona Urbana. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

As cozinhas ajustadas para a parte gastronômica são preparadas para atender a demanda, cada vez mais crescente, do quantitativo de refeições a serem preparadas. Visitamos todas as cozinhas das festividades pesquisadas e pudemos aferir o arsenal do que eles chamam de mobília: fogões feitos de latão, ou fornalhas de tijolos em alvenaria, fogões a gás, panelas, vasilhas para servir o alimento, colheres de lida e de servir o alimento. As refeições foram servidas em pratos de isopor, e os garfos de plástico. Em somente uma das festas de folia, vimos a refeição ser servida em prato de papelão.

Geralmente, as festividades das folias, sejam elas rurais ou urbanas, tem reunido, a cada ano, mais pessoas, isto dito informalmente pelos guias de folia, durante a pesquisa de campo. Episódio que reforça a ideia de pujança das folias, como tradição forte, mesmo com todas as interferências externas, alterações sociais do mundo moderno “é a partir deste antagonismo antigo/moderno que os indivíduos e as sociedades ao longo do tempo se posicionam e constroem atitudes perante o passado” (LE GOFF, 2004, p. 175). As folias respiram este ar ruralizado. Em todos os casos que pesquisamos, nossos informantes têm raízes no campo e, de 28 informantes, 18 ainda residem ou tem propriedades na zona rural.

Insistimos na ideia central desta tradição, como sendo do campo, reordenada ou ressignificada nas cidades, pelos agentes que levaram consigo para os centros urbanos, os fazeres e crenças da roça.

Voltando a falar ainda sobre os festejos e a gastronomia, entraremos em um debate reflexivo pontual. As festas, principalmente no Brasil, carregam consigo uma carga de sentido muito forte. Comida, bebida e fartura são uma constante. Maduro (1994, p. 11) nos ajuda a refletir sobre tal constatação

Em certo sentido pode-se dizer que a vida humana gira em torno da festa, move-se no sentido da celebração. Nós lutamos de sol a sol para conseguir aquilo que dê alimento e sentido à vida e que, portanto, mereça ser festejado jubilosamente em companhia de nossos entes queridos: trabalho, amor, alimento, saúde, liberdade, paz, tempo para descansar, brincar e desfrutar a amizade gratuita. Lutamos constantemente para encontrar motivos, tempo, espaço e outros recursos para poder celebrar a vida sem medo nem culpa; para poder festejar o bom da vida sem causar sofrimento à vida dos outros.

Esta afirmação vai ao encontro do que trouxemos no decorrer dessa pesquisa. O Catolicismo Popular como uma forma de religiosidade do povo, que agrega não só a ideia de Deus, mas através dessa devoção, a sociabilidade contida na convivência, união e confraternização entre os participantes da festividade.

Costume brasileiro, as confraternizações populares contam com lauta gastronomia e também há as bebidas. Nas folias, o mais comum é servir cachaça, costume muito antigo, pela facilidade dos alambiques nas fazendas, e que tem sido conservado até hoje.

A movimentação e o número de pessoas que participam deste momento, em específico, é muito grande, conforme vemos na Imagem 27:



Imagem 27 – Mesa servida aos convidados. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Com o passar dos anos, o vinho, bebida de paladar mais refinado, para consumo das mulheres, foi ganhando espaço nas festas de folia. As bebidas alcóolicas ganharam espaço, mesmo sendo proibido em algumas companhias de folia, nos dias de hoje.

Geralmente, pelo grande número de orações e benzeções, é uma prática costumeira a Mesa dos Foliões ser servida em local separado. Em todas as chegadas e saídas isto aconteceu. E também, em alguns almoços e pouso, com menos frequência, cremos ser, pelo número de pessoas. A Imagem 28 mostra o local preparado para receber os foliões e convidados para suas refeições.



Imagem 28 – Mesa servida aos foliões. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Pudemos observar que em mais de 60% das folias servem sobremesa: a maioria doces típicos. Vimos doces com frutas do campo: mamão, figo, caju, cidra, abacaxi com mamão, goiaba e banana, em sua maioria, acompanhando doce de leite, pau de mamão

com leite, ambrosia (doce de fios de ovos com doce de leite), doce de ovos e muitas vezes, sorvete. Como mostraremos na Imagem 29:



Imagem 29 – Mesa de doces. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Contudo, iremos tentar confirmar uma hipótese que diz respeito ao fortalecimento de uma tradição popular, como as folias: a Igreja Institucional se viu ameaçada, neste contexto. Os adeptos e participantes das folias, participariam de um culto católico mais atrativo e muito menos rígido e próximo deles, em suas residências e de seus vizinhos. Com um devocional muito rico de possibilidades, festividade e lazer. E estamos pensando no pretérito para embasar esse mote. Em Morrinhos, não conseguimos nenhum documento que pudesse comprovar ou refutar nosso ponto de vista. Mas ao pesquisar a ideia de folias, tivemos via Silva (2001, p. 108) a seguinte afirmação, contida no Livro de Tombo da Matriz, da cidade de Pirenópolis, datada de 1947:

O vigário lamentou que a proibição às folias não estava sendo cumprida. Disse eu, no passado, era uma coisa boa a saída de um grupo para pedir esmolas para a Igreja, mas que esse costume estava em decadência. Muitos fazendeiros reclamavam que as folias aconteciam mais ou menos no tempo da colheita de arroz e os trabalhadores abandonavam as roças, dando prejuízo a eles. Além de andarem como bandidos, bêbados, armados, mandando buscar dinheiro e bebidas, muitas vezes por causa das festas, roubando fazendas e sítios; aterrorizando os pais de famílias, mulheres e moças; praticando orgias e homicídios e voltando para casa mais pobres do que saíram.

Por este registro do gabinete do pároco de Pirenópolis, vimos claramente a possível distorção e até mesmo a tentativa de marginalização das folias. Uma das práticas das folias é sobre as ofertas, para manutenção dos festejos, pagamento de despesas, que em alguns lugares ainda se chama de esmola, recebeu certo tom de crítica, por parte desse documento. Dizendo que tal prática estaria em decadência. Em contraponto a isto esqueceram-se, no entanto, da devolução do dízimo, na Igreja Institucional.

Por fim, citamos a questão da alegação de roubos das fazendas. Li esta passagem a um guia de folia, com 50 anos de experiência, e ele me informou que era muito comum algumas brincadeiras dos palhaços das folias, que na época das folias, vestidos de suas horríveis máscaras, faziam muitas peripécias para chamar a atenção para que as folias passassem: insultavam os cachorros, corriam atrás deles, soltavam porcos dos chiqueiros, pegavam queijos nas tabas que estavam para curar, roubavam bananas que geralmente ficavam penduradas nos alpendres das fazendas. Sobre andar armados, nosso informante disse ser comum ter arma de fogo àquela época. Não comentaremos as questões do homicídio citado, por não termos registros sobre tal afirmação.

A Igreja Institucional tinha como

A palavra de ordem a erradicação sistemática e generalizada das práticas religiosas que compunham a piedade popular. Se isso não fosse possível, a alternativa permissiva era o enquadramento dessas práticas nos propósitos de conscientização da Igreja do Evangelho (SCOLARO, 2001, p.78)

Diante disso temos o quadro estabelecido, do que já temos afirmado: a Igreja tentando normatizar o que surgiu do povo. E para além disso, uma tentativa de disciplinar pelas normas da Igreja do Evangelho, a dogmática, o fazer livre do povo.

Vemos no texto contido no Tombo da paróquia uma severa marginalização desta forma de catolicismo. Pessoa (2005, p. 123-124) faz uma afirmação muito interessante

Outros inúmeros depoimentos e registros assinalam que (suprimido da citação de Scolaro) a palavra de ordem era mesmo a erradicação sistemática e generalizada das práticas religiosas que compunham a piedade popular. Se isso não fosse possível, a alternativa permitida era o enquadramento dessas práticas nos propósitos de conscientização da Igreja do Evangelho.

Os esforços despendidos nesta tentativa foram muitos. Porém o catolicismo popular ganhou e vem ganhando força e adeptos, consoante ao que trouxemos no decorrer de nossos levantamentos dessa pesquisa. A igreja institucional sofrendo severos impactos no número de fiéis, contrário a isto, o fazer popular tornando-se cada vez mais robusto e encorpado.

Perdendo fiéis, a Igreja sofreu muitas alterações com o Concílio do Vaticano II<sup>23</sup>, em Roma, documento de 07 de dezembro de 1965, que passou a reconhecer as formas populares de manifestação do catolicismo, reestabelecendo uma aproximação das formas populares à igreja institucional, ou igreja do evangelho.

O registro mais próximo desta aproximação foi trazido em 1984, quando Brandão (1986, p. 173) no estado de Goiás, assim expressou

[...] quando o pessoal da Diocese de Goiás começou a redefinir a sua prática pastoral, foi percebendo que uma atitude de hostilidades ou de alheamento face à religiosidade popular era uma atitude não só artificial, do ponto de vista pedagógico, catequético e evangelizador, mas era também uma atitude não autêntica. Porque, de repente, a Igreja se recusava a participar do religioso popular e queria impor-lhe o seu religioso, ainda que fosse de libertação. Daí o pessoal da Igreja passou a assumir uma nova atitude com relação ao catolicismo popular; uma atitude definida pela análise política do sentido de festa religiosa. Os agentes de pastoral perceberam que a festa, a romaria o religioso popular não é controlado pela Igreja e por seus planos de pastoral, por suas prioridades.

Acrescentamos, que os agentes pastorais tiveram uma visão muito visionária sobre as folias, pois agregaram em si, o que a igreja iria atacar anos mais tarde, com uma ideia menos cristofóbica, mais próxima das classes populares e de suas práticas devocionais, bem próximas do catolicismo institucional, inclusive. As folias se colocam como resistentes às variantes e interesses da Igreja Institucional.

---

<sup>23</sup>[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)

## 2.5. Considerações finais ao capítulo

Pelos documentos e relatos descritos percebemos um aspecto de resistência, que nos é pontual. Porém, no decorrer da pesquisa, vemos que alguns pontos ultrapassam a resistência da tradição, mesmo frente aos mandos da Igreja Institucional. Entrar na ceara da circularidade cultural, nos parece ser a forma mais apropriada de tratar esta tradição. As folias ganham um aspecto importante de circularidade cultural, que iremos também debater nesta pesquisa.

Trazer aqui as inúmeras intercorrências e observações dos ricos informes sobre as folias é fato necessário e recorrente. Porém deixaremos aqui os posicionamentos acerca de um catolicismo popular que está posto como uma forma muito contumaz de fazeres em que desde a preparação dos espaços, a confecção de flores de papel, enfeites de altar a até a colocação das cadeiras.

A ambientação dos espaços, separando o local dos foliões e dos convidados, as mesas sempre muito decoradas e bem organizadas. Os enfeites dos instrumentos e os cravos ou divisas dos foliões, a preparação da bandeira, a organização das fotografias que estão nela afixadas para cumprir algum voto.

O papel dos procuradores que buscam o auxílio para a realização da saída e da chegada da folia. A marcação dos almoços e pousos, a organização sistemática e ritualística do giro. A organização e captação dos foliões para trabalharem na peregrinação. Os preparativos culinários, os mutirões da matança dos animais: frangos, vacas e porcos, para alimentar os foliões e visitantes. Mutirão para os doces e quitandas a serem servidas no decorrer da preparação e também no dia da festa.

Os símbolos e fazeres durante o giro. A posição de cada um durante a cantoria. As similitudes entre o Catolicismo Popular e o Institucional e seus pontos de imbricamento e conflito. O povo e sua força diante da tradição.

Todos estes aspectos que aqui trouxemos, colaboram para o entendimento de nossa hipótese: as folias são uma forma de catolicismo popular resistentes a tentativas de institucionalização, e que mantém uma relação amistosa com isto, propondo-se num processo, que agora entendemos, como circularidade cultural.

### **CAPÍTULO 3 – CULTURA POPULAR, CATOLICISMO POPULAR *VERSUS* CATOLICISMO INSTITUCIONAL, RESISTÊNCIA E CIRCULARIDADE CULTURAL: ASPECTOS PECULIARES, ESTÉTICOS E FENÔMENOS EXISTENTES NAS FOLIAS.**

Os saberes da religiosidade de um grupo social constituem-se como um terreno de investigação que ocupa um lugar importante nas Ciências Humanas desde que a cultura popular passou a ser debatida. Para diversos autores, porém, a delimitação que se faz para definir o que seja a cultura popular é equivocada, pelo fato de que popular não é necessariamente algo do povo, já que a cultura de massa pode também ser muito popular. Nessa esfera, Canclini (1989), Chartier (1995) e Bakhtin (2008) entendem que o popular não é uma categoria fixa, que mostra os diversos aspectos da cultura popular, mas uma categoria que precisa ser analisada de forma reflexiva, para poder captar o que é efetivamente popular num determinado tempo histórico, inclusive com conceitos ampliados da ideia de movimentos circulares de cultura.

Segundo Canclini (1989, p. 67), todas as culturas possuem formas próprias de organização e características que lhes são intrínsecas. Considerou o consumo como uma das principais características da cultura contemporânea e chamou a atenção para a existência do valor dos signos e do valor dos símbolos.

Há-se, porém, de provocar uma reflexão, para não se banalizar o aspecto religioso e nem cair no detrimento dos conceitos desenvolvidos para o estudo da cultura popular. Para isto, entendemos a importância do uso do que Moita Lopes (2006, p. 102) orienta como “valor de verdade”, conceito que nos leva a questionar a aplicação e uso de cada forma de expressão, respeitando a sua proporção, ou seja, até onde vai a cultura popular e em que lugar fica o elemento religioso?

Nesse sentido, pretendemos assumir essa perspectiva e lançar o olhar sobre as Folias de Reis e de outros santos, manifestações religiosas do catolicismo na região de Morrinhos, de forma a investigar seu aspecto popular, tradicional, religioso, de modo a compreender suas formas de manifestação e sua inserção no contexto cultural da atualidade, bem como refletir sobre como as folias sobrevivem aos dias atuais.

O diálogo possível sobre religião ajuda a problematizar a ideia de Deus em todas as suas nuances. Envolvente, delicada, difusa, diversa e muitas vezes incompreendida, aparece a manifestação do povo frente à tentativa de uma força propositiva de se institucionalizar a divindade, em nosso caso, por meio da Igreja Católica que a promove,

e que muito modestamente, é que ganha na força de seus agentes com o nome de Catolicismo Popular.

Cabe-nos dizer que referenciar tais cultos, heranças e tradições irrompe em nós adentrar barreiras tênues entre devoção e vazío, culto e fé. Nos dando o tom de que aqui trataremos de forma muito melindrosa, sobre tais aspectos. Observando, de forma ávida, o que iluminará nosso objeto principal: as folias.

Entender a liturgia típica das folias é mergulhar em um mundo muito particular, para isto faz-se necessário detalhar que há uma divisão em três núcleos distintos, na folia: 1- Núcleo Religioso Linguístico, que reparará nos Rezadores do Terço, Capitães/Guias de Folia laboradores das vozes discursivas da noção religiosa; 2- Núcleo de Socialização, que conterà o grupo composto por cozinheiros (responsáveis pela parte gastronômica da festividade), decoradores e arrumadores (responsáveis por adornar os campos santos que acontecerão os ritos); e o 3- Núcleo Livre, composto pelos convidados diversos, que não necessariamente estarão ligados aos ritos sagrados das folias.

Nessa perspectiva, entendemos que sujeitos sociais se inscrevem, e, são constituídos e interpelados por práticas de religiosidade não apenas para a resolução de problemas e angústias de ordem espiritual, mas também como meio de socialização ou preservação de tradições, as quais fazem emergir uma memória coletiva, para cujo entendimento há de se pensar que

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2013, p. 39).

Essa noção, apresentada por Halbwachs, nos leva ao caminho que escolhemos neste capítulo: refletir sobre as práticas religiosas das folias de uma forma ampla, que esperamos ser capaz de mostrar toda a riqueza das mesmas e as possibilidades que existem academicamente para compreendê-las.

### **3.1. Reflexões sobre a cultura popular: aspectos que fundamentam nosso estudo**

Captar do pensamento de Raymond Williams (1969, p.01) é cooptar a ideia de que que “a Cultura é de todos nós, em todas as sociedades e em todos os modos de

pensar”, sem ser o produto específico, mas sim de uma grande possibilidade de aglutinações. Cevalco deixa sua posição sobre isto

Não há possibilidade de se chegar a uma cultura comum por meio da difusão e extensão dos valores de um grupo específico a todos os outros. Dada à sociedade que temos, esses valores seriam certamente os da classe dominante, a questão é dar condições para que todos sejam produtores de cultura e não apenas consumidores de uma versão escolhida por uma minoria. (CEVASCO, 2003, p. 54)

Assim sendo, a cultura articula com a ideia popular. Articulada, movimenta toda a sociedade, mostrando a universalidade e a posse como sendo de todos. E, em se tratando ainda de depurar conceitos, vemos em Terry Eagleton (2005) a proximidade de nossa proposta. Ele parte do pressuposto que

A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico. Ela é “aquele todo complexo”, como escreve o antropólogo E. B. Tylor em uma célebre passagem de seu *Primitive culture* (Cultura Primitiva), “que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como um membro da sociedade”. No entanto, “quaisquer outras capacidades” é uma formulação imprudentemente liberal: o cultural e o social tornam-se então efetivamente idênticos. A cultura é então simplesmente tudo que não é geneticamente transmissível. [...] Desde a década de 1960, entretanto, a palavra “cultura” foi girando sobre seu eixo até significar quase exatamente o oposto. Ela agora significa a afirmação de uma identidade específica – nacional, sexual, étnica, regional – em vez da transcendência desta. E já que essas identidades todas veem a si mesmas como oprimidas, aquilo que era antes concebido como um reino de consenso foi transformado em um terreno de conflito. Cultura, em resumo, deixou de ser parte da solução para ser parte do problema (EAGLETON, 2005, p. 54).

Justamente, para além de definir uma conceituação de cultura, propriamente, esse autor nos propõe a problematização de suas práticas, em atividade. O termo cultura foi perdendo sua significação lexical e todas as práticas foram ganhando o significante de cultura. O que concordamos, pela base de entendimento, que a ideia de Eagleton (2005) nos faz mais sentido. As folias se inscrevem neste contexto trazido: um terreno complexo de valores e inquietudes geradoras.

Entender que o social afeta diretamente no cultural, e que ambos se constroem ou se destroem, ao passo que tudo é um mecanismo, construto, dinâmico, de relações, torna-se preponderantemente indispensável. Na perspectiva da cultura como identidade, de nação, de povo, de grupos, que Eagleton indica, há a possibilidade de refletirmos sobre as folias como um elemento cultural e identitário particular a um grupo ou grupos.

Nos permeia diversas respostas à inquirição, muitas vezes aflitiva, sobre o que é mesmo a cultura popular. Por alguns considerada manifestação, por outros um jogo de

hábitos, e, aqui, para nós, trataremos como um jogo complexo de ações de comunidades diante de seus afazeres, crenças, ritos, liturgias: tradição.

A se pensar no complexo mundo da Cultura Popular nos cabe presenciar a abundante forma de explicações trazidas por Roger Chartier (1995) em seu “Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico”, no que pese ao tema assim se expressou:

A cultura popular é uma categoria erudita. [...] destinada a circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita, o conceito de cultura popular tem traduzido, nas suas múltiplas e contraditórias acepções, as relações mantidas pelos intelectuais ocidentais (e, entre eles, os scholars) com uma alteridade cultural ainda mais difícil de ser pensada que a dos mundos “exóticos”. (CHARTIER, 1995, p. 179.)

Aqui trazemos ao centro do debate a forma peculiar como Chartier quis provocar o confronto do que é popular afrontando assim a ideia de erudito. Como num jogo sintagmático (os de sentidos) traz uma reflexão nos posicionando e desmistificando o termo erudito. E mais à frente clareia ainda mais, o que consideramos ser até um preconceito, quando não colocamos as manifestações do povo na escala do eruditismo, se é que assim podemos chamar.

Seria o entendimento de Chartier (1995, p.45) que “durante muito tempo, a concepção clássica e dominante da cultura popular teve por base, na Europa e, talvez nos Estados Unidos” com todas as suas frustrações e megalomanias, destacamos, a ideia de dominador e dominado, o que pode ser fatalmente entendido.

O teórico não quer abolir o termo cultura popular. Mas ampliá-lo para se chegar ao que chama de ‘etnocentrismo intelectual’ e romper esta barreira secular, que apregoa como cultura erudita somente aquela que emerge das classes consideradas superiores, e ou da elite cultural. A cultura dos dominantes sobre os dominados, esta seria a alegoria a ser entendida.

Contrariando a ideia da elite de então, colocamos às claras que a Cultura Popular é muito elaborada, possui um jogo simbólico muito forte. Conceitos de rituais, liturgias, religiosidades. Alcance e materialidade. Devoção e fé. Teatralidade e musicalidade. Cada um desses pontos com núcleos muito bem definidos, cujo cerne da questão é explicar o jogo laboral dessas manifestações para poder afirmar que de simples/simplório não há nada. Pelo contrário, há um elaborado jogo de intenções e representações que Chartier (1995, p. 58) evidencia como “uma produção racionalizada, expansionista e centralizada,

barulhenta e espetacular” do cotidiano, e que promove o fazer cultural de forma eficiente e decisiva.

Nos é apresentada também uma segunda dificuldade quanto à questão da cultura popular. Mesmo com a proposta de circularidade cultural conceituada por Bakhtin (2008), esbarramos na contra ideia da categorização do conceito de cultura dominante, letrada, elitista, em contraponto ao estabelecido discurso do não dito nas culturas populares, inscritas numa ordem de legitimidade cultural, ou seja, tentar colocar em parâmetros muito estanques é limitar a padronizar algo que muda e circunda ante a muitas tentativas de regulação.

Claramente trataremos aqui de entender que há estabelecidas duas formas de cultura: a popular e a letrada. De ambas, nosso foco é a popular.

É da cultura popular, nesta que reside os jogos de manifestações de múltiplos fazeres de um povo e sua linguagem, com culinária, modos e saberes, teatralidade, devoção e religiosidade, ritos e tradições, é que sairão nossas reflexões. Não de uma proposta dicotômica entre erudito e popular, mas, repetimos, no nosso entender o popular, tem em seu conteúdo algo muito elaborado, e suas vertentes advindas dos braços do povo.

Na vastidão das vibrações das manifestações populares, crenças e expressões é que nos fará abrir para a reflexão de que cultura, segundo o que nos abrevia Jonathan H. Turner (2005, p. 19) “é um sistema de símbolos que uma população cria e usa para organizar-se, facilitar a interação e para regular o pensamento”.

Fica-nos evidente que todos esses símbolos, conforme citado pelo autor, visam abraçar uma aceitação coletiva contida nas tradições, as dinâmicas, celebrações, muitas vezes até confundidas com o folclore, por sua musicalidade e dinamicidade teatral. Para nós, entender as dimensões de aplicação da Cultura Popular que, para sua eficiência, faz-se necessário que haja a comunicação de sua intenção, o jogo de rivalidades entre as manifestações, a afetividade e por último a resistência. Conversando entre si, tais pontos tornam-se relevantes para a grande compreensão do conceito de cultura do povo.

Mesmo entendendo que, em nosso caso, não podemos confundir Folclore e Folias como sendo folclóricas, pois como bem explica Maria Isaura Pereira de Queiroz (2012, p. 24) “o folclore se liga, pois, especificamente a grupos de envergadura demograficamente modesta; em seu ambiente de relações íntimas e carregadas de afetividade se formam costumes e peculiaridades, crenças, lendas, que tornam um grupo diferente dos demais”. E aqui vemos que as Folias, nossa intenção de estudo, tem em seu cerne todas as dimensões necessárias para serem trabalhadas de uma forma mais ampla

que o folclore, ela avança, pois, lida com a manifestação de fé, devoção, função santorial ou santoral e religiosidade. Logo avançamos o entendimento e computamos as Foliás como Cultura Popular, dentro de uma forma muito peculiar de Catolicismo: O Catolicismo Popular.

### 3.2. O Catolicismo Popular

Para entendermos melhor as noções por detrás do Catolicismo Popular precisamos antes tatear os elementos que o levam ao Povo. Primeiramente, citamos a função da devoção popular, que vem junto ao Catolicismo Santorial ou Santoral. Encabeçado por Maria, chamada pelos seus devotos de Nossa Senhora, título atribuído à mãe do filho de Deus, para os Católicos, foi o que Cristián Parker (1996, p. 152-153) chama ao saber e

[...] qualifica esta e outras devoções marianas como predominantemente afetivas porque afirma os sentimentos, o *pathos*, formas de encarnação da paixão dos homens simples, para quem o valor do ícone, da escultura policromada da Virgem, é o símbolo concreto de uma realidade mediadora para o transcendente, que possibilita a reversão da forte carga de emoções que a experiência mística popular vai, naturalmente, acumulando. Não só ela é Mãe de Deus, mas, além disso, é a Mãe de todos os homens e vela por todos eles [...] a Virgem, em suas mais diversas inovações, venerada por toda parte, continua sendo a Mãe de Jesus, que teve seu filho num presépio, que fugiu para o Egito e esteve com ele no momento de sua morte na cruz. Ela é vista como uma imagem próxima aos pobres, uma mãe muito humana que está agora na glória de Deus e do céu, continua singela (1996, p. 152-153).

Numa visão bem interessante para nós, a devoção a Maria aproxima o povo a outros santos, com as mais diferentes funções no catolicismo institucional: protetor dos desvalidos e doentes, casamenteiro, das causas impossíveis e mais uma centena de bem-aventuranças atribuídas ao santo intercessor. Para nosso entendimento Brunetti (1996, p.79) esclareceu que

[...] no nosso século voltaram os mártires, muitas vezes desconhecidos como, *milites ignoti* (soldados desconhecidos) da grande causa de Deus. Tanto quanto possível, não se deve deixar perder a Igreja os seus testemunhos. Como foi sugerido no Consistório, se impõem que as Igrejas locais, tudo façam para não deixar perecer a memória daqueles que sofreram o martírio.

Vemos que a Igreja Católica, uma vez mais, implementa mecanismo de promoção de seus santos e de seus exemplos no imaginário coletivo, com a máxima agregadora em infundir nos seus fiéis a ideia de santidade e sugestão de obediência aos

ditames da instituição. Igualmente assim foram se intensificando entre o povo, a concepção do poder santorial ou santoral e intercessor de todos os santos. Terços e rezas. Cantorias de ladainhas até se aproximarem do que temos hoje nas Folias.

Para nos aproximar desta modalidade de Catolicismo Popular haveremos de engendrar uma incursão sobre o devocional coletivo e entende-lo. A devoção popular, em síntese, sobretudo, faz referência ao que Oliveira (1985) chamou catolicismo de tipo colonial com “formação social senhorial”, que segundo o autor “apesar do catolicismo popular constituir-se num sistema religioso intimamente ligado às estruturas sociais de dominação senhorial, ele é no extremo, ilusório e alienante e, portanto, a chave para a dominação senhorial” (OLIVEIRA, 1983, p. 126-135).

Isto nos mostra que mesmo sendo uma forma de modo popular, ainda assim pode estar intimamente ligado a um processo de dominação, ou seja, a devoção popular nesta forma de catolicismo é um mecanismo social para dominar o que entendemos como oprimido, ante a força do opressor: os santos e santas do devocional são os mesmos utilizados pelo catolicismo institucional e pelos senhores. Diferentemente, o que é apresentado nas religiões de matrizes africanas, por exemplo, e o que se entendeu como associação ao catolicismo, nomeando-o como sincretismo religioso.

A este devocional popular, e, muitas vezes, à margem, é que nos interessa entender, pois é neste universo simbólico, representativo, marginalizado que reside a força que intentamos comprovar nestas reflexões. De maneira a compreender, por exemplo, o que Brandão (1986, p. 298) chama de “religião popular como sendo a parte subalterna de um trabalho simbólico e político no setor religioso”.

Nessas esferas mínimas, entre a linha separadora do institucional e do popular, Brandão (1986) e Zaluar (1983) destacam em suas pesquisas que o Catolicismo Popular tem uma política institucional por detrás da sua manutenção. Isso nos auxilia a entender de fato o que ocorre, sem nenhum negacionismo às manifestações do credo, mas respeitando o devido cuidado das tentativas de institucionalização do feito, seja ele de forma velada ou mais aparente. Há, pelo que avaliamos, um esforço de controle por parte da Igreja institucional.

Diz respeito ao culto tradicional aos santos, isto é, a um culto caracterizado por uma maneira específica de se relacionar com o “santo que se resume na prática de alianças ou contratos, na forma de dom e contra dom, em que o fiel se compromete a retribuir simbolicamente uma vantagem material ou simbólica conseguida ou pretendida” (OLIVEIRA, 1985, p. 113).

Reconhecer e delimitar o termo popular é extremamente delicado e até complicado. Mas o que temos são os conflitos vindos desde o sintagma Popular, até seu embate entre religião oficial e popular, que fatalmente iremos tratar no avançar dessas reflexões.

A concepção do popular, no campo religioso, lida com a valorização santorial ou santoral, com santos canonizados ou não. Michel de Certeau (1982, p. 23) supõe tal nível de religiosidade como “persistência de representações religiosas num contexto em que não possuem mais conteúdo religioso”, ou seja, essas representações populares, muitas vezes, transmite a ideia de que catolicismo popular, em certas circunstâncias, perde a conotação de religioso institucionalizado.

Emergindo a isto temos de nos posicionar sobre a ideia de Catolicismo e chamamos à luz do que exemplifica Boff (1976),

O Catolicismo não é somente uma grandeza teológica como concretização do Evangelho no tempo. É também uma realidade histórica, política, sociológica e religiosa, passível de ser analisada a partir das diferentes razões formais. Cada interpretação é legítima porque colhe os aspectos verdadeiros do Catolicismo, mas é também limitada porque se restringe a sua perspectiva própria. [...] Mas a grossas vistas, o Catolicismo surgiu no início do século II. [...] O Catolicismo é o princípio da encarnação do Cristianismo. É concreção histórica do Evangelho. É objetificação da fé cristã.

As folias são uma presença constante para nossa sociedade, uma objetificação da fé cristã, como afirmou Boff, no cotidiano da cidade de Morrinhos. Elas mostram o cristianismo com características e estilo popular, sendo que, nos *corpora* desta pesquisa, atingem campo e cidade. As festividades religiosas feitas pelas folias remontam quase um século de uma tentativa de passar de geração para geração, uma cultura de fé, para a posteridade.

Essas manifestações tradicionais do catolicismo popular poderão ser analisadas pelo referencial que trata da cultura popular para a reflexão sobre os sentidos e significados que a manutenção dessas práticas religiosas, notadamente das folias, adquirem em diálogo com a sociedade atual, essencialmente marcada pela hegemonia dos múltiplos meios de mídia e pela modernização também das formas de expressão religiosa (por exemplo, a utilização dos sistemas de rádio, TV e internet para divulgação e crescimento da religião).

Vale o entendimento que:

São malhas diversificadas de um catolicismo, ou poder-se-ia mesmo falar em catolicismos. Há um catolicismo “santorial ou santoral”, para usar uma expressão de Cândido Camargo, é uma das formas mais tradicionais de catolicismo presentes no Brasil desde o período da colonização. Tem como

característica central o culto aos santos. Foi este culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leiga, seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários. (TEIXEIRA, 2009, p. 19-20)

Esta propositura, aqui trazida por esse autor, promove ao pensamento de se observar que mesmo em um mundo contemporâneo há a resistência de uma cultura de fé, advinda do Catolicismo Popular. As capelas, os oratórios, os santuários, continuam presentes na fé do povo, permanecendo vivos, mesmo com o passar do tempo, nas tradições populares que permeiam a religiosidade brasileira.

E, ao véu de sua historicidade, para o município de Morrinhos, apresenta as muitas das características do passado, como, por exemplo, as músicas em seu estilo de trovas cantadas nas lamúrias, trazendo toda sua simbologia para dentro do rito das folias e de seu giro.

Vemos uma teia de entendimento existente entre o fazer da Igreja e a necessidade do povo em criar algo que os aproximasse à ideia de Deus, seus rituais e a proximidade de um culto que lhes atendessem. Intenciona-se, portanto, entender o porquê ainda nada foi proposto, nesta magnitude, visto que a tradição das folias, remonta a mais de 100 anos em nossa região, e a se contar no Brasil, há mais de 200 anos.

Logo, consegue-se, a grossas vistas, explicar a presença de um catolicismo popular a se saber o porquê, na contramão, da possível marginalização da cultura de fé de um povo, de um município, com maioria significativa Católica<sup>24</sup>, porém não interessados, repito, com as culturas tradicionais.

Cabe, portanto o pensamento de Wernet (1987) que orienta para a necessidade interpessoal contida nas representações da religiosidade do povo pois

[...] o caráter social e familiar do catolicismo tradicional é percebido na estreita interpretação da religião com a vida social e comunitária. A religião era o núcleo firme da convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social e comunitária. As festas e as manifestações religiosas constituíram uma forma de reunião social, verdadeira expressão comunitária, sobretudo nas regiões rurais, de engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e divertir (WERNET, 1987, p. 24-5)

<sup>24</sup> A tabela Tabela 05 vai mostrar os auto-declarados católicos, desde que começaram a ser aferidos tais dados pelo Instituto.

	1980	1991	2000	2010
<b>Católicos</b>	89%	84%	74%	65%
<b>Protestantes</b>	4%	9%	15%	22,4%
<b>Sem Religião</b>	1%	7,8%	7%	8%

Fonte: Censos de 1980/1991/2000/2010)

A se pensar pelo grande número de frequentadores das festividades, hipotetizamos as festas populares como importantes, porém a classificação em sua importância para o conceito de fé, intercessão e outros, sendo contrastados, pelos aspectos, digamos, de “paganismo” da festividade. As folias tem no imaginário coletivo, uma função importante, e a isto atribuímos sua pujança nos dias de hoje.

Ante a tudo o que trouxemos sobre Catolicismo do Povo, surge de fato, a necessidade de tutelar, por parte da Igreja Católica, que, observando o poder desta representação, viu-se na necessidade catequética de tomar partido em seus atos, num primeiro momento, não para tolher ou normatizar, mas para se fazer parte.

Nos aproximamos à teoria levantada por Eduardo Hoornaert (1989, p.49), reforçando a ideia de que

[...] o caráter social destas práticas religiosas, enfatiza que a festa, enquanto um ritual religioso, constituía-se em um interregno na labuta diária, dias especiais que fugiam do trivial singularizando a renovação de forças. Visita periódica de padres a regiões desprovidas de clero, a fim de proporcionar aos fiéis os sacramentos da Igreja, principalmente o batismo e o matrimônio. No século XVII, normalmente por carmelitas e franciscanos, no século seguinte por oratorianos portugueses e capuchinhos franceses e, ainda, por capuchinhos italianos e lazaristas, no século XIX, considerado o século por excelência das Santas Missões nos sertões do país.

Podemos, sem sombra de dúvidas, envolver a Igreja Institucional neste mesmo período histórico, em que o número crescente da população e dos devotos aos festejos, como os da folia, no século XIX, precisavam de um olhar muito próximo da Igreja: afinal, o Catolicismo Popular utiliza-se de seus santos, devocional e ritos. Tudo muito difuso e sem um parecer muito claro, a Igreja surge como esclarece Michel Vovelle (2012, p. 38) e vai além quando diz que

[...] assim como não há uma história imóvel, não há festa imóvel (...) as festas são sempre recriações e reapropriações, contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais”. Para o recomeçar efetivo, pois “aliavam o sagrado e o profano, a fé e o festar, o calor da oração coletiva e o riso, a música e o dançar, as solidariedades e os (re) encontros que, compõe um cenário de esperança por dádivas divinas e o reconhecimento pelas graças recebidas (2012, p. 56).

O povo reapropriou, e, de certa forma recriou um formato de catolicismo que lhes apetecia. Tinha seus santos e símbolos. Não havia o que se temia muito, com o crescente desenvolvimento do Protestantismo no Brasil, a renegação do Batismo, e enfraquecimento da Igreja, Santa, Madre e Acolhedora.

E nunca é demais atestar que o povo, por mais leniente que fosse, ante a ordem da Igreja, não abandonava sua força identitária, o que Bakhtin (2008, p.09) entende por:

[...] estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre os seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível. (BAKHTIN, 2008, p. 9)

E as folias nascem deste contato vivo, não sendo em demasia citarmos ainda o forte poder agregador do Catolicismo Popular, com suas relações, cores e teatralidade, ritualística e festejos, residentes justamente no gosto do povo em ter algo que os tirasse das lides de um Deus inquisidor e muito carrasco. Nisto o povo, recriou um Deus que lhes fizesse mais sentido e lhes fosse mais próximo, em nosso olhar, recriando as Folias.

### 3.3. Catolicismo Institucional

Em contraponto ao Catolicismo Popular está o Catolicismo Institucional. O dogmático, pragmático e esclarecido, até mesmo com relação aos santos. Mais cristocêntrico e abstrato (soteriológico) em que o santo só servirá de modelo para se seguir os passos de Cristo, portanto mais racionalizado, em que estabelece “um fim, a salvação, e os meios, a conduta, para atingi-lo” (WEBER, 2000, p. 292, 357-385).

E, para engendrar neste universo, precisamos entender como a Igreja Instituição se segmenta no Brasil, país colonizado pelos portugueses, com alto apelo catequético, trazidos pelos Jesuítas e implementado com o passar dos anos no Brasil. A esta forma consideramos chamar igualmente Azzi (1976) de Catolicismo Tradicional, com doutrinas religiosas rígidas, que observava a liderança de seus seguidores e sua disciplina. E ainda segundo Azzi (1976) o Catolicismo Renovado obediente às características de “romano, clerical, tridentino, individual e sacramental”.

Eram, de certa forma, dois catolicismos existentes, que para Azzi (1976) eram: “o tradicional marcado pela instituição do Padroado<sup>25</sup> no princípio da colonização e o

---

<sup>25</sup> É a designação do conjunto de privilégios concedidos pela Santa Sé aos reis de Portugal e de Espanha. Eles também foram estendidos aos imperadores do Brasil. Tratava-se de um instrumento jurídico tipicamente medieval que possibilitava um domínio direto da Coroa nos negócios religiosos, especialmente nos aspectos administrativos, jurídicos e financeiros. Porém, os aspectos religiosos também eram afetados por tal domínio. Padres, religiosos e bispos eram também funcionários da Coroa portuguesa no Brasil colonial. Isto implica, em grande parte, o fato de que religião e religiosidade eram também assuntos de Estado (e vice-versa em muitos casos). No período colonial, as atribuições e jurisdições do padroado eram administradas e supervisionadas por duas instâncias juridicamente estabelecidas no Reino português: a *Mesa de Consciência e Ordens* e o *Conselho Ultramarino*. A primeira, criada pelo rei Dom João III em 1532, julgava, por mandato papal e real, os litígios e causas de clérigos e de assuntos ligados às “causas de consciência” (práticas religiosas especialmente). A segunda tratava mais dos assuntos ligados à

renovado, implementado no século XIX”. E, conforme nossas incursões na temática, modalizaremos também, após este período, o catolicismo popular. Perfazendo assim três tipos de catolicismo.

Assim temos, de acordo com Azzi (1977, p.127) que

O catolicismo brasileiro nasceu e se desenvolveu sob a proteção e a dependência do padroado português. Este espaço histórico que ficou inalterado ao longo dos três séculos do período colonial, conferiu ao catolicismo brasileiro uma conotação particular: ele permaneceu sobretudo leigo, com um caráter claramente medieval.

Irromper as barreiras do surgimento do Catolicismo não é nossa intenção nesta pesquisa, porém, há que se ficar claro que devemos porquanto revelar ao menos a parte de sua identidade para que estabeleçamos um ponto de partida para uma reflexão maior, quando por exemplo, vamos tratar as formas do catolicismo em campo, junto ao povo.

Para Boff (1975, p. 37) o catolicismo é um princípio de encarnação do Cristianismo. É concreção histórica do Evangelho. É objetivação da fé cristã. O que nos promove por exemplo, a entender o aspecto individual, pois trata-se de um princípio que crê, e, traz para si o objeto da fé: o milagre. Que aqui iremos tratar como um fenômeno.

Assumir tais dimensões e ainda manter-se dentro do que se espera de conceito promove à expressão de mistérios, críveis ou não, factuais ou não. Aqui somente estabeleceremos a formalidade da apresentação científica de alguns deles.

Sem nos afastar muito da extensão da instituição, vemos sua supremacia e forma, enquanto aglutinadora e mantenedora de seu grupo de fiéis. Sem deixar de levar em conta seu patrimônio físico e gerencial espalhados em suas estruturas paroquiais, diocesanas e até mesmo do seu governo no Vaticano, sede da Igreja.

Não há como negar, ante o que já expusemos, a força e pujança do Catolicismo, enquanto força de aglutinação de pessoas. Ao questionarmos o porquê de tal força, nos aliamos ao pensamento do sociólogo Ulrick Beck (2003, p.210) que assim explicitou

O Catolicismo se mantém forte e operoso “pela sua memória e pela sua bagagem, pela sua noção de organização – tenhamos a serenidade de dizê-lo, com certa ousadia: pela sua ousadia. [...] Em resumo a Igreja Católica, institucional, é uma resposta, com mais cautela: ela talvez possa extrair de sua

---

administração civil e ao comércio. Faziam parte de ambos delegados reais, geralmente doutores em teologia nomeados pela Santa Sé. A união indissociável entre Igreja Católica e Estado português e espanhol marcou a ação colonizatória destes dois reinos em disputa pela hegemonia no comércio mundial no início dos Tempos Modernos e também as ações pastorais de atrair à fé católica os povos nativos das terras conquistadas, e ainda, a luta contra o avanço do protestantismo. O fim do regime de padroado no Brasil se deu com a Proclamação da República em 1889. Indicações de leitura: Eduardo HORNAERT (org.) (1983), Ronaldo VAINFAS (2000) e SOUZA (org.) (2003).

memória, algo que muitos consideram indispensável para a ação e o pensamento nas condições de globalidade.

Pela ideologia, crenças, organização ou memória tradicional o Catolicismo assume para nós uma forma analítica de entender a manutenção de seus dogmas e liturgias. Este nosso esquema narrativo, nos servirá para legitimar alguns aspectos que precisamos entender: a movimentação que há entre o institucional e o popular, e a resistência deste último.

### **3.4. Resistência do Catolicismo frente à modernidade: o Catolicismo institucional e o Catolicismo popular**

A ideia de resistência, se aplicada aos credos religiosos no Brasil, cabe muito cuidado e reflexão, uma vez que são muitas as variantes que devem ser consideradas. As noções impingidas ao Catolicismo no decorrer dos anos, mesmo pós Reforma Protestante<sup>26</sup> estabeleceu um quadro de adeptos e contrários aos ideais da religião.

Sendo assim a identidade de resistência casa com a perspectiva desta pesquisa e consegue, até certo ponto, explicar a condição das folias ante a tentativas de institucionalização por parte da igreja, modificações severas em seus ritos. Mas vemos que a construção de resistência

[...] é criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos. (CASTELLS, 1996, p. 24).

Antes, porém, de pensarmos a resistência da Folias, é importante olhar para a resistência da Igreja Católica aos ataques dos grupos religiosos e intelectuais contrários

---

<sup>26</sup> O pensamento e as práticas da Reforma chamada Protestante chegaram à América Latina e ao Brasil, contribuindo com as mudanças que o Cristianismo experimentou também no Centro e no Sul do continente americano. No caso do Brasil, a história registra que nas primeiras décadas do século XIX, beneficiados pela abertura dos portos brasileiros aos imigrantes, desembarcaram os primeiros imigrantes protestantes vindos dos Estados Unidos, após o término da Guerra de Secessão. Os pioneiros protestantes aportaram nos países da América do Sul formando as primeiras colônias com características confessionais acatólicas, conservando práticas agrícolas que foram fundamentais para o estabelecimento daqueles que aqui buscaram reconstruir suas trajetórias de vida. Instalados nesta parte da América, eles cultivaram hábitos religiosos que se diferenciavam dos praticados pelos católicos romanos, já presentes no continente antes de eclodir a Reforma Protestante na Europa.

às suas ações nas sociedades. Sob as bandeiras da liberdade religiosa e da separação entre o Estado e a Igreja, o catolicismo institucional foi perdendo muito espaço no mundo ocidental nos últimos dois séculos. Essa perda de influência social da Igreja produziu um movimento católico de resistência à sociedade moderna, com reflexos importantes sobre as manifestações do catolicismo popular. Isso ocorreu também no Brasil.

Desde a abertura portuária aos imigrantes, começaram a se formar colônias acatólicas, difundindo assim uma outra forma de Cristianismo. Mais maleável e sem tantos dogmas e rigidez.

Diante disso, o Catolicismo, mesmo com o espectro burocrata e dogmático, foi resistindo, mesmo perdendo número significativo de adeptos, porém com olhares muito gerenciais, se é que assim podemos dizer sobre as manifestações da religiosidade católica. Num primeiro momento, ainda no século XIX, a Igreja instituição procurou assumir o controle das devoções populares, interferindo em Irmandades e na organização dos santuários que recebiam um grande número de devotos. Já no início do século XX, essas grandes devoções populares como Nossa Senhora Aparecida e Divino Pai Eterno, entre outras, foram assumidas pela Igreja e passaram a representar movimentos importantes da resistência católica à perda de espaço na sociedade e à perda de fiéis.

Posteriormente, especialmente após a segunda grande guerra, algumas bulas papais e normas da Santa Sé, sede e coração da Igreja Católica, foram repensando e concebendo a ideia de uma igreja mais Cristocêntrica, menos burocratizada e mais aberta. Prova disso foram os movimentos, no Brasil, pró teologia da libertação, por exemplo, cujo aceite originou movimentos fortes que temos conhecimento. Segmentos como os Cursilhos da Cristandade, Movimento Carismático Católico e outros foram movimentando o cenário religioso brasileiro, e, com isto chamando a atenção das pessoas.

Mais recentemente, o fenômeno das missas-show, dos padres cantores e outros, tornaram a liturgia mais amena e menos protocolar. Fazendo com que o Catolicismo protagonizasse uma espécie de reascensão da crença, tendo missas arrebanhando milhares de pessoas, adorações em dons de línguas, aspecto muito utilizado pelos protestantes, e padres cantores e ou teólogos com publicações de livros, cuja teoria reforçava a ideia de Deus, iniciados na segunda metade do século XX.

Todos estes aspectos fizeram com que a Igreja, institucionalizada, se mantivesse com força de simpatizantes nos dias de hoje. A esta passagem atribuímos a ideia de resistência do Catolicismo institucional, diante dos dilemas vividos nos últimos séculos.

Já em relação à resistência do Catolicismo Popular frente ao Catolicismo Institucional, os embates foram mais internos. Das tentativas de controle pela Igreja oficial para com os movimentos populares, houve e há muitos enfrentamentos, especialmente em relação às formas de fazer que são características das manifestações populares. Ao que nos propõe pensar Magalhães apud Portella (2008, p. 34)

O catolicismo brasileiro pode ser definido como um caldeirão indentitário. Até alguns anos atrás, pesquisadores ao estudar o catolicismo, faziam uma clássica separação entre catolicismo popular e catolicismo oficial. Embora continue válida tal bipolaridade, constata-se, hoje, que o catolicismo apresenta, no interior destes dois eixos, e talvez em novos eixos que surgem e que aparecem como terceiras vias católicas [...] uma pluralidade de adesão, pertencimento e vivência do *ethos* católico extremamente rico.

Trazido como a bipolaridade de um mesmo cerne, a identidade das folias é esta pluralidade proposta pelo catolicismo popular: alegre e sem muitos dogmas. Há nisto, inclusive uma ação reacionária dos membros das folias ante a tentativa de institucionalização, que aqui chamamos de resistência.

Dentro desta perspectiva Isambert (1982, p.38) cria um paralelo muito válido para que pensemos a religião popular, e assim diz

Uma [das teorias] dá a religião popular o caráter de uma reação, mesmo de uma revolta contra a religião oficial, julgada muito opressiva, muito abstrata, ou simplesmente estrangeira. [...] A outra se insurge contra o caráter segundo dessa reação. Para ela “as religiões oficiais representam um tipo de ‘domesticação’ das religiões originalmente ‘selvagens’”. [...] De um ponto de vista metodológico, aparece desde então que a ambiguidade fundamental reside no fato de que a religião popular é abordada sob dois vieses diferentes e frequentemente misturados, mesmo se completamente incompatíveis. O primeiro é aquele de uma noção sinalizadora destinada a delimitar um espaço, a observação [científica] devendo dizer a posteriori as características do objeto encontrado em tal caso.

Isto posto, trazemos para a realidade de nosso objeto: as folias. Podemos claramente entender que mesmo, muitas vezes, incompatíveis com a liturgia da Igreja institucional, as folias se misturam neste grande imaginário coletivo de fé, cuja proposição está calcada no catolicismo. Nos dando o entendimento que por mais incompatível que possa parecer, são ambas faces de mesmo valor de crença, santos e ritos. Logo, entender as folias como resistência é trazer o atravessamento desta tentativa de ser aglutinada pela igreja oficial.

Por certo, o catolicismo popular se apresenta com seus santos, fenômenos, festas e simbologias próprias como elementos, e, em igual modo, se apresenta num estado religioso das classes populares.

Brandão (1993, p. 89) atenta para o fato de que esta forma de catolicismo se propõe como

[...] Uma religião não apenas popular mas oprimida, porque não apenas do povo, mas do povo oprimido. É nesse sentido que se pode dizer, com uma certa segurança, que uma espécie de Catolicismo Popular nasce dentro mesmo da Igreja.

Comprovando assim a ideia de que nasce, dentro da religião, outra religião. É um catolicismo dentro do catolicismo. Insurgente, repetimos. Com formato, muitas vezes anticlerical, com seus benzedores, rezadores oficiais de terço e gente que fazia batizados nas bandeiras dos santos.

E fica, para o imaginário coletivo a grande dicotomia entre o popular e a elite. Parker (1998, p. 199-200) combina com o que afirmamos quando diz que

Entre a religião oficial e a religião popular; a dialética entre as formas burguesa e intelectual da religião e o obscurantismo e/ou formas iletradas de fé; e a dialética entre uma cultura oficial e dominante (aquela das classes dominantes e da elite) e a cultura das classes baixas da sociedade.

Aqui, há de uma só vez a resolução dessas ambiguidades. Classe dominante e dominados. Resistores e resistentes. Logo, nas folias há uma presença significativa de pessoas iletradas, em sua maioria, analfabetos e que, no recorte do município de Morrinhos, lutam para que a tradição das folias permaneça viva.

Entendemos que há uma relação de poder estabelecida nesta forma de festa popular, como comprovado em investigações que fizemos nesta pesquisa. Conforme podemos ver que

[...] o poder não existe; existe sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social (FOUCAULT, 1979, p. 14).

Justamente nessas relações de poder é que residem as grandes problemáticas: de um lado o povo que não gosta, e por muitas vezes não aceita os desmandos das autoridades religiosas diante de seus rituais, e, de outro a Igreja Institucional que não permite perder seu espaço e a força articuladora de poder.

### **3.6. Circularidade cultural e as Folias**

Na tentativa de clarear mais ainda as relações existentes entre o homem e a religiosidade, entre a tradição e a crença, entre o rito e a memória, entre a identidade e a

história, queremos alinhar ainda um fator que emerge de todos esses aportes e que surgiu como parte importante no decorrer desta pesquisa.

Para além das reflexões iniciais surge-nos uma tentativa de ampliar o foco sobre as folias, como festa popular, com seus ritos gastronomia, falares, vestimentas e indumentária. Refletindo ainda mais sobre o conceito de cultura popular tornou-se nesta pesquisa um fundamento importante, pois, a dinâmica a que se propõe a circularidade cultural mais cabe à discussão após a comprovada noção de resistência.

Bakhtin quer a promoção e valorização da cultura popular deixando claro o seu dinamismo e influência numa cultura tida como hegemônica. O pensamento de circularidade cultural requer mostrar o pensamento sobre cultura popular de forma contemporânea, cujas expressões artísticas interajam de várias formas, umas influenciando as outras. Fato que notadamente ocorre nas folias.

Tanto em Bakhtin quando em Ginzburg, por exemplo, há o cuidado em valorizar as culturas populares em que o respeito às manifestações das pessoas simples deve ter mesmo peso na história que as mais abastadas.

Ao analisar a obra “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” (2008), Bakhtin, propõe um entendimento sobre a cultura popular cômica popular e a oficial, criando a famosa dicotomia entre popular e erudito. Porém, depois, há a desconstrução deste entendimento. Apresentando, por exemplo, a informação sobre ambas dizendo que

[...] o sério é oficial, autoritário, associa-se à violência, às interdições, às restrições. Há sempre nessa seriedade um elemento de medo e de intimidação. Ele dominava claramente na Idade Média. Pelo contrário, o riso supõe que o medo foi dominado. O riso não impõe nenhuma interdição, nenhuma restrição. Jamais o poder, a violência, a autoridade emprega a linguagem do riso. (BAKHTIN, 2008, p. 78)

Alocando, inclusive a afirmação do pensamento de antagonismo entre o popular e erudito, que mesmo não sendo nossa intenção, citaremos. Mas o que deixa o entendimento bakhtiniano mais intenso é que esta ideia é desconstruída, deixando claro que em vez de antagônicas as ideias são de integração e interação social.

Movendo-se para próximo das folias, nos apropriamos da ideia colocada por Bakhtin, intensificando o pensamento que há uma troca, recepção e construção de culturas. Para ser mais assertivo no termo: Circularidade Cultural.

Vemos que

É no fim da Idade Média que se inicia o processo de enfraquecimento mútuo das fronteiras entre a cultura cômica e a grande literatura. Formas inferiores

começam cada vez mais a infiltrar-se nos domínios superiores da literatura. O riso popular penetra na epopeia, aumentam as suas proporções nos mistérios. (...) A cultura cômica começa a ultrapassar os limites estreitos das festas esforça-se por penetrar em todas as esferas da vida ideológica. (BAKHTIN, 2008, p. 84)

Há sem dúvida, o que dissemos anteriormente: a desconstrução de ideia de antagonismos, quando se trata de cultura. O que há, de fato, inclusive nas folias é um permear constante em esferas diversas, dialogando entre si, aglutinando e cedendo de seu cerne, formando esta circularidade.

### 3.7. Aspectos peculiares, estéticos e fenômenos existentes nas Folias

Quando tratamos do que é popular, temos os referenciais simbólicos antes trabalhados, esclarecidos por Brandão (2010, p. 26) que não são todas as formas de tradições, que aqui admitiremos chamar de popular. As folias porquanto, mesmo alegres, com cantos e dança de catira, não se igualam, por exemplo, à ideia de popular do Carnaval.

O Carnaval não é alegre porque se canta e dança, mas porque cantado é possível por alguns momentos enunciar a possibilidade de transgressão e, sobretudo, da diferença, ainda que uma coisa e outra em momento algum desafiem a ordem que se alimenta da desigualdade. (BRANDÃO, 2010, p. 26)

Disso extraímos o potencial discursivo de que, mesmo que populares, as folias não podem ser colocadas na mesma igualdade de condições de outras tradições, folclóricas até, surgidas do povo. Trouxemos o contexto do carnaval para desmistificar a ideia de que as folias são uma propositura folclórica. Mas a ideia de que elas ultrapassam a barreira de somente ser tratada como cultura.

Não raro, em nossa pesquisa, foi encontrar em meio aos foliões algum benzedor ou folião que recebeu a reza para realizar batizados na bandeira ou fogueira. Geralmente esses atos são protagonizados pelos rezadores de terço das companhias de folia.

Dentre eles, tivemos o testemunho de Jerônimo do Zeferino, sobre um guia de folia falecido, o Sr. José Marinho, que benzia de tudo, pela bandeira de Santos Reis. “Gado brabo não chegava perto da gente”, afirmou o folião da região da Marcelânia, que nos recitou, inclusive, a reza de benzeção de cobreiro e seu ritual, que aqui traremos:

“Reza um Padre Nosso e o credo. Depois coloca a pessoa que está com o cobreiro, de costas para a porta. Tudo o que eu falar a pessoa tem de repetir. ‘Cobreiro *brabo*, que te cura? Madalena, perguntou Maria: - Cobreiro brabo,

com que curaria? – Ramo do campo, água do monte, leite da Virgem Maria.’ Ritual: é remedado três vezes, e o benzedor com o ramo na mão, passando em sinal de cruz por sobre o cobreiro. Em três benzedura cura” (Jerônimo do Zeferino, entrevistado; Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020)

Segundo nosso informante, foram muitas as curas de feridas de cobreiro, “zipela” (leia-se erisipela), conseguidas na bandeira de Santos Reis, São Sebastião e Nossa Senhora d’Abadia. Fato interessante é que nas folias, lidar com fatos místicos e de curandeiria são muito comuns.

Outro evento muito pontual e interessante é o relacionado à fenomenologia. São os fenômenos que acontecem nas folias, que, muitas vezes são explicáveis pela fé de seus devotos. Pudemos perceber que dos núcleos que compõe a companhia de folia, citados anteriormente, há os Pagadores de Voto, os Pagadores de Promessa, que ofertam os mais diversos sacrifícios ao santo devocional daquela folia.

Dentre as diversas formas de pagamento de promessa, pudemos presenciar algumas, que destacaremos aqui. Como por exemplo, girar um dia, três, cinco, sete ou nove com a companhia de foliões. Sempre em numeral ímpar, como manda a tradição dos foliões. Não difícil foi presenciar pessoas no giro com panos amarrados na boca ou com alguma máscara, pois, o pagamento do voto consistia em ficar em absoluto silêncio durante o giro, podendo somente se comunicar por acenos.

Vimos homens pagando voto, carregando a bandeira, funcionando como alferes, de pés descalços, como na Imagem 30.



Imagem 30 – Pagadora de Promessa, carregando a bandeira descalça. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

E também pudemos presenciar pessoas vestindo branco ou vermelho em todos os dias do giro, como forma de agradecer a uma bênção recebida. Outras vezes, até mesmo homens andando sem camisa, conforme na Imagem 31:



Imagem 31 – Pagador de promessa, sem camisa durante o giro. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Não raro, como dissemos, são objetos afixados na bandeira. Fotografias, em sua maioria. Atrás da fotografia, geralmente está o nome da pessoa beneficiada, a graça alcançada e a quantidade de tempo que a fotografia deve permanecer na bandeira.

Também pudemos presenciar um voto sendo pago que nos chamou muita a atenção. O voto a ser cumprido por alguém que fica deitado no chão, coberto com um pano branco, e os foliões passam por cima do devoto: sempre iniciando com o pé direito.

As Imagens 32 e 33 atestam tal prática.



Imagem 32 e 33 – Pagadores de Promessa, os foliões passam por cima dos devotos. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Assistimos ao que os foliões chamam tipicamente de “Queima”, Imagem 21, que consiste numa contenda, animada, gesticulando alguma briga entre Festeiro e Folião. Quando o giro da bandeira passa próximo à casa do festeiro, ele manda recado que vai acontecer o referido encontro. Dos dois o que mais soltar fogos vence a brincadeira animosa. Durante o *Queima*, muita música, toque de caixa e é servida cachaça aos que estão por lá.



Imagem 34 – Queima do Festeiro. Fonte: Pesquisa de Campo 2019 a 2020. MACHADO, 2020.

Os inúmeros símbolos de fé e ritualística que compõe o robusto mundo das folias, varia de lugar para lugar, porém o artifício da fé é algo de muito relevante e que observamos em todas as folias visitadas. Com seu rito próprio e presentificado na fé de seus adeptos, as folias ganham destaque neste cenário que ora colocamos.

## CONCLUSÃO

Adentrar num mundo extremamente rico, com principal relevância no fazer histórico, é algo de muito grandioso. Essa pesquisa teve como principal motivação oferecer uma visibilidade histórica a um processo cultural devocional muito presente no cenário da cidade de Morrinhos.

Observamos, em um primeiro momento, a necessidade de se levantar o estado da arte das folias para entender em qual possibilidade teórica iríamos calçar nossa intenção. Seguido a isto, começar a dar voz e visibilidade às falas de seus agentes.

Neste espaço de tempo iniciamos um fazer documental para tentarmos delinear perfis dos agentes de folias, que pudessem de alguma forma, atestar ou contradizer os fatos hipotéticos de nossa pesquisa.

Muitas teorias que levantamos foram descartadas, outras acrescentadas. Tivemos de abandonar muitos conceitos, que acreditávamos ser entendimentos prévios sobre este diverso grupo, e vimos que seria preconceito. Reconstituímos muitas ideias, para que pudessemos apresentar um produto próximo da verdade do povo, da ciência.

Trouxemos aqui dois anos de pesquisas que mostraram para além do fazer cultural, em uma fresta do tempo. Aqui ficaram, muito além de impressões, mas dados documentais que fazem sentido à ideia devocional popular, cheia de ritos e símbolos, em que o povo é o centro, fortalecido por sua fé num Deus providencial, cheio, muitas vezes, de barganhas, votos e promessas.

Cria-se então, o que já afirmamos ser, um catolicismo dentro de outro catolicismo. Cheio de riqueza de detalhes, que com os aportes de teoria, julgamos não se tratar de uma dicotomia entre erudito e iletrado, mas de algo híbrido, vindo duma mistura particular, em que o povo observa o formal e coloca para si, a seu modo. Mais leve, entendemos.

Não quisemos, com isto, mostrar confrontos, mas nuances formadoras, inventadas, que vão, não só, sobrevivendo, e sim para além da ideia de resistência, calcadas na perspectiva da circularidade: vão se somando, trazendo a todo momento um produto novo, ano após ano.

Esta pesquisa não se finda quando terminam essas linhas aqui trazidas, mas ela apenas incide olhar sobre algo muito forte, com características históricas de igual foça,

saídas do meio do povo, com muita representação e extremo cuidado para a fé e sua manutenção.

Durante a pesquisa de campo pudemos observar o ato devocional como sendo uma forma de proximidade com suas divindades. Em cada folia, dedicada aos inúmeros santos, vimos o compromisso de seus agentes, cuidadosos com o fazer das folias. Com extremo acolhimento, os foliões recepcionaram de forma muito interessante e efetiva, seja para as entrevistas, seja durante o giro. Foram computadas quase 70 visitas (saídas, chegadas, almoços e pousos, em todas as macrorregiões e microrregiões de levantamentos.

Observamos o fazer, a preparação, a espera e a fé de seus devotos quanto ao processo que envolve as folias. Vimos algumas folias mais severas, do ponto de vista disciplinar, outras menos. Mas o que dialoga de forma comum entre elas é o cuidado com os ritos e a importância da tradição.

Não queremos, nem podemos ou devemos exaurir, por não conseguir mesmo, este mundo das Folias. O que fizemos foi tentar, à luz da ciência, mobilizar autores para explicar, ou tentar, uma manifestação de fé religiosa com tanta efervescência, numa sociedade, considerada pós-moderna.

Compreender as folias é mergulhar num mundo de símbolos, rituais, aprendizados e percepções, muito fortemente ligados ao fazer do campo, cujas influências ganharam o território das cidades. Ressignificadas, entendemos, mas garantindo sua resistência, promovendo-se pela circularidade. As folias são perenes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA, Junior Benjamim. **Fronteiras múltiplas identidades plurais**; um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: SENAC, 2002.

ABREU, Martha. **O Império do Divino. Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

ALMEIDA, MG. **Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo**. In: SERPA, A., org. Espaços culturais: vivências, imaginações e representações [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 313-336. ISBN 978- 85-232-1189-9. *Available from SciELO Books* .

ALVES, Elaine Gonçalves. **A renovação carismática em Uberlândia: ritos, gestos e ações, espaço de fé e solidariedade em tempos de solidão**. 2002. 28 f. Universidade Federal de Uberlândia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Prof. Dr. Antônio Ricardo Micheloto. Revisto e reeditado em abril/2008.

ALVES, Aroldo Cândido. **Folia de Reis – Tradição e Identidade em Goiás**. Goiânia: Editora UCG, 2009.

ASSOULINE, Sabine. *La Galette des Rois tarde à venir*. Disponível em <http://extranet.editis.com/ityonixweb/images/322/art/doc/f/f9bc4e4182313432333736303231313738363234.pdf> , acesso em 15 de Abril de 2020, 18h51.

AZZI, Riolando. **A Instituição Eclesiástica durante a Primeira Época Colonial**. In: Hoornaert, Eduardo. História da Igreja no Brasil. TOMO II,1. Petrópolis: Vozes, 1976.

AZZI, Riolando. **A Cristandade Colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1977.

AZZI, Riolando. **Formação Histórica do Catolicismo Popular Brasileiro**. In: AZZI, Riolando, et al. A religião do Povo. São Paulo: Paulinas, 1978.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 6. ed. São Paulo: Ed. HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2008.

BAPTISTELLA, Rosana. **Mulheres em Cozinhas e Terreiros, Palcos de Chorados (MT) e Batuques (SP)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2004.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASCH, Scott. **Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1995.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Delta, 1980, p. 1125.

BISCOUTO FRESSATO, Soleni; NOVOA, J. L. B. . **Dicotomias da cultura popular religiosa afrodescendente no cinema de Glauber Rocha**. REVISTA PORTO, v. 1, p. 70-79, 2011.

BITTER, Daniel. **A Bandeira e a Máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais na Folia de Reis**. Rio de Janeiro: Tese de doutorado em Ciências Humanas, UFRJ. 2008.

BOFF, Leonardo. **Catolicismo Romano e Catolicismo Popular**. Revista Eclesiástica Brasileira, vol.36, fasc.141. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

BOFF, Leonardo. **Catolicismo Popular: que é Catolicismo?** Revista Eclesiástica Brasileira, vol.36, fasc.141. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do território**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Geografia cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Carlo R. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

- BRANDÃO, C.R. **Sacerdotes de viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BRANDÃO, Carlos R. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural**. In: SANCHIS, Pierre. *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo – um estudo sobre a religião popular**. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- BRUNETTI, A. A. **O Grande Jubileu do ano 2000**. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1996.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Templo, teatro e mercado**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio; São Bernado do Campo: UMESP, 1997.
- CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas – estratégias para entrar y salir de la modernidad**. 1ª Ed. 4ª reimpressão. Buenos Aires: Paidós, 1989.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2012.
- CASTELLS, M. *The rise of the network society*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CEVASCO, Maria Eliza. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CHARTIER, Roger. **Textos, impressão, leituras**. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da senzala a colônia**. São Paulo: UNESP, 1998.

CYMBALISTA, Renato. **Relíquias sagradas e construção do território cristão na Idade Moderna**. Anais do Museu Paulista, vol. 14, n. 2, São Paulo, Julho-Dezembro, 2006. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142006000200002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142006000200002), acesso em 02 de maio de 2020, às 21h42.

D'ABADIA, M.I.V. **Festas, Religiosidades e Saberes do Cerrado**. Anápolis: Editora UEG, 2018.

DINIZ, Sandro Alves. **A história do Sergipe**. Aracaju: UFS, 1991.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

ELIADE, Mircea. **Histórias das crenças e das ideias religiosas**, volume 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2010.

FEBVRE, Lucien. **Profissões de fé à partida**. In: \_\_\_\_\_. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença, Lda. 1989.

FERRETTI, Sergio. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: Edusp/ FAPEMA, 2007.

FONTES, Zilda Diniz. **Morrinhos: de Capela a Cidade dos Pomares**. Goiânia: Oriente, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREITAS, M. **O Imperativo Intercultural na Vida e na Gestão Contemporânea**. Revista O&S, vol. 15, n. 45, p. 79-89, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 30. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.

\_\_\_\_\_ (1936). *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. In: Giddens, A. ; Beck, U. ; Lash, S. Modernização reflexiva. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 72-133.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um Moleiro Perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOMES FILHO, Robson. **Os missionários redentoristas alemães e as expectativas de progresso e modernização em Goiás (Brasil, 1894-1930)**. Tese (doutorado em História em regime de dupla titulação). 2 Volumes. Niterói (RJ): Instituto de História da Universidade Federal Fluminense; Eichstätt (BY, Alemanha): Geschichts- und Gesellschaftswissenschaftsfakultät bei der Katholische Universität Eichstätt-Ingostadt, 2018.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **Sensibilidades e Performances Femininas nas Folias de Reis de João Pinheiro (MG)**. UCB: Brasília, 2009.

GONZÁLEZ, J.L. Panorama histórico. In: BRANDÃO, C.R. GONZÁLEZ, J.L. & IRARRÁZVALO, D. **Catolicismo popular: história, cultura, teologia**. Tomo III. Petrópolis: Vozes, 1993, p.13-79.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOONAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

HORTA, Ana Paula Santos. **Os reis da Canastra: os sentidos da devoção nas folias**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Agropecuário. Resultados Finais. Recenseamento Geral do Brasil. V.01, nº 4426.

ISAMBERT, François-André. *Le sens du sacré: fête et religion populaire*. Paris: Les Editions de Minuit, 1982.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LE GOFF, Jaques. **A bolsa e a vida: a usura na Idade Média**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- MADURO, Otto. **Mapas para a festa – reflexões latina-americanas sobre a crise e o conhecimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MATA, Sérgio da. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MAUÉS, Raimundo Herald. **A origem do culto dos santos: a promessa e o milagre**. In: *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.
- MESLIN, Michel. **Noção de religião popular**. In: \_\_\_\_\_. *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MOITA LOPES, L.P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.
- NACKE, O. *Informetria: un nuevo nombre para una nueva disciplina, definicion, estado de la ciência y principios de desarrollo*. *Revista Española de Documentación Científica*, 6 (3):183-203, 1983.
- NORA, Pierre. **Entre a memória e a história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*, nº 10, p. 7-28, dez, 1981.
- OLIVEIRA, C. D. M. de. **Geografia do Turismo**. São Paulo. Editora Paulistana, 2007.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Expressões religiosas populares e Liturgia**. In *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol.43, fasc. 172, dez. 1983.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. **“Religiões Populares”**. In Oscar Beozzo (org). *Curso de Verão II*. São Paulo, paulinas, 1988, p 107-123.
- PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PALACIN, Luís. **História de Goiás**. Goiânia: UCG, 1989.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Secularização: o fim da religião?** In: ANDRADE, Paulo Fernando de; BINGEMER, Maria Clara (Orgs.). *Secularização: novos desafios*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2012. p. 9-26.

PARKER, C. **Religiosidade Popular e Modernização Capitalista: outra lógica na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PASSERON, J.-C. *Le raisonnement sociologique: l'espace non-poppérien du raisonnement naturel*. Paris: Nathan, 1991.

PASSOS, Mauro (org.). **A festa na vida – significado e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2008.

PELEGRINI, S. C. A. e FUNARI, P. P. **O que patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008, p. 102.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em Festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Kelps, 2005.

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIZ, Madeleine. **As viagens dos reis magos**. Goiânia: UCG, 2007.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. IN: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acessado em 02/05/2020, às 00h15.

PORTELLA, Rodrigo. **A religião na sociedade secularizada: urdindo as tramas de um debate**. In: Numen, Revista de Estudos e Pesquisa da Religião, Juiz de Fora, UFJF, vol. 11, n. 1 e 2, 2008, p. 33-53.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.

REILY, Suzel Ana. **Voices of the Magi: Enchanted Journeys in Southeast Brazil**. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

RIGONATO, Valney Dias. **Por uma Geografia de/em transição R-existência e (Re)Habitação dos geraizeiros no médio vale do rio Guará, São Desidério, BA**. Tese de doutoramento. UFG, 2017.

RODRIGUES, Cláudio Eduardo. **O social e o religioso**. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

RÜSEN, John. **História Viva**. Brasília: Editora UnB, 2010.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à Província de Goiás**. RR Junqueira (trad.). Edusp: Belo Horizonte – Itaipava - São Paulo, 1975.

SANTEE, Rosilene Alves da Silva. **Ginásio de Morrinhos-Go (1936-1971) Instituição Católica de Ensino Secundário**. Dissertação de Mestrado. Catalão: Repositório UFG, 2017.

SCOLARO, Arcangelo. **A formação bíblica como precursora da educação do campo [manuscrito]: Diocese de Goiás 1967 a 1998**. Goiânia: PUC, 2016.

SEGUNDO, Juan L. **O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré**. São Paulo: Paulinas, 1985. t. 1.

SILVA, Affonso M. Furtado. **Reis Magos: história, arte, tradições, fontes e referências**. Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial, 2006.

SILVA, Augusto Soares. **O Mundo dos sentidos em português: Polissemia, Semântica e Cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

SOUZA, Laura de Mello. **Deus e o diabo na Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TEIXEIRA, Faustino. Meneses, Renata (Orgs.) **As Religiões do Brasil: Continuidades e Rupturas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, Edward P. **As peculiaridades dos ingleses**. In.: NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (orgs.). E. P. Thompson: as peculiaridades dos ingleses e outros artigos. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1998a. v. 1.

TORRES, J. C. de O. **História das Idéias Religiosas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1968.

TREMURA, W.A. **A música caipira e o verso sagrado na folia de reis**. Disponível em <http://www.hist.puc.cl/historis/iaspmla.html>. Acesso em 06/02/2020, às 17h44.

TURNER, Jonathan H. **Must sociological theory and practice be so far apart? Sociological Perspectives**. Berkeley, University of California Press, n. 41, p. 244-58, 1998.

TURNER, Victor. **Florestas de símbolos- aspectos do ritual ndembu**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

VOVELLE, Michel. **A Revolução Francesa (1789-1799)**. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: UNESP, 2012.

\_\_\_\_\_. Michel Vovelle: **Investidas contra a fragmentação**. Revista Pesquisa Fapesp, ed. 57, 2008.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no Século XIX: a reforma de Dom Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. SP: Ática, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus - um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

\_\_\_\_\_. Evangelho segundo Mateus 28, 18-20. **Bíblia Tradução Ecumênica- TEB**

## **ANEXOS – Entrevistas**

### **Questionário**

- 1- Você/Senhor se considera católico?**
- 2- Quais dos ritos da Igreja você/senhor participa? Você/senhor confessa? Comunga?**
- 3- Há quantos anos você/senhor está na folia?**
- 4- Quais as dificuldades que você/senhor encontra para manter a folia?**
- 5- Você/senhor atua em quantas folias?**
- 6- O que você/senhor considera importante na folia?**

**Legenda: Informanter: Ent.**

**Informante: Inf.**

Observação: Iremos colocar em cada transcrição da entrevista a forma com que foi realizada, pois devido a pandemia de COVID 19 tivemos de repensar a forma de acesso aos informantes, respeitando sua vontade: alguns admitiram a entrevista física, obedecendo a todas as normas de segurança do Ministério da Saúde, e enquanto outros preferiram a entrevista remota. Vale ressaltar que respeitamos todas as condições impostas por nossos informantes e seus Termos de consentimento Livre e Esclarecidos foram enviados aos que deram entrevistas remotas. Em ambos os casos, entrevistas físicas ou remotas, fotografamos, inclusive, com forma de afiançar a veracidade do momento.

### **Entrevista 1**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Nicanor Rodrigues Machado, mais conhecido por “Canorim”

**Profissão:** Fazendeiro    **Escolaridade:** Dois anos (Primário)    **Idade:** 77 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Eu sei que a gente deixa a desejar. Mas de uns anos para cá tenho sido muito católico. De muita fé. Me considero católico, fui batizado, fiz catequese.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Não. Preciso confessar, mas não confesso não. O padre disse um dia para eu comungar, mas eu achei errado, feria os princípios da Igreja.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** Há mais de 50 anos como guia, e folião há 62 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Uma das maiores dificuldades é que a folia é um grupo de pessoas que tem muitos dos 'folião' que não possuem muita fé, na hora dos *terço*, (SIC) por exemplo. E como capitão eu tenho a dificuldade de chamar a atenção de um folião. A gente conviver é muito difícil.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 7 Folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A religiosidade e a fé da folia. E a evangelização. Tudo pela fé.

-----

## **Entrevista 2**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Divino Alves Vieira, mais conhecido por “Dionito”

**Profissão:** Comerciante    **Escolaridade:** 1 ano de escola    **Idade:** 72 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim. Mas não frequento a Igreja.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Não confesso e só tomo a hóstia.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 40 anos como guia, e mais 10 como folião.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** O povo mudou demais, as fazendas não tem gente. E na cidade há muitos evangélicos, espíritas. A desobediência e a disciplina faz com que as coisas fiquem difíceis na cidade. E a falta de continuidade das folias. Os jovens não se interessam. Falta união das folias também. Os guias e capitães precisavam fazer um calendário de folia. Os foliões ficam tudo cansado.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 4 Folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Gosto da evangelização. Já vi muita coisa bonita ser feita na frente da bandeira de folia. Isto que deixa a gente feliz. A devoção do povo é bonita demais. Choram quando a sanfona toca e a gente abre o peito e faz o verso.

-----

### **Entrevista 3**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Ormelindo Barbosa Júnior, mais conhecido por “Júnior”

**Profissão:** Aux.Vendas **Escolaridade:** Ensino Médio Completo **Idade:** 22 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Católico praticante, ex-seminarista.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Comungo, Confesso e vou nas missas.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 3 anos como guia e mais 2 como folião, então 5 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Desde 2012, a urbanização mudou demais as folias. Não há muitos moradores que gostam da tradição e tem condição para dar ponto. E há um problema sério com relação a falta de foliões. Muitos vão morrendo. Às vezes temos de pegar foliões de 3 companhias para sair uma.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 6 Folias guiando e em mais umas 10 como resposta ou tocando instrumentos.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Na zona rural, as folias permanecem mais puras no ritual. Na cidade, pensam que é folclore, e, que não entendem muito da simbologia. Há muitas coisas no Catolicismo Popular que entra em choque com a Igreja Devemos aproveitar a evangelização que é o mais importante disso tudo.

-----

#### **Entrevista 4**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Renildo Faleiro da Silva

**Profissão:** Servidor Público **Escolaridade:** Superior Completo **Idade:** 42 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Católico praticante.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Comungo e Confesso.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 4 anos oficialmente como guia e mais de 20 anos como folião. Eu sou a 4ª geração de foliões da minha família, por parte de pai.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Dificuldade hoje são os pontos de almoço e pouso. As pessoas tem medo de assumir a responsabilidade. Todo almoço ou pouso virou festa. Está muito complicado, almoço com 200 pessoas, pouso com 500 ou 1000 pessoas. Pesa financeiramente.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 5 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A parte religiosa em primeiro lugar. Depois a parte folclóricas.

-----

### **Entrevista 5**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Agnaldo Cândido do Vale, mais conhecido por “Margoso”

**Profissão:** Empresário    **Escolaridade:** Pós graduado    **Idade:** 53 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim, demais. Muito católico, desde criança.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Comungo, participo das missas, mas não confesso não.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 40 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Hoje para manter a folia precisamos de pessoas para receber as folias. Não há romaria sem as casas para receber. E está ficando cada dia mais difícil. Junta gente demais nos pontos.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 3 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Transmitir para as pessoas que recebem a folia o espírito de fé e tradição. Relembrar as pessoas que se dedicaram a esse tipo de Catolicismo no passado.

-----

## **Entrevista 6**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Osvaldo Luiz de Oliveira

**Profissão:** Artista Plástico **Escolaridade:** não informado **Idade:** 65 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Católico atuante

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Comungo e vou nas missas. Faz tempo que não confesso.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 51 anos, entre instrumentista e guia.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A reposição de pessoas, os foliões precisam ser renovados, para não acabar com a tradição de fé das folias.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 2 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Justamente a organização da tradição: alegria, brincadeira e fé. O povo é que toma frente e faz sua devoção viva.

-----

### **Entrevista 7**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Beraldino Vicente de Souza Filho, mais conhecido por “Birá”

**Profissão:** Aposentado    **Escolaridade:** Assino e leio    **Idade:** 72 anos

**Condição da entrevista: Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.**

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim, considero, nunca virei outra coisa e não viro.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Comungo, Confesso, frequento as missas, sou Cursilhista, do Encontro de Casais com Cristo.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 40 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A maior dificuldade é de encontrar “folião”.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 8 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A importância das pessoas irem para a folia para rezar e cantar, levar a palavra de Deus. As folias modificaram muito, mas, as que eu tiro eu não deixo bebidas, o mundo mudou muito. O que eu consigo segurar da tradição dos tempo antigo eu faço.

-----

### **Entrevista 8**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** João Pedro Cabral, mais conhecido por “Cabral”

**Profissão:** Aposentado **Escolaridade:** Não tenho **Idade:** 68 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Comungo, Confesso e canto nas missas.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 49 anos de folia, ajudando no que precisa, de guia pra baixo.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A dificuldade maior é reunir um grupo de folião bem organizado e consciente, só isto.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 3 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A devoção que as pessoas tem com os santos da folia. Morrinhos tem muito disso. Devoção.

-----

### **Entrevista 9**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Márcio Fernandes de Melo

**Profissão:** Gerente de Qualidade      **Escolaridade:** Ensino Médio Completo

**Idade:** 52 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Católico.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Participo das missas e celebrações da Palavra. Confesso e comungo. Sou da equipe de canto da Diaconia da Santos Esposos.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 40 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** No meu ponto de vista é a disponibilidade de quem faz a folia para realizar elas. Com o passar dos anos e pelo trabalho, as pessoa não tem mais como participar. As pessoas antigamente eram mais disponíveis. Na minha época de fazenda, as pessoas arrumavam os terreiros e a lida e depois iam para a folia. As pessoas tinham pressa de limpar as roças para irem para a folia. Hoje as pessoas vieram para a cidade e se ocupam em trabalhar. A devoção fica para depois.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 5 folhas.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** O aspecto mais importante é a religiosidade. Eu que nasci vendo a folia, vi e aprendi o respeito à religião é a coisa mais importante. E também tem a questão da tradição.

-----

### **Entrevista 10**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** José Luziano Vieira, mais conhecido por “Zé Macaco”

**Profissão:** Serv.Público Mul. **Escolaridade:** Alfabetizado **Idade:** 58 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim. Até morrer se Deus quiser.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Vou nas festas, na missa, como a hóstia.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 33 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Encontrar folião. Estão ficando poucos demais.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 9 folhas.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A fé. As folhas são uma realização da fé do povão mesmo. É devoção nas coisa, sabe?! Tudo é a fé e devoção.

-----  
**Entrevista 11**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Pedro “Schimidt”

**Profissão:** Não informado    **Escolaridade:** Sabe ler e escrever    **Idade:** 65 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim. Mas não misturo na Igreja não. Só na folia.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Não participo. Só nas folhas mesmo.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** Mais de 45 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** De “arreunir” folião. Eles está tudo morrendo.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 4 folhas.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A devoção do santo.

-----

### **Entrevista 12**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Rodrigo Alves Pereira

**Profissão:** Jornalista de Voz    **Escolaridade:** Ensino Médio Completo    **Idade:**  
38 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Vou à missa, comungo. Já confessei, tem um tempo que não confesso.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** Desde 2008 como folião, 12 anos e desde 2016 como capitão, 4 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A maior dificuldade está na modernidade. As pessoas se afastaram da religião. Se esqueceram muitas vezes o papel importante das folias na sociedade.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 Folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Vai ao encontro da importância do nosso papel de evangelizar através da cantoria. Levar a história e a importância eu há, por exemplo, em Santos Reis, na vida do Salvador, Jesus Cristo.

-----

### **Entrevista 13**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Rodrigo de Oliveira Morais

**Profissão:** Artista/ Cantor **Escolaridade:** Mestre em Teologia **Idade:** 26 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Participo das missas e comungo.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 16 anos como folião e 6 como guia.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A dificuldade maior é a falta de tempo das pessoas. A rotina das pessoas não tem deixado que as folias sigam exatamente a tradição antiga.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** O aspecto importante é a paz de espírito, pela fé, pela lembrança de seus antepassados que gostavam de folia. O importante é o ato de religiosidade.

-----

#### **Entrevista 14**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Antônio Delfino Leite, mais conhecido por “Tõe Leite”

**Profissão:** Motorista **Escolaridade:** Ensino Fundamental I **Idade:** 65 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim, claro.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Não. Participo das folias, vou nas novenas aqui da roça mesmo, e nas folias.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 50 anos de folia, mais de 40 como guia.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A dificuldade é a seguinte, o guia de folia é como o ministro da igreja, e é a pessoa mais criticada. Colocar na frente como guia e capitão de folias você não consegue agradar a todos. Meu avô era chefe de folia, e eu vejo que não conseguimos seguir o mesmo ritmo de antes. As pessoas estão muito distantes da religião.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** Deixei de guiar folia. Mas participo de inúmeras folias. Tenho muitos amigos que estão à frente de companhias de folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** O mais importante dentro da folia é resgatar e relembrar o nascimento de Cristo. Evangelizar através da história da visitação dos Reis ao Menino Deus. Tudo dentro da simplicidade e fé.

-----

### **Entrevista 15**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Gabriel da Silva, mais conhecido por “Biela”

**Profissão:** Aposentado    **Escolaridade:** Um ano de primário    **Idade:** 78 anos

**Condição da entrevista: Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.**

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sou católico Apostólico Romano, rezador de Terço. Fui coroinha, bebia o vinho do Padre Osvaldo (Pe.Osvaldo Casellato) e do Padre Antônio.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Confesso, comungo. Rezo terço diariamente, igual almoçar e jantar.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** Desde 1968, são 52 anos, sem falhar um ano. Sou rezador de terço e capitão de duas folias. Benzo as casas com orações.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A dificuldade financeira, o transporte é pago. A despesa dos foliões e festeiros. Hoje anda muita gente nas companhias. Antes a gente pedia almoço e pouso era para 12 a 15 pessoas. Hoje tem almoço com 200 e pouso com 500. As pessoas não tem dinheiro e a despesa é alta.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 7 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** O mais importante na folia é que muita gente não tem condição de receber a palavra de Deus e na folia a gente vai até a casa das pessoas, levando a palavra de Deus. Isto é muito lindo.

-----

**Entrevista 16**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Adão dos Reis Fonseca

**Profissão:** Serv.Público Aposentado      **Escolaridade:** Ensino Fundamental I  
**Completo**    **Idade:** 62 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim, muito Católico.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Não participo de missa, sou amasiado. Não comungo e nem confesso.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 15 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A quantidade de pessoas que trabalham na folia está acabando. As folias está girando muitos dias e isto é uma dificuldade de arrumar folião. Arrumar as casas pra passar a romaria também. Junta gente demais e o povo não está em época de gastar muito não.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 7 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** O respeito e fazer as coisas bem feitas pelo santo que a pessoa está levando na folia. É muito sério. Tem de ter cuidado demais.

-----

### **Entrevista 17**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Sebastião da Silva, mais conhecido como “Sebastião Chapéu”

**Profissão:** Aposentado **Escolaridade:** Fundamental Completo **Idade:** 68 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim. Só vou na folia.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Em nada.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 40 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Liderar os folião é muito difícil.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 3 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** É chegar em uma casa e ter a nossa cantoria de oração respeitada. É muito gratificante. A devoção do povo deixa a gente emocionado demais.

-----

### **Entrevista 18**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Valdesson Rodrigues Marinho, mais conhecido por “Branco”

**Profissão:** Operário    **Escolaridade:** Ensino Fundamental I Completo    **Idade:** 56 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Católico.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Vou na missa e frequento as festas de santo da Igreja.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 35 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** A dificuldade maior é que nem todos os foliões tem tempo. Nem todo mundo é disponível. As pessoas tem muitas coisas pra fazer hoje em dia. Tem pouco tempo para a religião.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 4 folias, varia demais de um ano para o outro. Mas sempre ajudo quem me pede.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** É quando a gente reúne para a reza do terço e apita para começar a celebração religiosa. Iniciamos a peregrinação. A visitação nas casas é também muito importante. E quando apitamos para encerrar a folia também. Tudo é muito importante. Simbólico demais.

-----  
**Entrevista 19**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Jerônimo Afonso da Silva

**Profissão:** Serv. Público Aposentado      **Escolaridade:** Ensino Fundamental I  
**Completo**    **Idade:** 72 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via aplicativo Whatsapp.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Vou na Igreja, mas sou mais da folia.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 52 anos, girando e há mais de 45 anos como guia.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** As pessoas antigas da folia estão morrendo. As folias não podem perder o ritmo que ela tem. Nossa tradição de fé é muito rica. Só ela dá conta de tudo. A gente chega até Deus pela folia.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A devoção do povo. É incrível ver as milhares de pessoas que buscam a folia. A igreja é distante, a folia vai na porta da casa das pessoas, evangelizando. Levamos Deus até as casa.

-----  
**Entrevista 20**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Divino Luís da Silva, mais conhecido como Divino Teixeira

**Profissão:** Aposentado      **Escolaridade:** Ensino Fundamental I incompleto

**Idade:** 74 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim, desde menino nunca virei.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Já fui uns par de vez.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 62 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Não encontro dificuldade. Nunca tive. Vejo a fé acima de tudo.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** Já trabalhei com 36 capitães de folia, e hoje estou em 6 folias.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Uma coisa que é importante é a humildade que carrega a folia. Temos de obedecer o ritual: a reza e a cantoria. A folia é de muita humildade. Levamos a ideia do santo, com muita fé e fervor.

-----  
**Entrevista 21**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Atamir Silvério Pereira, mais conhecido com Atamir

**Profissão:** Aposentado    **Escolaridade:** Ensino Fundamental I Completo    **Idade:**  
72 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via ligação telefônica.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Tenho vontade de ser, estou no caminho.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Participo de tudo, sou até Ministro da Sagrada Eucaristia.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 58 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Tem muita gente ocupada. Esse ano fomos os patrões da folia. Os folião faz o compromisso e na hora não vão. Isso é ruim. E chega na hora tem dificuldade de arrumar folião. Muita gente anda sem função da folia, junta um povão danado para andar à toa. Folia é uma religião e todo mundo que vai tem de ter uma função.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A imagem que a gente tá acompanhando. Cheia de fé e segredo.

-----  
**Entrevista 22**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Lázaro Alves Di Toledo

**Profissão:** Gerente de fazenda      **Escolaridade:** Ensino Fundamental I Completo

**Idade:** 52 anos

**Condição da entrevista: Entrevista remota, via whatsapp.**

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Graças a Deus.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Moro longe demais da Igreja. A comunidade aqui acabou. Então quase não vou na missa.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 35 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Manter a tradição junto das pessoas. As pessoas só querem girar com a folia mas não tem interesse em aprender. O mais difícil é a renovação de foliões.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** É uma coisa que quase ninguém fala, mas é a devoção e a tradição. Muitos andam só por andar e isto é ruim. Quando a pessoa entende a tradição e passa a ser devoto, nunca mais deixa.

-----  
**Entrevista 23**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Osvaldo Dias de Moraes

**Profissão:** Serv. Públ. Estadual - Aposentado      **Escolaridade:** Ensino Fundamental Completo      **Idade:** 75 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota via chamada telefônica.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Já fui umas vezes, mas não participo muito.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 45 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Liderar os foliões.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A devoção e a fé no santo da folia. Tudo que a pessoa vive na folia é muito bonito. Evangelizar através da cantoria e levar a mensagem nas casas é muito melhor que ir na Igreja. A casa do povo vira a Igreja. A gente reza e é alegre. Igual Deus quer da gente, viver em harmonia.

-----

### **Entrevista 24**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Sebastião Alexandre

**Profissão:** Produtor Rural      **Escolaridade:** Ensino Fundamental Completo

**Idade:** 79 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota, via chamada telefônica.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Só vou na folia.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 61 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Hoje está custoso, a maioria dos foliões, como sempre foi, são 'pobre' e não podem se afastar do serviço por muito tempo. Tem de zelar das suas famílias. Os jovens que poderiam assumir, não tem tanto compromisso. Esta é a dificuldade.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A irmandade e respeito durante o giro, isto não é fácil, sem fé em Deus nada funciona. A união para levar a Palavra é o mais bonito.

-----

### **Entrevista 25**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Iris José Carvalho de Souza, conhecido por “*Irim*”

**Profissão:** Serv.Público   **Escolaridade:** Ensino Fundamental Completo   **Idade:** 49 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota, via chamada telefônica.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Só vou nas festas de folias. Não pratico muito.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 40 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** O mais difícil é fazer e treinar novos foliões. Hoje é computador e celular. A folia, o povo acha custoso. Achar companheiros para suprir a falta dos foliões que se vão.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 5 folhas.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** A primeira a devoção. Depois a tradição religiosa. A cantoria, a comida benzida e partilhada, tudo é fé. Tudo para o povo. Evangelização simples, sabe.

-----  
**Entrevista 26**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

**Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Miguel Pinto Filho, conhecido por “*Miguelim*”

**Profissão:** Produtor Rural    **Escolaridade:** não informada    **Idade:** 78 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota, via chamada telefônica (telefone de contato da vizinha, Sr. Florentina, que dista 2 km da fazenda do informante).

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Considero sim

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Sempre que dá.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 40 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** O mais difícil é os folião. Tá ficando muito pouco. Em tudo tem os verso, a saída, a chegada. Tem de ter gente sabida nas função. Senão, não fica bonito.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** Já andei em inúmeras folias, até no Pará. Mas hoje, só as 3 folias aqui da minha região mesmo.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** O mais importante é a turma tá reunida. Unidos. Levando a Palavra. A gente leva Deus nas casa, com a bandeira do santo, sabe como é? A gente leva Deus. É bom demais.

-----

### **Entrevista 27**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Wilson Rosa da Silva, mais conhecido por “Wilson Rosa”

**Profissão:** Serv. Público e Artista    **Escolaridade:** Ensino Fundamental Completo

**Idade:** 54 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista física concedida em espaço aberto, arejado e contemplando as normas de segurança preconizadas pelo Ministério da Saúde.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim. Deixamos a desejamos demais, mas sou católico.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Tenho a catequese completa e tudo mais.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 30 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** Dificuldade hoje é folião. Quase não tá tendo. Os novos não têm responsabilidade.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 Folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Ela é importante em tudo. Mas o mais importante mesmo é o terço. A cantoria também. É a fé levada durante os trajetos do giro nas casas. Levamos a fé até o povo, pelas folias.

-----

### **Entrevista 28**

Observação: Estas informações foram colhidas conforme a resposta do Informante.

#### **Caracterização do Informante**

**Nome/Apelido:** Juliano Reis de Oliveira

**Profissão:** Celetista    **Escolaridade:** não informada    **Idade:** 40 anos

**Condição da entrevista:** Entrevista remota, via chamada telefônica.

**Ent.** Questão 1.

**Inf.:** Sim.

**Ent.** Questão 2.

**Inf.:** Não faço e não vou em nada. Só nas folia mesmo.

**Ent.:** Questão 3.

**Inf.:** 30 anos.

**Ent.:** Questão 4.

**Inf.:** É o seguinte. É complicado... O pessoal não tem vocação mais. Acha que é farra, é festa. Reunir os foliões compromissados é muito difícil. O pessoal de idade vai morrendo e os novos não tem compromisso. Não tem a doutrina e a disciplina. Isso não se ensina facilmente não. São muitos dias de jornada. O giro é pesado demais.

**Ent.:** Questão 5.

**Inf.:** 1 folia.

**Ent.:** Questão 6.

**Inf.:** Eu penso que o guia de folia tem a responsabilidade de levar a fé. Com qualidade, repertório de versos e tudo mais. Tem de ter muito preparo. Por isto as folias ainda resistem. Temos bons guias de folia que não deixa as coisas se perder.

-----

## **Registro comprovador das entrevistas (Recomendação do Conselho de Ética em Pesquisa)**

### REGISTRO DE ENTREVISTAS

Observação: Registro das entrevistas realizadas, de forma remota e presenciais. Será obedecido o critério de organização estabelecido nas entrevistas, devidamente numeradas e conforme o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Espontâneo.



Entrevista 1 – Nicanor Rodrigues Machado – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 2 – Divino Alves Vieira, “Dionito” – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 3 – Nicanor Rodrigues Machado – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



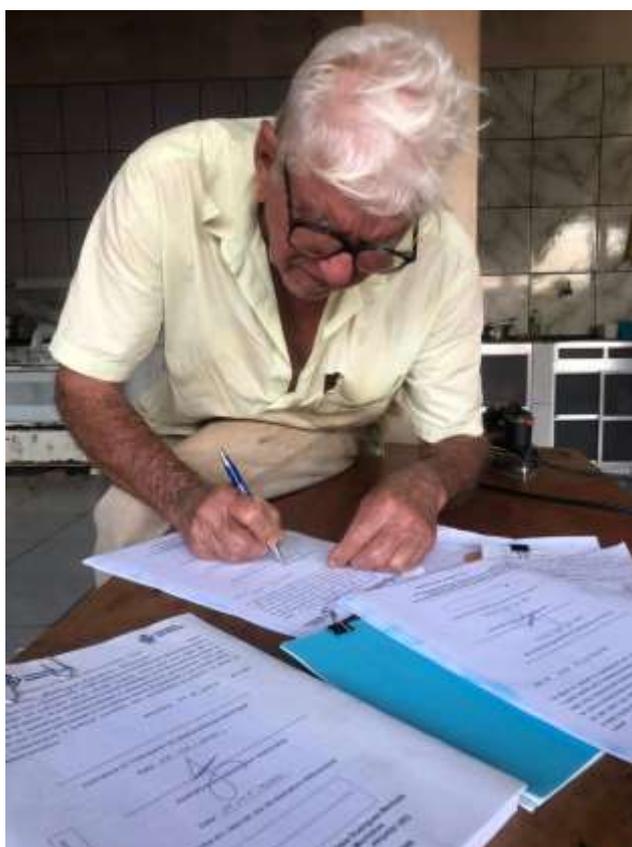
Entrevista 4 – Renildo Faleiro da Silva – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 5 – Agnaldo Cândido do Vale – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 6 – Osvaldo Luiz de Oliveira – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 7 – Beraldo Vicente de Souza Filho, “Birá Barba” – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 8 – João Pedro Cabral – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 9 – Márcio Fernandes de Melo – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 10 – José Luziano Vieira, “Zé Macaco” – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.

Entrevista 11 – Pedro Schimidth – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020. Não autorizou registro fotográfico.



Entrevista 12 – Rodrigo Alves Pereira – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 13 – Rodrigo de Oliveira Morais – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 14 – Antônio Delfino Leite – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 15 – Gabriel da Silva, “Biela” – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 16 – Adão dos Reis Fonseca – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 17 – Sebastião da Silva, “Sebastião Chapéu” – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



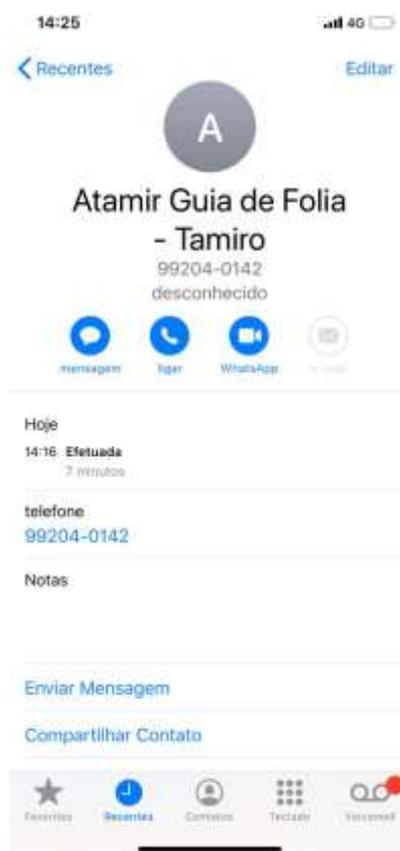
Entrevista 18 – Valdesson Rodrigues Marinho – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 19 – Jerônimo Afonso da Silva – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



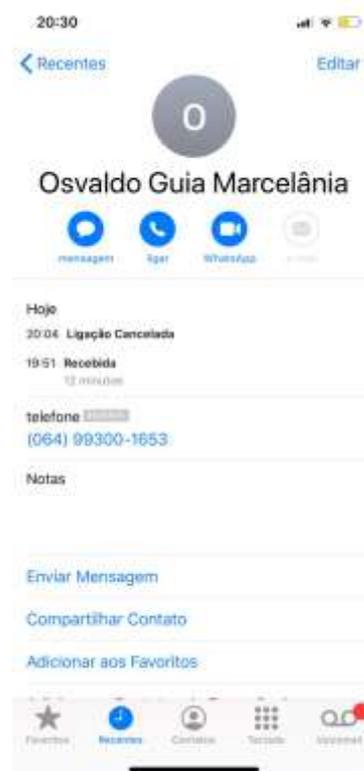
Entrevista 20 – Divino Luiz da Silva – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 21 – Atamir Silvério Pereira – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



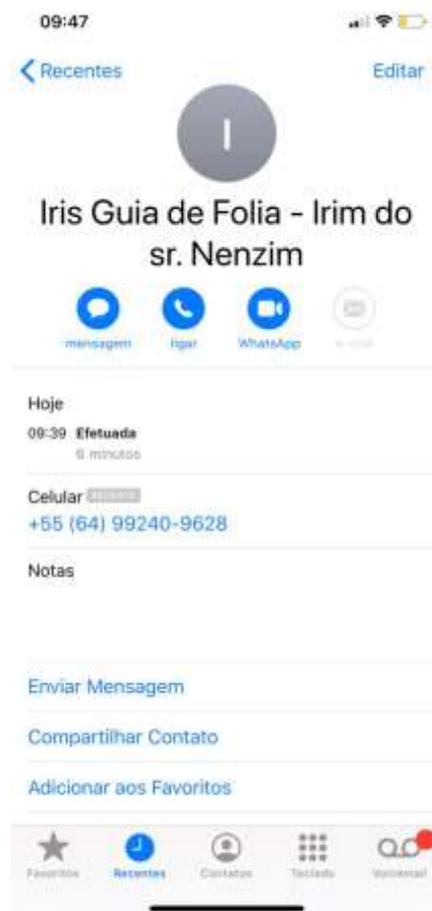
Entrevista 22 – Lázaro Alves Di Toledo – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 23 – Osvaldo Dias de Moraes – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 24 – Sebastião Alexandre – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



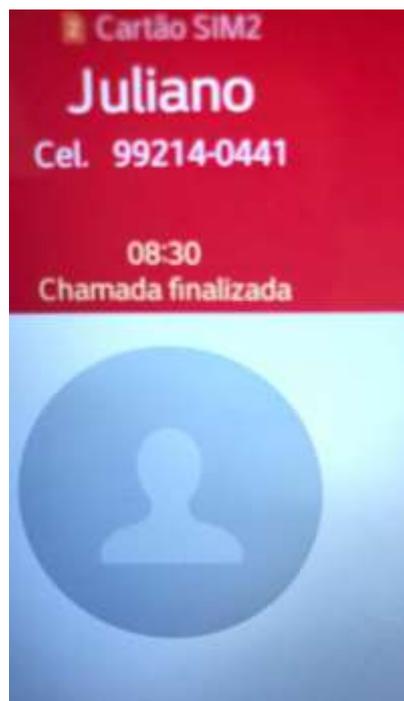
Entrevista 25 – Iris José Carvalho de Souza – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 26 – Miguel Pinto Filho – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 27 – Wilson Rosa – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.



Entrevista 28 – Juliano Reis de Oliveira – Pesquisa de Campo de 2019 a 2020.

